

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

Marcelo Augusto Miyahiro

O Brasil de Élisée Reclus:
território e sociedade em fins de século XIX

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

Marcelo Augusto Miyahiro

**O Brasil de Élisée Reclus:
território e sociedade em fins de século XIX**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana
Orientador: Prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto

São Paulo
2011

Dedico este trabalho a Rosa Nagamine Miyahiro, minha mãe e a José Miyahiro, meu pai que sempre me apoiaram, cada um a seu modo, para que o autor dessas palavras atingisse seus projetos e sonhos...

AGRADECIMENTOS

Necessito agradecer a algumas pessoas que, de modos diferentes, participaram direta ou indiretamente na elaboração desse trabalho.

Agradeço ao Professor Doutor Manoel Fernandes de Sousa Neto pela orientação e por entender as minhas limitações e erros de aprendiz nesse mundo da pós-graduação e da pesquisa.

Ao Professor Doutor Antonio Carlos Robert Moraes e a Professora Doutora Maria Amélia Mascarenhas Dantes pelas críticas e sugestões apresentadas no exame de qualificação.

Ao David Alejandro Ramírez Palácios pelo diálogo e troca de materiais sobre Élisée Reclus e ao Adriano Gonçalves Skoda pelas conversas e ajudas oportunas.

As jovens amigas veteranas de pós-graduação Elisângela Couto e Aline Lima Santos que colaboraram em um momento central na elaboração desse trabalho.

Aos amigos do tempo de graduação e companheiros de ofício Adriano de Siqueira, Carlos Santos Machado Filho, Lúcio Cazuzza e Marcio Henrique de Mello Pereira que de formas diferentes acompanharam minha caminhada nessa jornada.

Ao José Josberto Montenegro Sousa, Adriana Lourenço Lopes e Clarissa Moreira dos Santos Schmidt que sempre me incentivaram a continuar meus estudos em nível de pós-graduação.

A Miley Antonia Almeida Guimarães pela correção e tradução do resumo e do *abstract*.

A Daniele Carolina Jacinto agradeço seu amor, companheirismo e alegria durante nossos primeiros passos juntos, como também a compreensão da natureza do trabalho intelectual, e, por fim, a paciência de que um dia o mestrado acaba...

Finalmente, agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) pela concessão do Afastamento para Participação em Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* no País.

“He dicho Escuela del Sur; porque en realidad *nuestro norte es el Sur*.
No debe de haber norte, para nosotros, sino por oposición a nuestro Sur.
Por eso ahora ponemos el mapa al revés, y entonces ya tenemos justa idea de nuestra
posición, y no como quieren en el resto del mundo.
La punta de América, desde ahora, prolongándose, señala insistentemente el Sur, nuestro
norte.”

Joaquín Torres García

RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa na área de história da geografia, baseada no estudo da obra *Estados Unidos do Brasil: Geographia, Ethnographia, Estatística* (1900), de Élisée Reclus. Originalmente, esta obra constitui-se como o capítulo *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *Nouvelle Géographie Universelle (NGU)*, publicada em 1894, em que o geógrafo francês estudou as regiões Amazônica e do Prata: Guianas, Brasil, Paraguai, Uruguai e a Argentina. Para tanto, Reclus realizou, em 1893, a sua última grande viagem ao redor do mundo – seu destino foi, pela segunda vez, a América do Sul, especificamente, Argentina, Brasil, Chile e Uruguai – patrocinada pela editora Hachette para subsidiar a produção do último número da *NGU*. Esta obra alinhava-se ao espírito das enciclopédias geográficas universais que marcaram o século XIX por também ser resultado da sistematização do conhecimento das diferentes latitudes e longitudes da Terra. Desse modo, o objetivo desta pesquisa é descrever e analisar uma visão de Brasil no contexto do final do século XIX. Para isso, são apresentadas algumas palavras sobre a viagem científica de Reclus ao Brasil. A seguir, é estudada a representação do Brasil na *Nouvelle Géographie Universelle*. Por fim, a tradução de Ramiz Galvão para o Brasil de Reclus é estudada, verificando o contexto de sua publicação e as contestações do tradutor acerca da idéia de Brasil produzida pelo geógrafo francês.

Palavras-chave

Geografia; História da Geografia; Brasil; Élisée Reclus; Ramiz Galvão.

ABSTRACT

This dissertation is the result of research in the area of History of Geography, based on the analysis of the body of work *Estados Unidos do Brasil: Geographia, Ethnographia, Estatistica* (1900), by Élisée Reclus. This work was originally published in the chapter *États-Unis du Brésil* contained in tome XIX of *Nouvelle Géographie Universelle (NGU)*, published in 1894, in which the French Geographer studied the Amazonian and Prata regions: Guyanas, Brazil, Paraguay, Uruguay and Argentina. In order to accomplish his work, in 1893, Reclus made his last great trip around the world – his destination, for the second time, was South America, specifically, Argentina, Brazil, Chile and Uruguay – sponsored by Hachette publishing company to subsidize the completion of the last number of *NGU*. This work was aligned to the spirit of the Universal Geography encyclopaedias as it also derived from the systematization of knowledge of the Earth's different latitudes and longitudes. Considering this, the objective of this research is to describe and analyse a vision of Brazil in the context of the end of the 19th century. For this, some words about the scientific trip of Reclus to Brazil are presented. Then, the representation of Brazil in *Nouvelle Géographie Universelle* is studied. Finally, the translation by Ramiz Galvão of the Brazil of Reclus is studied, verifying the context of its publication and the translator's divergent opinion on the idea of Brazil conveyed by the French Geographer.

Keywords: Geography; History of Geography; Brazil; Élisée Reclus; Ramiz Galvão.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. República dos Estados Unidos do Brazil (1889).....	29
Mapa 2. Rede das Vias Ferreas do Rio, Minas e S. Paulo.....	51
Mapa 3. A divisão regional do mundo, a partir da <i>Nouvelle Geographie Universelle</i> (1876-1894) de Élisée Reclus.....	67
Mapa 4. Antigas divisões políticas e fronteiras do Brasil.....	74
Mapa 5. A divisão regional do Brasil, a partir da <i>Nouvelle Geographie Universelle</i> (1894) de Élisée Reclus.....	76
Mapa 6. Plano de Viação de Eduardo José de Moraes.....	78
Mapa 7. Brasil e Portugal.....	83
Mapa 8. Relevo do Territorio Brasileiro.....	85
Mapa 9. Divisão Política das Guianas com o Brasil, a partir da <i>Nouvelle Geographie Universelle</i> (1894) de Élisée Reclus.....	125
Mapa 10. Mapa (Amapá) e Baía do Carapaporis, a partir da <i>Nouvelle Geographie Universelle</i> (1894) de Élisée Reclus.....	129

LISTA DE DESENHOS E GRAVURAS

Entrada da Bahia do Rio de Janeiro. Desenho de Taylor, segundo photographia.....	87
Interior d'uma choça dos Ticunas. Desenho de J. Lavée, por uma photographia emprestada pela Biblioteca do Museu.....	88
Choças de indios orejones do Içá. Desenho de Riou, segundo uma photographia de J. Crevaux.....	89
Indios Carajás. Gravura de Thiriat, segundo photographia emprestada pelo sñr. Coudrau.....	90
O Cafezal. Desenho de G. Vuillier, segundo photographia.....	91
Grupo de Araucarias, em S. Paulo. Desenho de Boudier, segundo photographia.....	92
Porto de Santos, Vista Tomada em 1891. Grav. de Bocher, segundo photographia.....	93
Paizagem de Matto-Grosso. – As Margens do Aquidauana. Desenho de A. Slom, segundo esboço offerecido pelo Snr. Taunay.....	94
Mulas transportando minereo. Desenho de A. Paris, segundo photographia.....	95

Porto do Recife. – Vista tomada do Recife.

Desenho de Th. Weber, segundo photographia.....96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Perfis dos sócios presentes a 8ª sessão ordinária de 30 de junho de 1893 do IHGB.....	37
Tabela 2. Perfis dos sócios presentes a sessão extraordinária de 18 de julho de 1893 da SGRJ.....	45
Tabela 3. Perfis dos sócios presentes à sessão de 25 de outubro de 1898 da ABL.....	103
Tabela 4. Número de citações das principais referências tropicais presentes em <i>EUB</i>	109
Tabela 5. Número de obras citadas entre as principais referências tropicais presentes em <i>EUB</i>	110
Tabela 6. Estatística das notas do tradutor em <i>EUB</i>	114
Tabela 7. Total de páginas por capítulo e as notas do tradutor em <i>EUB</i>	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL - Academia Brasileira de Letras
AGB - Associação de Geógrafos Brasileiros
BN - Fundação Biblioteca Nacional
BnF - Biblioteca Nacional de França
DG - Departamento de Geografia
EUB - Estados Unidos do Brasil
FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
IEB - Instituto de Estudos Brasileiros
IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil)
IN - Imprensa Nacional
INEGI - Instituto Nacional de Estatística e Geografia (México)
MN - Museu Nacional
MRE - Ministério das Relações Exteriores
NGU - Nouvelle Géographie Universalle
SAIN - Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional
SGRJ - Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro
SBG - Sociedade Brasileira de Geografia
UFF - Universidade Federal Fluminense
UGI - União Geográfica Internacional
UNAM - Universidade Nacional Autónoma de México
UNB - Universidade Nova de Bruxelas
UNESP - Universidade Estadual Paulista
USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	04
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1. A VIAGEM CIENTÍFICA DE ÉLISÉE RECLUS AO BRASIL	
O Brasil que Reclus encontra em sua viagem.....	19
As sociedades geográficas com quem dialoga Reclus.....	33
Dos percursos tropicais aos brasileiros com quem trabalha Reclus.....	47
As cartas tropicais de Reclus.....	55
CAPÍTULO 2. O BRASIL DA NOVA GEOGRAFIA UNIVERSAL DE RECLUS	
Os fundamentos científicos e filosóficos de Reclus.....	59
O contexto de uma obra que se pretende universal.....	63
A partir do sumário: modos de olhar um país.....	69
A cartografia do Brasil da <i>NGU</i> por Charles Perron.....	79
Algumas iconografias do Brasil da <i>NGU</i>	85
CAPÍTULO 3. O BRASIL DE RECLUS TRADUZIDO POR RAMIZ GALVÃO	
O contexto de uma tradução: a publicação de <i>EUB</i>	97
As referências tropicais do Brasil de Reclus: um exame bibliométrico.....	106
Uma tradução, várias dissensões.....	112
Um apêndice para explicar polêmicas: a controvérsia França / Brasil em torno da fronteira Guiana / Amapá.....	117
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
REFERÊNCIAS.....	135

INTRODUÇÃO

André Meynier inicia seu livro¹ com uma pergunta. O que representa o hiato entre os anos da morte de Humboldt e Ritter em 1859 e a publicação das obras de Vidal em 1900? (MEYNIER, 1969) O próprio autor responde a pergunta no capítulo sugestivamente intitulado *Le temps de l'éclosion (1872-1905)*. Na segunda seção do capítulo do tempo da eclosão, Meynier escreveu sobre *Le bouillonnement créateur*, e apresentou Élisée Reclus, entre outros geógrafos franceses que viveram o *fin de siècle* XIX como intelectuais do período e, portanto, viveram entre o hiato dos geógrafos alemães e Vidal.

Por sua vez, Manoel Fernandes de Sousa Neto em seu artigo nos apresenta reflexões provocantes e propositivas acerca da história da ciência e da história da geografia, em suas palavras:

E se faz necessário que não apenas saibamos quais são as fontes, mas onde encontrá-las e os modos de fazê-lo. É preciso, portanto, uma sólida política de pesquisa na área, para que a história da ciência, entre nós, não continue a ser obra de aventuras pessoais. [...]

Essa dificuldade com as fontes, deriva em muito, ainda, de muitos acharem que fazer uma história da ciência é fazer uma história das instituições, pessoas, escolas, e idéias que, digamos assim, deram certo, foram adiante, fizeram sucesso. Quase ninguém parece querer contas *as histórias* que foram colocadas fora da História, digamos assim, não é importante saber quem foram os carpinteiros do cavalo de Tróia mas, cá entre nós, aqueles carpinteiros eram geniais.²

Este trabalho teve como um de seus motivadores a avaliação do *hiato* a que Meynier se referiu, e simultaneamente, construir um entendimento da obra de Élisée Reclus em que descreveu e analisou o Brasil no final do século XIX, para

¹ MEYNIER, André. **Histoire de la Pensée Géographique en France (1872-1969)**. Paris : Presses Universitaires de France, 1969.

² SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. As Outras Histórias ou da Necessidade Delas. **Terra Brasilis**, Rio de Janeiro, n. 2, 2000a, p. 140-141.

tanto, esse trabalho se inscreve no diálogo com “uma história mundial da geografia”³.

Essa dissertação se apresenta como o amadurecimento de alguns trabalhos⁴ que foram apresentados em eventos científicos com o objetivo de nos aproximarmos cada vez mais de um aprofundamento de nossos estudos, a partir do estabelecimento do diálogo com outros pesquisadores em história da geografia e áreas afins.

Igualmente, torna-se mais que necessário lembrar das críticas, sugestões e indicações apresentadas pela banca examinadora da qualificação que contribuiu de forma *sine qua non* no processo de construção dos rumos da pesquisa. Da imensa gama de contribuições argüidas por nossos examinadores, desejamos destacar uma, a saber: que o capítulo *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *Nouvelle Géographie Universelle*⁵ e sua tradução *Estados Unidos do Brasil*⁶ deveriam ser estudadas como obras não anarquistas do geógrafo anarquista Élisée Reclus.

As considerações acima que dizem respeito à anarquia e a geografia em Reclus foram assimiladas e usadas como um pressuposto, em razão de que, para

³ BERDOULAY, Vincent; VARGAS, Héctor Mendoza. Por una historia mundial de la geografía. In: _____. **Unidad y diversidad del pensamiento geográfico en el mundo**. Retos y perspectivas. México: UNAM; INEGI; UGI, 2003b, p. 9.

⁴ MIYAHIRO, Marcelo A. Élisée Reclus e a Geografia do Brasil: “São Paulo e os Paulistas” no final do século XIX. In: ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 12., 2009, Montevideo. **Anais eletrônicos...** Montevideo: Universidad de la República, 2009. Disponível em : < http://egal2009.easyplanners.info/programaExtendido.php?sala_ =D%20-%2038&dia_ =SABADO_AREAS_1_2_3_4>. Acesso em : 11 abr. 2009; MIYAHIRO, Marcelo A. A viagem científica de Élisée Reclus ao Rio de Janeiro da Primeira República. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, 2., 2009, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2009. Disponível em : <<http://enhpgii.wordpress.com/trabalhos>>. Acesso em : 13 nov. 2009; MIYAHIRO, Marcelo A. Charles Perron e a Cartografia do Brasil na *Nouvelle Géographie Universelle*. In: SIMPÓSIO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA CARTOGRAFIA, 3., 2010, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2010. Disponível em : <<http://3siahc.files.wordpress.com/2010/04/charles-perron-e-a-cartografia-do-brasil-na-nouvelle-geographie-universelle2.pdf>>. Acesso em : 05 maio 2010; MIYAHIRO, Marcelo A. São Pedro do Rio Grande do Sul a luz de um geógrafo libertário. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS BRASILEIROS, 16., 2010, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: UFRGS, 2010. Disponível em : < <http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=3733> >. Acesso em : 31 ago. 2010.

⁵ RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. La Terre et Les Hommes. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX; 1894.

⁶ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

a produção da *Nouvelle Géographie Universelle* o geógrafo francês firmou um contrato com a Hachette que expressava claramente que a editora estava contratando o geógrafo e não o anarquista (LACOSTE, 1981; GIBLIN, 1981; ANDRADE, 1985; RAMÍREZ Palácios, 2006).

Contudo, consideramos necessária e válida a interpretação de que a censura que a editora impôs a Reclus na abordagem de aspectos políticos e religiosos em seus estudos, não pôde ser cumprida em sua totalidade, uma vez que ambos eram inseparáveis (GIBLIN, 1976; ANDRADE, 1985; RAMÍREZ Palácios, 2006).

Outrossim, em nossa aproximação com o capítulo *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *Nouvelle Géographie Universelle* e sua tradução *Estados Unidos do Brasil* confirmam o fato de que a censura posta a Reclus pela editora efetivamente o limitou no aprofundamento de determinados temas e em suas descrições e análises da geografia universal.

No entanto, a qualidade do trabalho de Reclus se evidenciava, tanto que os elogios que a obra recebeu do Marques de Paranaguá manifestados na ocasião de sua recepção na instituição a que ele presidia não podem ser interpretados como gratuitos pelo peso de suas palavras na conclusão de seu discurso: a Nova “Geographia Universal, obra de subito valor científico – *monumentum aere perennius*”⁷.

Apesar disso, a obra de Reclus passou por um segundo *hiato* de negligência – das primeiras décadas aos anos de 1970 – assim sua obra foi reabilitada por um grupo de geógrafos franceses liderados por Yves Lacoste e Béatrice Giblin agrupados na revista *Hérodote*⁸.

Essa dissertação inscreve-se como um breve esforço no resgate da obra produzida pelo geógrafo francês dedicada ao estudo do Brasil em uma perspectiva de diálogo com a história da geografia. E para sua realização buscamos

⁷ SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, “**Mr. Elysée Réclus: Discurso do Sñr. Marquez de Paranaguá, presidente da Sociedade**”. t. 11, n. 1-4, 1895.

⁸ GIBLIN, Béatrice. Élisée Reclus : géographie, anarchisme. *Hérodote*, n. 2, Paris : François Maspero, avril-juin 1976, p. 30-49 ; Élisée Reclus: Un géographe libertaire. *Hérodote*, n. 22, Paris : François Maspero, juil.- sept. 1981.

acompanhar o geógrafo francês no momento de sua viagem a nação tropical, e nesse movimento, conhecer o contexto histórico e intelectual do Brasil do final do século XIX. Assim sendo, buscamos acompanhar sua visita às sociedades geográficas brasileiras e em suas breves incursões em parte do território brasileiro para *a posteriori* examinar o Brasil da *Nouvelle Géographie Universelle* e sua tradução *Estados Unidos do Brasil*.

Com a realização desse trabalho pretendemos contribuir humildemente ao estudo de uma das obras clássicas da geografia em uma perspectiva *em ação*⁹. Nesse sentido, nosso estudo do Brasil de Reclus procura com a reconstrução do contexto histórico e social de sua produção e compreender o conteúdo técnico do conhecimento geográfico a luz de seu tempo, ou seja, estudar a geografia do Brasil de Reclus a luz do final do século XIX, evidenciando as descrições e análises do geógrafo francês, de tal modo, demonstrando que Reclus antecipou tendências e transformações da formação do território e da sociedade brasileira.

A estrutura da dissertação envolve basicamente três capítulos, sendo que cada capítulo, por sua vez, possui seções como seus elementos constituintes. Dessa forma, o capítulo 1 apresenta a viagem científica que o geógrafo francês realizou ao Brasil. Nesse sentido, realizamos uma breve contextualização histórica e intelectual nacional do período. A seguir, estudamos as instituições científicas brasileiras que Reclus foi recebido na capital federal, que naquele momento era o município neutro do Rio de Janeiro, estudamos também parte da “exploração instrutiva”¹⁰ realizada no interior do Estado de São Paulo e Rio de Janeiro, por fim, a partir das cartas escritas no “período brasileiro” de Reclus, apresentamos algumas palavras sobre os parceiros com quem trabalhou o geógrafo francês.

No capítulo 2, buscamos efetuar uma breve análise do Brasil da *Nouvelle Géographie Universelle* de Reclus. Iniciamos, com um estudo dos fundamentos científicos e filosóficos do geógrafo francês, e avançamos com algumas palavras sobre o contexto das enciclopédias geográficas universais que marcaram o século

⁹ LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

¹⁰ RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX; 1894, p. 797.

XIX como resultado da sistematização do conhecimento das diferentes latitudes e longitudes da Terra. A seguir, a partir da apresentação do sumário da *Nouvelle Géographie Universelle* e de sua tradução *Estados Unidos do Brasi* estudamos alguns temas selecionados. Ao fim desse capítulo descrevemos um pouco da vida e da obra de Charles Perron, um dos parceiros de Reclus para produzir a cartografia da *NGU*. Contudo, como complemento da breve análise das representações do Brasil da *NGU* inserimos algumas iconografias de desenhistas e gravadores produzidas para ilustrar o território e a sociedade brasileira.^b

No capítulo 3, realizamos um conciso exame do Brasil de Reclus traduzido e anotado por Ramiz Galvão. Nesse sentido, apresentamos em linhas gerais o contexto da tradução e da publicação de *EUB* no Brasil, seguimos com um exame bibliométrico das referências tropicais de Reclus para escrever *EUB* e desse mesmo modo, efetuamos uma bibliometria nas notas de Ramiz Galvão avaliando que essa tradução possui várias dissensões entre o autor e o tradutor. E, finalmente, estudamos o apêndice de *EUB* que foi traduzido e anotado por Rio Branco na perspectiva de um debate a respeito da constrovérsia entre a França e o Brasil em torno da questão das fronteiras entre a Guiana e o Amapá.

De modo algum pensamos ter esgotado o tema, contudo, esperamos ter contribuído um pouco para o aprofundamento e ampliação dos estudos sobre a história da geografia, em particular, parte da obra de Élisée Reclus que trata do Brasil.

CAPÍTULO 1 - A VIAGEM CIENTÍFICA DE ÉLISÉE RECLUS AO BRASIL

O Brasil que Reclus encontra em sua viagem

Para nos aproximarmos do objetivo central de nossa pesquisa nos concentraremos na compreensão e reconstrução do contexto histórico e intelectual e na formação das redes científicas e institucionais dos “homens de ciência”¹¹ de fins do século XIX brasileiro onde “procuramos na confluência do discurso nacional com o discurso científico compreender a concepção de uma totalidade”¹².

Para melhor compreendermos o Brasil que Reclus conheceu – uma vez que a passagem do geógrafo francês por nosso país se deu em 1893 – vamos concentrar a descrição e análise nos acontecimentos a partir do segundo quartel do século XIX, mais especificamente, no período *a posteriori* da Guerra contra o Paraguai (1865-1870).

Este acontecimento de ordem político-militar foi o maior conflito bélico que viveu o Império brasileiro. Este evento iniciou-se em 1865, envolveu a nação guarani e as demais nações da Prata, durou aproximadamente cinco anos e terminou em 1870 com a vitória da Tríplice Aliança – formada por Brasil, Argentina e Uruguai – frente o Paraguai. Muitos estudiosos apontam os anos posteriores a este evento como o início do processo da formação e da consolidação de nossa nacionalidade. Para Alambert Jr., a partir da década em que se finalizou o conflito militar podemos identificar o “surgimento da nacionalidade brasileira, gestada no ventre imperial-escravocrata e parida numa guerra”¹³.

¹¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e Pensamento Racial no Brasil: 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 23.

¹² MURARI, Luciana. **Brasil, ficção geográfica**: ciência e nacionalidade no país D’os Sertões. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2007, p. 25.

¹³ ALAMBERT Jr., Francisco Cabral. **Civilização e Barbárie, História e Cultura**: representações culturais e projeções da “Guerra do Paraguai” nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República. 1998. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, p. 10.

Além da formação da nacionalidade, do imaginário dos heróis nacionais “com o final da guerra contra o Paraguai [...], a percepção espácio-temporal mudava radicalmente, na sociedade brasileira, segundo muitos depoimentos coevos – entre eles, algumas crônicas luminosas de Machado de Assis.”¹⁴ que escreveu alguns meses antes da viagem de Reclus ao Brasil em sua coluna em *A Semana* impressões *luminosas* da aceleração vivida após a guerra: “Não há dúvida que os relógios, depois da morte de López, andam muito mais depressa.”¹⁵ Acreditamos na hipótese de que o geógrafo francês conheceu o Brasil em um dos principais momentos de sua *aceleração contemporânea* de fins do século XIX conforme Milton Santos¹⁶ nos convida a entendê-la.

Portanto, nos anos posteriores ao fim da Guerra contra o Paraguai, ou seja, a partir de 1870¹⁷, podemos identificar grandes transformações sociais e econômicas – a Abolição da Escravidão (1888), à proclamação da República (1889), a imigração européia da segunda metade do século XIX, a agricultura monocultura e exportadora de café, a construção de vias de transportes, principalmente as estradas de ferro e os portos, a construção de vias de comunicação, como a dos cabos submarinos para a telegrafia e a incipiente industrialização – que possibilitaram a realização do processo de modernização brasileiro (PRADO JÚNIOR, 1998; MACHADO, 1995).

A sociedade e o território brasileiro se transformavam rapidamente a partir da redefinição do centro da economia e da política nacionais, da lenta efetivação do processo abolicionista¹⁸, da participação dos trabalhadores assalariados e da formação do mercado consumidor, da migração do campo para a cidade e a conseqüente urbanização, do movimento republicano¹⁹, entre outros processos.

¹⁴ HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In: NOVAES, Adauto. (org.) **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992, p. 290-291.

¹⁵ ASSIS, Machado de. Crônicas. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 25 de março de 1894.

¹⁶ SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: HUCITEC, 1994, p. 29-30.

¹⁷ Esta década é entendida por alguns estudiosos como um marco na história nacional (HOBSBAWM, 1996; LOPES, 1997; MACHADO, 1995; SCHWARCZ, 1993).

¹⁸ O primeiro instrumento legal que foi promulgado após o fim da Guerra contra o Paraguai foi a Lei do Ventre Livre (1871). Com pouco mais de uma década se promulgou a Lei dos Sexagenários (1885). Após três anos, a Lei Áurea (1888) foi promulgada.

¹⁹ A partir da criação dos Clubes Republicanos e da imprensa republicana, do lançamento do Manifesto Republicano e da fundação Partido Republicano Paulista.

Neste contexto de mudanças, o Brasil setentrional antigo centro da economia colonial brasileira, vivia o declínio da agricultura da cana-de-açúcar produzida nas *plantations* com a força de trabalho dos escravizados. Já o Brasil meridional, assumia a função de novo centro da economia nacional, se destacando neste processo a Província do Rio de Janeiro como área pioneira da agricultura monocultora e exportadora de café produzido com a força de trabalho dos escravizados e dos novos imigrantes. O pioneirismo e a hegemonia da província fluminense na cafeicultura brasileira foram efêmeros, sendo desde cedo alvos da cobiça da ascendente aristocracia paulista, conforme Schwartzmann escreveu: “por volta de 1860, cerca de 80% da produção brasileira de café vinha da província do Rio de Janeiro; no fim do século, São Paulo representava mais de 60% de uma produção muito maior. [...]”²⁰

Vale destacar que a mudança da localização do motor da economia brasileira – do Norte para o Sul – principalmente resultado do crescimento da produção cafeeira em comparação com a estagnação da produção canavieira, possibilitou as instituições científicas fundadas acerca das regiões produtoras do café se beneficiarem mais dos resultados da produção da nova riqueza nacional em detrimento das demais instituições localizadas em regiões mais distantes do novo centro da economia nacional²¹.

Dentre as instituições científicas fundadas neste período podemos identificar, principalmente, as faculdades de medicina e de direito, os institutos históricos e geográficos e os museus. Com as fundações destas instituições científicas de diferentes áreas do conhecimento – a formação, o perfil e os interesses de seus membros²² também iniciaram uma ampliação de horizontes em

²⁰ SCHWARTZMANN, Simon. **Um espaço para a ciência**: a formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: Ministério de Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001, p. 95.

²¹ “Aqui se torna necessário registrar que dentro da lógica dos grandes ciclos econômicos brasileiros deliberadamente saltamos o papel e a importância da mineração para a formação territorial do Brasil em razão deste ciclo ter tido seu auge principalmente no século XVIII e início do século XIX.” Cf. PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 45ª reimpr. São Paulo: Brasiliense, 1998.

²² “Na verdade pouco se sabe sobre a origem social desses intelectuais. Enquanto alguns analistas destacam os estreitos liames entre tais grupos, a aristocracia agrária e o Estado monárquico [...], outros encontram nesses profissionais representantes de “novos segmentos urbanos bastante opostos à burguesia tradicional proprietária de terra” [...]. Talvez a única maneira de defini-los seja seguir de perto sua atuação, como sugeriu Mariza Corrêa [...]. Isto é, se essa elite ilustrada não

razão dos contatos estabelecidos no velho mundo e da entrada das novas idéias em terras tropicais, que, principalmente nas últimas três décadas do século XIX, passaram a estar presentes como jamais estiveram ao longo da história do Brasil, entretanto, *idéias novas* e pensamentos:

[...] fortemente marcados por um viés político etnocêntrico e colonialista. Este viés conduziu à formação de teorias que visualizavam os outros povos tendo como centro a sociedade européia, portadora das verdades da ciência, do progresso e da civilização, frente às quais as demais culturas parecem sempre deficitárias. Devemos compreender o sentido destas idéias, sua importância histórica e como se tornaram vetores de um pensamento sobre o problema nacional brasileiro. [...] ²³

No entanto, no Atlântico Norte, especificamente na Europa, na longínqua década de 1860, centro do que Eric J. Hobsbawm denominou como o período d'A Era do Capital, predominavam o positivismo e o empirismo entre as principais tendências filosóficas hegemônicas:

[...] As duas tendências filosóficas dominantes subordinavam-se, elas mesmas, à ciência: o positivismo francês, associado à escola do curioso Augusto Comte, e o empirismo inglês, associado a John Stuart Mill, sem mencionar o medíocre pensador, cuja influência era então maior do que a de qualquer outro no mundo, Herbert Spencer (1820-1903). A base dupla da “filosofia positiva” de Augusto Comte era a imutabilidade das leis da natureza e a impossibilidade de qualquer conhecimento infinito ou absoluto. Na medida em que não passou além da excêntrica “religião da humanidade” comtiana, o positivismo foi pouco mais do que uma justificação filosófica do método convencional das ciências experimentais, e, da mesma forma, para a maior parte dos

era, em sua maioria, originária das camadas mais pobres, também não pode ser entendida como totalmente oriunda ou até mesmo porta-voz exclusiva dos interesses das classes dominantes. Por outro lado, se é certo que sua composição social os situaria como membros das camadas mais altas da sociedade, sua atuação não pode ser exclusivamente explicada em termos de pertinência de classe. Por fim, apesar dos estreitos laços de parentesco que atavam certos intelectuais a famílias de proprietários de terra, sua atuação se dá em um contexto urbano, o que já os diferencia de seu grupo de origem [...]. Assim, o que se pretende demonstrar é que esses intelectuais da ciência, a despeito de sua origem social, procuravam legitimar ou respaldar cientificamente suas posições nas instituições de saber de que participavam e por meio delas.” Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e Pensamento Racial no Brasil: 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 26.

²³ MURARI, Luciana. **Brasil, ficção geográfica**: ciência e nacionalidade no país D'os Sertões. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2007, p. 28.

contemporâneos, Mill foi novamente nas palavras de Taine, o homem que “abriu o velho caminho certo da indução e do experimento”. Contudo essa perspectiva estava explicitamente baseada em Comte e Spencer, numa visão histórica do progresso evolucionista. O método positivo ou científico era (ou seria) o triunfo do último dos estágios através dos quais a humanidade precisava passar – na terminologia de Comte, os estágios teológico, metafísico e científico, cada qual com suas instituições próprias, das quais Mill e Spencer pelo menos concordavam que o liberalismo (numa compreensão larga do termo) era a expressão mais adequada. Alguém poderia dizer, com algum exagero, que desse ponto de vista o progresso da ciência fazia a filosofia redundante, exceto como uma espécie de laboratório intelectual assistindo o cientista.²⁴

Contudo, nas ciências naturais, como a biologia, as idéias de Charles Darwin foram apresentadas em sua clássica obra *A origem das espécies*, publicada em 1859, revolucionando o paradigma vigente nas ciências da vida, principalmente porque apresentava de modo inédito uma proposta de entendimento coerente e convincente da origem das espécies, inclusive a humana, em termos compreensíveis para os cientistas e os não-cientistas baseadas em um modelo analítico que dialogava com os princípios da economia liberal. Entretanto, não somente na biologia as idéias de Darwin ingressaram conforme novamente nos ensina Hobsbawm:

O mais significativo e dramático avanço na biologia pouco tinha a ver, na época, com o estudo da estrutura física e química da vida e seu mecanismo. A teoria da evolução pela seleção natural ia bem mais longe que os limites da biologia, e nisso reside sua importância. Ela ratificava o triunfo da história sobre todas as ciências, embora “história” nesse sentido fosse normalmente confundida pelos contemporâneos com “progresso”. Além disso, ao trazer o próprio homem para dentro do esquema da evolução biológica, abolia a linha divisória entre ciências naturais, humanas ou sociais. Portanto todo o cosmo, ou pelo menos todo o sistema solar, precisava ser concebidos como um processo de mudança histórica constante. O Sol e os planetas estavam no centro dessa história e, portanto, como os geólogos já haviam estabelecido [...], também estava a Terra. Coisas vivas eram então incluídas no processo, embora a questão de que a vida tivesse evoluído da não-vida permanecesse sem solução e, sobretudo por razões ideológicas, extremamente delicada. [...] Darwin trouxe não apenas

²⁴ HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital**, 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 350.

os animais, mas também o homem para o esquema evolucionista.²⁵

Em geografia, conhecimento que neste período buscava afirmar-se como ciência moderna e para tal tarefa se apropriava da missão de oferecer um entendimento da Terra em sua dimensão natural e social, a influência das idéias de Darwin também estiveram presentes e com grande impacto na redefinição das clássicas concepções científicas vigentes.

O poder da ciência de Darwin ultrapassou todos os limites entre as áreas científicas, inclusive estendendo o uso do método das ciências naturais para as ciências humanas, a partir principalmente do modelo explicativo da biologia. Assim sendo, o homem e a sociedade seriam analisados sob o viés das ciências naturais, resultando na aplicação da lógica da análise das sociedades não-humanas para as sociedades humanas.

Regressando ao Atlântico Sul, especificamente no Brasil, os *homens de ciencia* brasileiros praticavam indiscriminadamente a importação e a transferência de idéias, filosofias e pensamentos do velho mundo, criando uma “ebulição intelectual” em terras tropicais conforme as palavras de Fernando de Azevedo. Já nas palavras de Silvio Romero, a partir destas práticas “um bando de idéias novas esvoaçava sobre nós de todos os pontos do horizonte”.

E entre essas *idéias novas* que adentravam no território brasileiro neste período se difundiram principalmente: o evolucionismo, o darwinismo, o neolamarckismo, o positivismo e o materialismo filosófico e político (HOBBSAWM, 1996; LOPES, 1997; MACHADO, 1995; SCHWARGZ, 1993, SCHWARTZMANN, 2001).

No entanto, por que necessitávamos da razão e da ciência européia? Era exagerado afirmar que “no Brasil respira-se ciencia”²⁶ neste período? Um entendimento possível poderia ser que os *homens de ciencia* brasileiros pensavam que somente com a atividade científica ganhariam a confiança e o respeito da sociedade. Dessa forma, “[...] ficar fora do escopo do que possa

²⁵ HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital**, 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 358-359.

²⁶ Revista Academica da Faculdade de Direito do Recife, 1893.

merecer esse adjetivo é cingir-se ao passado, à credence, à falta de rigor e à impossibilidade de progredir.”²⁷

Entretanto, tais considerações sobre a atividade científica são tributárias do contexto intelectual influenciado por uma visão analítica do mundo ou são derivadas do cientificismo do final do século XIX?

Um caminho para se pensar esta questão pode ser que para estes *homens de ciência* brasileiros para entender a sociedade e o território nacional através um olhar analítico, metódico e rigoroso necessitavam aproximar-se de uma visão que:

[...] mobilizava uma das idéias-força de seu tempo: a evolução, marcha ascendente das sociedades em direção ao incremento das forças produtivas, à generalização das inovações tecnológicas, a uma crescente racionalização, a um maior controle sobre as forças naturais. Marcado pelo credo evolucionista, [...] acerca da questão nacional, que desde o início do século se difundia entre a elite do país. [...] Com o processo de modernização institucional iniciado por volta de 1870, criou-se um novo pensamento sobre a nação brasileira, que para uma parcela significativa desta elite caracterizou-se sobretudo pela assimilação de princípios científicos ao debate sobre a nacionalidade. Os chamados “núcleos de modernização”, instituições de ensino humanístico e técnico formadoras da elite brasileira, tornaram-se espaços privilegiados de criação e difusão destas novas idéias.²⁸

Contudo, apresentamos como porta de saída deste breve exercício de pensar o período imperial do/no Brasil a seguinte consideração:

O Segundo Reinado no Brasil é um período de paradoxos, com definições pouco ortodoxas e engendradas em meio a um rebuliço fantástico nas idéias, nas instituições sociais, nas projeções políticas. Tempo de um pensamento fora de centro [...], ao sul dos lugares em que as idéias se originaram. O que desembarca aqui sofre metamorfoses, transfigura-se para aparentar o oposto do legítimo e desta forma legitimar, para nós, o uso feito de certos

²⁷ ASSIS, Jesus de Paula. Kuhn e as ciências sociais. **Estudos Avançados**. n° 19, vol. 7, set./dez., 1993, p. 133-164.

²⁸ MURARI, Luciana. **Brasil, ficção geográfica**: ciência e nacionalidade no país D’os Sertões. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2007, p. 28-29.

expedientes originados nesta América Lusitana, que fala Português, consome em Inglês e pensa *afrancesadamente*.²⁹

Para melhor compreendermos o Brasil que Reclus conheceu – uma vez que a viagem do geógrafo francês por nosso país se deu em 1893 – vamos concentrar a descrição e análise nos acontecimentos dos anos iniciais do período republicano, ou seja, no período da República da Espada.

O Brasil da Primeira República se iniciou a partir da Proclamação da República realizada pelos militares do Exército brasileiro em 1889, colocando fim aos 67 anos de duração da Monarquia no Brasil. Os 41 anos iniciais do período republicano podem ser divididos em dois subperíodos, a saber: os primeiros cinco anos de implementação e de estabilização do novo regime denominam-se de República da Espada e a partir de 1894 até 1930, maior subperíodo da Primeira República se tornou conhecido como a República das Oligarquias. Para avançarmos nosso entendimento além do apontamento anedótico do fato acima descrito torna-se necessário uma aproximação das considerações que Fernando Henrique Cardoso nos apresenta a respeito do tema:

[...] Em síntese, nem a República foi mera quartelada, nem se tratou “apenas” – como se estas não importassem... – de uma mudança ao nível das instituições, que de monárquicas passaram a republicanas, mas houve, de fato, uma mudança nas bases e nas forças sociais que articulavam o sistema de dominação no Brasil.³⁰

De fato, a queda do Primeiro-Ministro, o Visconde de Ouro Preto pelas mãos e armas dos militares do Exército brasileiro, liderados pelo Marechal Deodoro da Fonseca representava simbolicamente a derrubada do Gabinete Imperial, uma vez que Ouro Preto era o Chefe do Conselho de Ministros do Império do Brasil. Contudo, isso não significava a queda do Imperador D. Pedro II,

²⁹ SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Senador Pompeu**: um geógrafo do poder no Império do Brasil. 1997. 120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997, p. 3.

³⁰ CARDOSO, Fernando Henrique. Dos governos militares a Prudente – Campos Sales. In: FAUSTO, Boris (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III O Brasil Republicano. 1º Volume Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). São Paulo: DIFEL, 1977, p. 16.

muito menos da Monarquia brasileira, uma vez que o marechal era monarquista e amigo do Imperador. A Proclamação da República somente ocorreu algum tempo depois da prisão de Ouro Preto e conseqüentemente da queda do gabinete imperial. Mas e o povo como participou deste acontecimento? Nas palavras do republicano Aristides Lobo: “O povo assistiu bestializado à Proclamação da República”. Em síntese, o Segundo Reinado começou com um golpe (da maioria) e terminou com outro golpe (militar, proclamado por um monarquista).

Os apontamentos anteriormente descritos somente nos ajudam a identificar parte dos sujeitos da história da República brasileira. Precisamos também identificar os outros sujeitos deste processo: estamos nos referindo aos civis que junto aos militares também participaram de alguma forma deste movimento³¹. Entretanto, mesmo participando conjuntamente, os republicanos civis e militares se dividiam em termos ideológicos principalmente em três tendências que disputavam a construção das bases políticas e institucionais da nova ordem nacional. As principais tendências ideológicas republicanas eram: o jacobinismo, o liberalismo e o positivismo. Vale dizer que não existia uma homogeneidade *a priori* entre os republicanos civis e os republicanos militares, existiam, sim, divisões entre as identificações ideológicas entre os civis, como também entre os militares. E para se atingir o triunfo na construção da ordem republicana os agrupamentos ideológicos realizavam políticas de alianças entre civis e militares filiados a uma mesma ideologia. Em termos relativos, vale destacar a vitória da tendência ideológica liberal, e para apresentarmos tal consideração pensamos principalmente nos arranjos políticos e institucionais inaugurados neste período, que podem ser sintetizados a partir do primeiro nome oficial da República – Estados Unidos do Brasil –, este exemplo pode simbolizar uma possibilidade, em meio há muitas outras.

³¹ “O fato de ter sido a proclamação um fenômeno militar, em boa parte desvinculado do movimento republicano civil, significa que seu estudo não pode, por si só, explicar a natureza do novo regime. O advento da República não pode ser reduzido à questão militar e à insurreição das unidades militares aquarteladas em São Cristóvão. De outro lado, seria incorreto desprezar os acontecimentos de 15 de novembro como se fossem simples acidente. Embora as raízes da República devam ser buscadas mais longe e mais fundo, o ato de sua instauração possui valor simbólico inegável. [...]” Cf. CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 35-36.

Os republicanos não se dividiam somente por ideologias ou por suas condições de civis e militares, eles também representavam grupos econômicos, políticos e sociais distintos. Outra diferença era ligada a representações regionais distintas e por vezes conflitantes que buscavam apropriar-se do comando da nova ordem republicana que caminhava para a consolidação e estabilização. Entre os republicanos civis destacaram-se os cariocas que majoritariamente eram constituídos por advogados, médicos, engenheiros e jornalistas, ou seja, profissionais liberais e alguns intelectuais que quiçá defenderam, principalmente, a Abolição da Escravidão e uma transição pacífica da monarquia para a república, de preferência com a morte do Imperador. Entre republicanos civis paulistas, as bases econômicas e sociais eram outras, elas estavam vinculadas em sua maioria à aristocracia latifundiária e cafeicultora, que após o fim da República da Espada, passaram a ser os novos *donos do poder* inaugurando a República das Oligarquias, a partir da eleição de Prudente de Moraes e de Campos Sales como os primeiros brasileiros civis no cargo de Presidente da República.

Interessante a visão de um intelectual como Euclides da Cunha sobre a entrada das idéias e filosofias no contexto da transição do Império à República nos apresentando assim um outro olhar deste fato histórico onde busca compreender a mentalidade do/no Brasil naquele presente:

Porque na realidade, o que houve foi a transfiguração de uma sociedade em que penetrava pela primeira vez o impulso tonificador da filosofia contemporânea [...]. As novas correntes, forças conjugadas de todos os princípios e de todas as escolas – do comtismo ortodoxo ao positivismo desafogado de Littré, das conclusões restritas de Darwin às generalizações ousadas de Spencer – o que nos trouxeram, de fato, não foram os seus princípios abstratos, ou leis incompreensíveis à grande maioria, mas as grandes conquistas liberais do nosso século, e estas compondo-se com uma aspiração antiga e não encontrando entre nós arraigadas tradições monárquicas, removeram, naturalmente sem ruído – no espaço de uma manhã – um trono que encontraram [...] Foi o que se viu a 15 de novembro de 1889: uma parada repentina e uma sublevação, um movimento refreado de golpe e transformando-se, por um princípio universal, em força; e o desfecho feliz de uma revolta. Porque a revolução já estava feita. Euclides da Cunha (1909 apud MURARI, 2007, p. 33)

No entanto, voltemos alguns anos, ainda durante o governo provisório³² de Deodoro da Fonseca dentre os primeiros atos do governo republicano que introduziram mudanças institucionais na organização do Estado brasileiro podemos destacar: a forma de governo republicana, a divisão e independência entre os poderes – Legislativo, Executivo e Judiciário –, o sistema de governo presidencialista, a organização federativa do Estado, a convocação de eleições para a Assembléia Constituinte, a separação dos interesses do Estado e da Igreja, entre outras medidas de caráter republicano que foram confirmadas a partir da promulgação da Constituição Federal de 1891.

Mapa 1. República dos Estados Unidos do Brazil (1889)



fonte: Ministério da Agricultura, Industria e Commercio. Directoria Geral de Estatistica. Estudos da Comissão da Carta Geographica do Brazil. **Republica dos Estados Unidos do Brazil, 1889.**

³² O governo provisório iniciou-se em novembro de 1889 e terminou em fevereiro de 1891.

Após a promulgação da Constituição Federal em fevereiro de 1891 ocorreu a eleição³³ presidencial indireta pelo Congresso Nacional de Deodoro da Fonseca como Presidente da República e de Floriano Peixoto como Vice-Presidente da República. O governo constitucional de Deodoro da Fonseca começou enfraquecido, uma vez que não possuía o apoio da maioria dos políticos do Congresso Nacional, como também não possuía o necessário apoio das Armas.

Na economia uma das primeiras e principais medidas de Rui Barbosa, Ministro da Fazenda ainda durante o governo provisório de Deodoro da Fonseca foi o estabelecimento de uma política econômica inflacionista, que concedia autorizações aos bancos para emitirem meio circulante lastreado somente por bônus governamentais e não por fundos de reserva. Esta medida tinha o objetivo de atender a demanda crescente de um equivalente universal para movimentar o mercado nacional aquecido com a inserção dos ex-escravos na condição de trabalhadores livres e assalariados e a entrada dos trabalhadores imigrantes. Além disso, estas medidas também incentivavam a criação de sociedades anônimas que muitas vezes eram empresas fantasmas que emitiam ações, resultando em um aumento do crédito no mercado, entretanto, sem a necessária garantia para a proteção do sistema, que por ausência de controle e fiscalização do Estado, resultaram em uma especulação sem limites que acabou conduzindo o país a uma crise econômica que foi batizada pelo povo como Encilhamento, em referência direta ao procedimento de preparação dos cavalos antes da largada em um hipódromo.

³³ “[...] a eleição pela Assembléia Constituinte do 1.º Presidente eleito mostrou as primeiras fissuras sérias no poder: Prudente foi candidato contra Deodoro e seu vice, Floriano, logrou três vezes mais votos que o vice [de Deodoro]. Por certo, a imposição militar impediria que outro, e não Deodoro, fosse o eleito. Mas o novo Presidente assumiu diante de uma Câmara indócil. Esta se constituirá, inclusive, como prolongamento da Assembléia Constituinte que, dessa forma, evitava dissolução e o risco de novas eleições sob controle do Executivo. Os civis, com discreto mas crescente apoio militar, especialmente de Floriano, vão jogar-se pelos ‘princípios’. Assim a votação da lei de responsabilidades, que o presidente evita a custo, quase devolve à Câmara a força de um regime parlamentarista. E os comandos políticos do Senado ficaram nas mãos da oposição: Prudente de Moraes fora eleito vice-presidente e, como Floriano, que exercia constitucionalmente a presidência do Senado a ele não comparecia, passou a controlar aquela casa. Campos Sales é eleito líder da oposição e Bernardino de Campos mais tarde (a 31 de outubro de 91), depois da renúncia do presidente da Câmara, o substitui.” Cf. CARDOSO, Fernando Henrique. *Dos governos militares a Prudente – Campos Sales*. In: FAUSTO, Boris (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III O Brasil Republicano. 1º Volume Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). São Paulo: DIFEL, 1977, p. 40.

Os atos de Rui Barbosa foram tomados visando à consolidação da República para romper o imobilismo da política econômica imperial em benefício dos agricultores que tinham que enfrentar os dispêndios de uma produção com trabalho assalariado – este foi o motivo fundamental dos empréstimos agrários destinados principalmente à aristocracia paulista. Em seguida, com o bafejo ideológico do progressismo positivista e do democratismo modernizante, lançou-se uma diretriz industrialista. Com esta medida se beneficiaram grupos plutocráticos, assim se evidenciando a estreita ligação, já naquela época, entre o patronato republicano (que afastava os senhores de escravos do Império) e os interesses econômicos urbano-industriais.

Deodoro da Fonseca insatisfeito com a falta de apoio político e com as decisões adversas do Poder Legislativo dissolveu o Congresso Nacional e decretou o Estado de Sítio. Neste contexto turbulento, a Marinha iniciou a Primeira Revolta da Armada ameaçando bombardear a capital federal. Com tal ameaça, Deodoro ficou acuado e isolado, não tendo outra saída além da de renunciar³⁴ ao cargo em favor de Floriano Peixoto, o segundo e último presidente militar da República da Espada.

Em relação às desordens internas, primeiramente, destacamos um conflito de ordem regional: a Revolução Federalista do Rio Grande do Sul que se caracterizou como um conflito civil com motivações de ordem política onde as razões econômicas estavam ausentes da pauta principal das partes beligerantes e que aconteceu de fevereiro de 1893 a setembro de 1895, envolvendo grupos republicanos jacobinos e positivistas gaúchos. Este conflito pode ser entendido como uma extensão das divergências existentes entre grupos políticos da elite

³⁴ “Praticamente todo o período de Deodoro – e é desnecessário seguir os ziguezagues das conjunturas – vai caracterizar-se, pelo *impasse* até sua renúncia a 23-11-1891 (depois do ‘golpe de Lucena’ do dia 3, quando [Deodoro] dissolveu a Câmara, e o contragolpe, fruto da resistência generalizada no Pará, no Rio Grande, em Santa Catarina, em Minas, em São Paulo, de civis e militares).” Cf. CARDOSO, Fernando Henrique. *Dos governos militares a Prudente – Campos Sales*. In: FAUSTO, Boris (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III O Brasil Republicano. 1º Volume Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). São Paulo: DIFEL, 1977, p. 40.

gaúcha – de um lado os federalistas³⁵ ou “maragatos” e do outro lado os republicanos³⁶ ou “pica-paus” – peleja esta que se arrastava desde o Segundo Reinado e que há tempos dividia a antiga Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Em poucas palavras, este conflito político pode ser entendido como uma luta entre o antigo regime (imperial) defendido pelos *maragatos* contra a nova ordem (republicana) defendida pelos *pica-paus*.

Outra desordem interna de ordem político-militar a se destacar foi a Segunda Revolta da Armada³⁷ que eclodiu em setembro de 1893 e perdurou até março de 1895. Essa revolta foi um movimento iniciado pelos militares da Marinha do Brasil que tinham como objetivo principal desestabilizar e derrubar o governo de Floriano Peixoto, considerado inconstitucional por não convocar eleições presidenciais diante da renúncia de Deodoro da Fonseca que permaneceu na Presidência da República por nove meses³⁸. O palco inicial das ações da Revolta da Armada foi à capital federal, entretanto, em razão do enfraquecimento do movimento no Rio de Janeiro *a posteriori* os militares da Armada rebelados decidiram se unir aos federalistas gaúchos para sobrevivência mútua dos movimentos. A efetivação desta aproximação entre os militares revoltosos da Armada e os federalistas gaúchos se deu na tomada de Desterro, capital do Estado de Santa Catarina pelos militares da Armada que acabaram instalando um governo provisório e efêmero que rapidamente acabou sendo derrotado e dissolvido pelas forças republicanas. Vale destacar, que entre os federalistas gaúchos e os militares da Armada praticamente não existiam interesses em

³⁵ O Partido Federalista do/no Rio Grande do Sul foi fundado em 1892 por Gaspar Silveira Martins, e entre suas principais pautas estavam a revisão da Constituição Estadual, o sistema de governo parlamentar e a centralização política em torno do governo federal.

³⁶ O Partido Republicano do/no Rio Grande do Sul foi fundado em 1882, pelo grupo político liderado por Júlio de Castilhos, e defendia o sistema de governo presidencialista e a descentralização política com maior autonomia aos Estados.

³⁷ A Primeira Revolta da Armada se deu em novembro de 1891 sob a liderança do Almirante Custódio José de Melo com o objetivo de derrubar o governo de Deodoro da Fonseca.

³⁸ O Art. 42 da Constituição Federal de 1891 determinava que caso o Presidente da República não cumprisse dois anos de seu mandato presidencial, o Vice-Presidente da República assumiria interinamente a Presidência da República e, convocaria novas eleições presidenciais. Contudo, Floriano Peixoto, utilizou-se das “Disposições Transitórias” da Constituição que determinavam que “O Presidente e o Vice-Presidente, eleitos [...], ocuparão a Presidência e a Vice-Presidência da República durante o primeiro período presidencial.” Assim, Floriano Peixoto, Vice-Presidente da República, no exercício do cargo de Presidente da República governou o Brasil de novembro de 1891 a novembro de 1894.

comum a não ser a decisão de derrotar o governo florianista, que justificando o rótulo de Marechal de Ferro venceu a queda-de-braço com seus opositores.

Floriano Peixoto concluiu o primeiro e último mandato presidencial exercido por um militar do Exército brasileiro no período da República da Espada, com o apoio de seus futuros sucessores na Presidência da República: os republicanos paulistas. Por fim, novamente nos utilizamos das considerações de Fernando Henrique Cardoso sobre o tema:

Não espanta portanto que os aliados de Floriano dotados de recursos políticos mais estáveis – os republicanos paulistas – tivessem sido os beneficiários com a sucessão. Bastavam-lhes duas condições: que o Marechal ganhasse as lutas contra os revoltosos (para garantir a “situação” para ambos os lados da aliança) e que sua ascensão não se fizesse como um desafio ao César vitorioso. Floriano ganhou com empenho. Os paulistas construíram um partido – o Partido Republicano Federal –, deram a presidência dele a um homem simpático ao Marechal, Francisco Glicério, e não polemizaram, na fase sucessória, com o Presidente. Aceitaram, inclusive, sucessivas postergações – justificáveis pelas circunstâncias – das eleições para deputados e para a presidência.

O nome indicado, Prudente de Moraes, não gozava das preferências do Marechal (que tentou indicar outro paulista, Rangel Pestana e o fiel governador do Pará, Lauro Sodré), mas não lhe era hostil. Fora vice-presidente do Senado sob Deodoro, exercera a presidência da casa sob o Marechal e respaldara, como os demais paulistas, a sua política. Apesar da frieza da transmissão de mando – também compreensível da parte de quem, sendo senhor todo poderoso da tropa, entregava o poder a um sucessor que não fora feito diretamente por si e de quem temia perseguições a seus mais chegados amigos – o Marechal deixou o poder sem tentativas sérias de retorno.³⁹

As sociedades geográficas com quem dialoga Reclus

A primeira instituição científica brasileira visitada por Reclus no Rio de Janeiro foi o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). O Instituto foi

³⁹ CARDOSO, Fernando Henrique. Dos governos militares a Prudente – Campos Sales. In: FAUSTO, Boris (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III O Brasil Republicano. 1º Volume Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). São Paulo: DIFEL, 1977, p. 43-44.

fundado em 21 de outubro de 1838⁴⁰, durante o governo regencial de Araújo Lima. A fundação do IHGB se deu dentro do ventre da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), a partir da proposta do Cônego Januário da Cunha Barbosa e do Marechal Raimundo José da Cunha Matos. O IHGB possuía como patrono o Imperador D. Pedro II, a quem também foi concedido o título de Protetor. Os perfis de seus sócios eram distintos e estes possuíam principalmente ocupações ligadas à ciência, a política, as artes, as letras e as carreiras das armas. Seus integrantes aspiravam um uso pragmático dos conhecimentos históricos, geográficos e etnológicos do território nacional com o objetivo de atender as crescentes demandas do Estado brasileiro, independente desde 1822 e que possuía poucas e incipientes informações sobre as características nacionais.

Entre os objetivos do IHGB estava o de construir uma visão científica do território brasileiro, e para se atingir tal fim não se desprezava a colaboração e o intercâmbio de cientistas brasileiros e estrangeiros que continuamente eram recepcionados com admiração e respeito pela instituição. Entre os inúmeros cientistas estrangeiros que faziam parte dos quadros do instituto, podemos citar o naturalista dinamarquês Peter Lund, o naturalista alemão Maximiliano de Wied-Neuwiede e o geógrafo francês Emile Levasseur, entre outros cientistas e estudiosos. Tais atores e as redes científicas e institucionais que se estabeleciam durante as atividades do instituto facilitavam as trocas de experiências e permitiam a permuta das publicações do IHGB por publicações de instituições científicas estrangeiras, uma vez que os cientistas estrangeiros participavam de instituições congêneres em seus países de origem.

⁴⁰ Os sócios fundadores presentes a Assembléia Geral foram: “Alexandre Maria de Mariz Sarmiento, Antônio Alves da Silva Pinto, Antônio José de Paiva Guedes de Andrada, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, Bento da Silva Lisboa, Caetano Maria Lopes Gama, Cândido José de Araújo Viana, Conrado Jacob de Niemeyer, Emílio Joaquim da Silva Maia, Francisco Cordeiro da Silva Torres Alvim, Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, Inácio Alves Pinto de Almeida, Januário da Cunha Barbosa, João Fernandes Tavares, Joaquim Caetano da Silva, Joaquim Francisco Viana, José Antônio Lisboa, José Antônio da Silva Maia, José Clemente Pereira, José Feliciano Fernandes Pinheiro, José Lino de Moura, José Marcelino da Rocha Cabral, José Silvestre Rebelo, Pedro de Alcântara Bellegarde, Raimundo José da Cunha Matos, Tomé Maria da Fonseca e Silva”. Cf. INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **Assembléia Geral de 21 de Outubro de 1838**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1838.

A visita de Reclus ao IHGB ocorreu no dia 30 de junho de 1893, durante a realização da 8ª Sessão ordinária, sob a Presidência do Conselheiro Aquino e Castro com a presença dos sócios: Henrique Raffard, Conselheiro Alencar Araripe, Commendadores Gomes Brandão e José Luiz Alves, Dr. Cesar Marques, Marquez de Paranaguá e Dr. Castro Carreira. Após os expedientes habituais, por solicitação do Marquez de Paranaguá o instituto entregou uma coleção da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* ao “eminente geographo francez”⁴¹. *A posteriori* Reclus teve seu nome proposto para integrar os quadros do IHGB, na qualidade de sócio honorário com a justificativa de ser “um dos mais illustres geographos dos tempos modernos e autor de obras de raro merecimento, que com applauso correm mundo”⁴². A proposta de se outorgar o título de sócio honorário do instituto a Reclus foi enviada a comissão de admissão de sócios, contudo, seu ingresso no IHGB jamais foi aprovado.

Em uma breve análise de uma das demandas do instituto – a reimpressão dos números esgotados da *Revista Trimestral* do IHGB –, levantada pelo Conselheiro Alencar Araripe durante a 8ª Sessão ordinária verificamos a aproximação do grêmio com um integrante da alta administração do Estado – o Dr. Felisbello Freire, então Ministro da Fazenda –, que autorizou uma concessão para impressão na Imprensa Nacional (IN) dos periódicos do instituto⁴³. Algumas questões devem ser apresentadas neste caso. Como uma instituição com traços imperiais obteve uma concessão de impressão de suas publicações na IN em 1893, quatro anos após a Proclamação da República? Qual(is) a(s) razão(ões) da concessão? Qual o vínculo do Dr. Felisbello Freire com o IHGB? Algumas palavras nos ajudam a compreender o que se passou neste caso: o ministro era sócio nacional correspondente do IHGB, ou seja, pertencia aos quadros sociais do instituto, portanto, a sua rede institucional. Se alguma contradição ou conflito de

⁴¹ INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **ATA DA 8ª SESSÃO ORDINÁRIA EM 30 DE JUNHO DE 1893**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1893.

⁴² INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **ATA DA 8ª SESSÃO ORDINÁRIA EM 30 DE JUNHO DE 1893**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1893.

⁴³ INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **ATA DA 7ª SESSÃO ORDINÁRIA EM 16 DE JUNHO DE 1893**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1893.

interesses existiu na concessão, ocorreu no plano institucional, porque no plano pessoal, provavelmente os atores envolvidos não viam impedimentos para tal acerto.

Em continuação com as atividades do instituto, uma contenda foi levantada pelo Dr. Cesar Marques que pediu esclarecimentos sobre o crânio fóssil de Lagoa Santa doado ao IHGB por Peter Lund, e que havia sido levado ao Museu Nacional (MN) para estudos e não retornou mais. O primeiro secretário, Henrique Raffard respondeu ao pedido de esclarecimentos de Marques informando que a comissão nomeada para tratar de receber a doação havia enviado ofício ao então diretor do MN, o Dr. Amaro Ferreira das Neves Armond, entretanto, até aquele momento o ofício permanecia sem resposta. Diante do impasse apresentado foi proposto que se recorresse à intervenção do Ministro do Interior para mediar a restituição do objeto em questão⁴⁴.

A terceira e última demanda do instituto foi lembrada por Henrique Raffard tratava-se da reintegração dos livros sobre assuntos americanos que haviam sido indevidamente removidos da Biblioteca Imperial da Quinta da Boa Vista para a Biblioteca Nacional (BN). E diante do novo impasse, a direção do instituto decidiu novamente recorrer ao Ministro de Estado competente⁴⁵.

Como forma de mapearmos a formação da rede científica e institucional tropical de Reclus junto aos sócios presentes na sessão do IHGB em que o geógrafo francês foi recepcionado, produzimos uma tabela com os alguns dados como: nome, naturalidade, escolaridade, formação, ocupação, titulação e origem social dos sócios⁴⁶.

⁴⁴ INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **ATA DA 8ª SESSÃO ORDINÁRIA EM 30 DE JUNHO DE 1893**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1893.

⁴⁵ INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **ATA DA 8ª SESSÃO ORDINÁRIA EM 30 DE JUNHO DE 1893**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1893.

⁴⁶ Nos apropriamos da metodologia usada por Lúcia Maria Paschoal Guimarães, a saber:

“1. quanto a escolarização:

a) além dos egressos das Faculdades de Direito, Medicina e de Engenharia registramos no item formação superior os egressos das escolas militares.

2. quanto à formação profissional:

a) anotou-se a modalidade do curso concluído;

b) escreveu-se, em seguida, o local onde o sócio integralizou sua formação de nível superior.

Tabela 1. Perfis dos sócios presentes a 8ª sessão ordinária de 30 de junho de 1893 do IHGB.

Nome	Naturalidade	Escolaridade	Formação	Ocupação	Titulação	Origem social
Olegario Herculano d'Aquino e Castro	SP	Superior	Direito	Político	Conselheiro de Estado Extraordinário	Pai: Militar
Júlio Henrique Raffard	RJ	S./Inf.	S./Inf.	Empresário	***	Pai: Cônsul suíço
Tristão de Alencar Araripe	CE	Superior	Direito	Político	Conselheiro de Estado Extraordinário	Pai: Militar
Gomes Brandão	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	Comendador	S./Inf.

3. quanto à ocupação exercida:

a) codificou-se somente a principal atividade desempenhada no âmbito nacional, no período em estudo;

b) quando o indivíduo, além de uma profissão específica, estava ligado às atividades políticas, optou-se pelo seu registro como tal;

c) figuras tradicionalmente ligadas ao meio político, foram, também classificadas nessa categoria, embora não estivessem exercendo mandato, naquela ocasião;

4. quanto à titulação:

a) caso o sócio-fundador fosse agraciado com alguma honra nobiliárquica, anotou-se a sua titulação;

5. quanto à origem social:

a) registrou-se a vinculação do 'sócio' e/ou de seu pai à propriedade da terra, ao comércio, ao funcionalismo público ou à carreira das armas;

b) os mesmos critérios foram utilizados na classificação dos 'sócios' nascidos em terras estrangeiras."

Cf. GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 156 (388), jul./set. 1995, p. 473-487.

José Luiz Alves	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	Comendador	S./Inf.
César Augusto Marques	MA	Superior	Matemática e Filosofia	Servidor Público	***	S./Inf.
José Lustosa da Cunha Paranaguá	PI	Superior	Direito	Político	Marquês de Paranaguá	Pai: Militar
Liberato de Castro Carreira	CE	Superior	Medicina	Político	Senador	S./Inf.

Para não nos limitarmos ao mapeamento dos sócios presentes a 8ª sessão ordinária de 30 de junho de 1893 do IHGB em que Reclus foi recebido, realizamos uma comparação dos nomes da tabela acima com as referências brasileiras presentes nas notas de rodapé de *EUB*. Apresentaremos algumas palavras sobre essa comparação mais adiante na seção *As referências tropicais do Brasil de Reclus: um exame bibliométrico* do Capítulo 3.

E entre a visita ao IHGB e a segunda instituição científica brasileira visitada, o geógrafo francês realizou uma breve viagem ao interior do Estado de São Paulo. Apresentaremos algumas palavras sobre este fato mais adiante na seção *Dos percursos tropicais e os parceiros com quem trabalha Reclus* desse capítulo.

Contudo, após o retorno da viagem ao interior do Estado de São Paulo, Reclus realizou a segunda visita a uma instituição científica brasileira, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (SGRJ). A sociedade foi fundada no Rio de

Janeiro em 25 de fevereiro de 1883⁴⁷, durante o governo do Imperador D. Pedro II, por iniciativa do Senador Manuel Francisco Correia inspirada a partir das sociedades de geografia européias, especialmente a de Paris, que foi a instituição precursora nesta tradição, sendo fundada em 1821⁴⁸. Os sócios da SGRJ eram formados principalmente por “intelectuais diletantes, cientistas/naturalistas, engenheiros, militares, empresários, políticos e funcionários da alta burocracia governamental”⁴⁹. A sociedade se diferenciava pouco do IHGB quanto aos objetivos de ser um instrumento na busca de se construir uma visão científica do território e da sociedade brasileira, entretanto, tal visão, se norteava a partir de um enfoque destacadamente geográfico.

Como prática das associações oitocentistas, a SGRJ estava aberta a visitas de cientistas brasileiros e estrangeiros. A sociedade também realizava intercâmbios de publicações e de objetos de pesquisa junto às instituições científicas congêneres, como também junto aos viajantes estrangeiros que a visitavam, objetivando ampliar o seu acervo material. Entre alguns cientistas que passaram pela sociedade podemos citar: os naturalistas alemães Carl von den Steinen, Othon Clauss e Paul Ehrenreich.

A visita de Reclus a SGRJ aconteceu em 18 de julho de 1893, o geógrafo francês foi recebido em uma Sessão extraordinária, sob a presidência do Marquez de Paranaguá, com a presença dos sócios: Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Capitão de Fragata Francisco Calheiros da Graça, Dr. Torquato Tapajós, Commendador Oliveira Catramby, Dr. Paula Freitas, Barão Homem de Mello, Barão de Capanema, Barão de Pereira Franco, Conselheiro Mauricio de Barros,

⁴⁷ Estiveram presentes no ato de fundação da SGRJ: Adolfo Paulo de Oliveira Lisboa, Alexandre Afonso de Carvalho, Antônio Coelho Rodrigues, Antônio de Paula Freitas, Antônio José Henriques, Fernando Mendes de Almeida Francisco, Manuel Cordeiro de Souza, Henrique Cesídio Samico, Henrique de Beaurepaire Rohan, João Joaquim Pizarro, João Pires Farinha, José Antunes R. de Oliveira Catrambi, Licínio Chaves Barcelos, Luís Alvares de Oliveira Macedo, Manuel Francisco Correia e Venceslau Guimarães. Cf. <http://www.socbrasileiradageografia.com.br/historia.html>

⁴⁸ CAPEL, Horacio. **Geografia contemporânea: ciência e filosofia**. Maringá: Eduem, 2010, p. 85; PEREIRA, Sergio Luiz Nunes. **Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro: origens, obsessões e conflitos (1883-1944)**. 2002. 186 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, p. 23.

⁴⁹ PEREIRA, Sergio Luiz Nunes. **Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro: origens, obsessões e conflitos (1883-1944)**. 2002. 186 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, p. 25.

Conselheiro Joaquim Piza, Dr. F. Portugal, Dr. Pires Ferreira, Conselheiro Nascentes Pinto, Monsenhor Vicente Lustosa, Alipio Calasans, José Nery, Dr. Carlos Novaes e Frederico Nogueira. Depois dos expedientes da ordem do dia, o Marquez de Paranaguá apresentou aos sócios da sociedade o “sabio geographo francez⁵⁰” expressando a honra e a simpatia do grêmio à visita do ilustre visitante estrangeiro, autor da “Geographia Universal, obra de subito valor scientifico – *monumentum aere perennius*⁵¹”, sendo agraciado com o diploma de sócio honorário que “sómente poderão ser as notabilidades scientificas, que, pelos seus conhecimentos theoricos e praticos em geographia e sciencias connexas, se tornarem dignas de uma demonstração de subito apreço da Sociedade⁵²”. E depois da homenagem recebeu ainda uma coleção das publicações do grêmio – a *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, o relatório da Exposição de geographia sul-americana, o catalogo da bibliotheca e archivo e o relatório sobre o Meteorito de Bendegó, entre outros impressos. Reclus agradeceu a recepção e a homenagem da SGRJ e ofereceu uma coleção de sua *Nouvelle Géographie Universelle* ao grêmio.

Depois das palavras de agradecimentos de Reclus a sociedade, o *sabio geographo francez* pronunciou um discurso em que apresentou suas observações iniciais de sua viagem pelo Brasil. Primeiramente falou da impressão agradável que os estrangeiros produzem quando chegam ao Rio de Janeiro, um olhar do qual Reclus também partilhou. Destacou a natureza do lugar e a construção de uma cidade ao seu redor, que rivaliza “em progresso com muitas das mais importantes cidades europeas.⁵³” Elogiou o sistema de viação do Rio de Janeiro afirmando que em nenhuma cidade do mundo se encontra tal desenvolvimento.

⁵⁰ SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, “**Mr. Elysée Réclus: Sessão extraordinaria da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro em honra ao sabio geographo francez**”. t. 11, n. 1-4, 1895.

⁵¹ SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, “**Mr. Elysée Réclus: Discurso do Sñr. Marquez de Paranaguá, presidente da Sociedade**”. t. 11, n. 1-4, 1895.

⁵² SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, “**Mr. Elysée Réclus: Discurso do Sñr. Marquez de Paranaguá, presidente da Sociedade**”. t. 11, n. 1-4, 1895.

⁵³ SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, “**Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elysée Réclus, distincto geographo francez**”. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

Elogiou ainda o clima e a beleza de suas paisagens, comparando-a com as mais encantadoras capitais mundiais.

Afirmou ainda que a prosperidade não se encontrava somente no “ponto principal do paiz⁵⁴” e para isso citou sua viagem ao interior do Estado de São Paulo, mais especificamente a região de “Mogy-Guassú”, destacando a sua riqueza natural e a agricultura do café, essa “immensa riqueza do Brazil [...] que abastece o mercado do mundo em mais de metade de seu consumo total⁵⁵.”

Fez um prognóstico em relação à população brasileira afirmando que quando se atingir a densidade demográfica semelhante à Alemanha ou à Bélgica e um crescimento vegetativo mais intenso, o progresso acompanhará esses movimentos. Com estas palavras Reclus expressou uma visão de mundo do período em que a civilização europeia era tida como a referência em termos de prosperidade e o Brasil, por sua vez, era visto ainda como um “país do futuro”.

O *sabio geographo francez* continuou seu discurso afirmando que “geralmente os brasileiros não tem consciencia de sua força e de seu valor. Elles possuem elementos para um desenvolvimento muito mais rapido do que aquelle que se nota nos mais adiantados paizes do velho mundo⁵⁶”.

Porque nos países do velho mundo:

[...] existe um duplo trabalho para qualquer progresso: primeiro, desfazer hábitos arraigados⁵⁷; e, depois, marchar para o futuro. [...] No Brazil a primeira dessas difficuldades não existe: como nação nova não possui um passado retardatario e pôde assentar suas

⁵⁴ SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, “**Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elysée Réclus, distincto geographo francez**”. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

⁵⁵ SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, “**Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elysée Réclus, distincto geographo francez**”. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

⁵⁶ SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, “**Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elysée Réclus, distincto geographo francez**”. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

⁵⁷ O exemplo que Reclus dá refere-se “[...] as estradas de ferro, que vieram encontrar o velho costume das gondolas e diligencias, ligando as cidades entre si; foi necessario destruir esse habito inveterado para abrir espaço ás rapidas locomotivas que hoje cortam os continentes. [...]” Cf. SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, “**Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elysée Réclus, distincto geographo francez**”. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

tendas de trabalho no caminho do progresso e com as vistas no porvir.⁵⁸

Lembrou da questão do trabalho servil, destacando que o Brasil foi:

[...] a ultima [nação] a resolver o ingente problema da escravidão, [entretanto] foi a que o fez mais completo, e mais humanitário do que mesmo a grande república do Norte: nesta a primitiva diferença das raças perdura sempre, ao passo que neste paiz [Brasil] a grandiosa idéa civilisadora irmanou os homens. [...]⁵⁹

Acreditamos que quando Reclus comparou o fim da escravidão no Brasil e nos Estados Unidos afirmando que na sociedade brasileira este processo foi mais completo e mais humanitário do que na sociedade norte-americana, o geógrafo francês estava se referindo a miscigenação das raças.

Por fim o *sábio geographo francez* concluiu seu breve discurso afirmando que “com taes elementos uma nação tende forçosamente a trilhar a senda do progresso; e não será em um futuro muito remoto, que o Brazil verá seu nome inscripto entre os das primeiras nações do mundo⁶⁰.”

Após as palavras de Reclus, se iniciou o discurso do Barão Homem de Mello, *orador nomeado para a recepção do illustre geographo*, que em suas palavras iniciais fez referências às obras *A historia de uma montanha*, “[um] primoroso livro de sciencia⁶¹” e *História de um rio*, “[um] modelo de observação⁶²”. O Barão Homem de Mello finalizou seus elogios aos trabalhos de Reclus de maneira contundente, com as seguintes palavras:

⁵⁸ SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, “**Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elysée Réclus, distincto geographo francez**”. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

⁵⁹ SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, “**Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elysée Réclus, distincto geographo francez**”. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

⁶⁰ SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, “**Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elysée Réclus, distincto geographo francez**”. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

⁶¹ SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, “**Mr. Elysée Réclus: Discurso do Sñr. Barão Homem de Mello, orador nomeado para a recepção do illustre geographo**”. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

⁶² SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, “**Mr. Elysée Réclus: Discurso do Sñr. Barão Homem de Mello, orador nomeado para a recepção do illustre geographo**”. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

Eis ahi os testemunhos certos do summo criterio scientifico que caracteriza vossos trabalhos geographicos, e que para elles obtiveram já a sancção da consagração universal.

A sciencia de Eratosthenes e de Strabo está restituída á sua pristina dignidade; e a Geographia tornou-se para sempre a provincia essencialmente cosmopolita do saber humano.

Certo, neste longo perpassar da humanidade atravez dos seculos, nenhum espectáculo mais grandioso do que este do homem lutando dia por dia por tomar posse do planeta, que lhe coube em sorte.

É este tambem o vosso fadario.

E nós nos felicitamos de poder vir ao vosso encontro neste largo estadio de vosso peregrinar pelos mundos da sciencia.

Vossa honrosa presença entre nós é a reviviscencia de uma tradição gloriosa, que afunda já em um passado de seculos.⁶³

O Barão Homem de Mello citou ainda ilustres compatriotas de Reclus que estiveram em terras tropicais para produzir seus estudos – André Thevet, La Condamine, Auguste de Saint-Hilaire e Francis de Castelnau –, também citou os *exploradores nacionaes* José Custodio de Sá Faria, Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, Coronel Berford, General Cunha Mattos, Ayres de Casal, Coronel Conrado Jacob de Niemeyer, Jacques Arago e Lamartine, e ao final de seu discurso citou até mesmo o escritor francês Victor Hugo.

Em continuidade as atividades de recepção a Reclus, o engenheiro geógrafo Torquato Xavier Monteiro Tapajós realizou uma conferência *sobre o Valle do Amazonas, em honra ao distincto geographo*. Conhecedor da região, Tapajós expôs uma síntese do quadro natural do Norte do Brasil e citou diversos nomes⁶⁴ de cientistas e viajantes em sua exposição. Apresentou também sugestões fundamentais para o prosseguimento da viagem de Reclus a Amazônia, que até onde pesquisamos não se efetivou. Afirmamos isso, uma vez que, a última

⁶³ SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, “**Mr. Elysée Réclus: Discurso do Sñr. Barão Homem de Mello, orador nomeado para a recepção do illustre geographo**”. Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

⁶⁴ Em sua conferência Tapajós citou: Louis Agassiz, Joseph Lartigue, Tardy de Montravel, Henry Lister Maw, François Arago, Jean Le Rond d’Alembert, Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius, Francis de Castelnau, Henry Walter Bates, Alfred Russel Wallace, Alexander von Humboldt, Denis Jourdanet e Paul Bert, Matthew Fontaine Maury, Claude Bernard, Amaro Ferreira das Neves Armond, M. Levy, Alphonse Laveran, Eugène Pelletan, Lardner Gibbon, James Orton, Victor Cousin, Jean-François Champollion, Jean-François Champollion e George Washington.

carta escrita pelo geógrafo francês foi redigida em trânsito entre Pernambuco e Dakar. Apresentaremos algumas palavras sobre este fato mais adiante na seção *Dos percursos tropicais e os parceiros com quem trabalhou Reclus* desse capítulo.

E para finalizar a descrição da sessão da SGRJ em que o *sabio geographo francez* foi recepcionado e homenageado, apresentamos as palavras de Reclus escritas no livro de presenças do grêmio: “Elysée Reclus, avec ses sincères remerciements.”⁶⁵

Acreditamos que estas palavras de agradecimentos de Reclus expressas ao final da sessão da SGRJ podem ser interpretadas como um indicativo da diferença de recepção nos dois grêmios, uma vez que, no IHGB, Reclus foi recebido em uma sessão ordinária e não houve a outorga de seu título de sócio honorário. Entretanto, na SGRJ, o *sabio geographo francez* foi recebido em uma sessão extraordinária, recebeu as publicações da sociedade, retribuiu o grêmio com exemplares da *NGU*, de imediato recebeu o título de sócio honorário e por fim pronunciou um discurso tratando de suas impressões sobre o Brasil.

Assim como o mapeamento realizado na rede científica e institucional tropical de Reclus durante a realização da sessão do IHGB em que foi recepcionado, seguiremos o mesmo encaminhamento quanto ao estudo da rede científica e institucional que Reclus articulou com os sócios presentes na sessão extraordinária da SGRJ realizada para recepcioná-lo.

⁶⁵ SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, “**Mr. Elysée Réclus: Sessão extraordinária da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro em honra ao sabio geographo francez**”. t. 11, n. 1-4, 1895.

Tabela 2. Perfis dos sócios presentes a sessão extraordinária de 18 de julho de 1893 da SGRJ.

Nome	Naturalidade	Escolaridade	Formação	Ocupação	Titulação	Origem social
José Lustosa da Cunha Paranaguá	PI	Superior	Direito	Político	Marquês de Paranaguá	Pai: Militar
Tristão de Alencar Araripe	CE	Superior	Direito	Político	Conselheiro de Estado Extraordinário	Pai: Militar
Francisco Calheiros da Graça	AL	S./Inf.	S./Inf.	Militar	Capitão de Fragata	S./Inf.
Torquato Tapajós	AM	S./Inf.	Engenheiro Geógrafo	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.
Oliveira Catramby	S./Inf.	S./Inf.	Advogado	Militar	Oficial da Marinha portuguesa e Comendador	S./Inf.
Paula Freitas	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.
Homem de Mello	SP	Superior	Advogado	Político e Militar	Barão	Pai: Visconde

Guilherme Capanema	MG	Superior	Engenheiro militar	Político e Militar	Barão	S./Inf.
Luís Antônio Pereira Franco	BA	Superior	Advogado	Político	Barão	S./Inf.
Mauricio de Barros	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	Conselheiro	S./Inf.
Joaquim Piza	SP	Superior	Advogado	Magistrado	Conselheiro	S./Inf.
F. Portugal	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.
Pires Ferreira	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.
Nascentes Pinto	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	Conselheiro	S./Inf.
Vicente Lustosa	PB	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	Monsenhor	S./Inf.
Alipio Calasans	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.

José Nery	AM	S./Inf.	Engenheiro militar	Político e Militar	***	S./Inf.
Carlos Novaes	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.
Frederico Nogueira	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.	S./Inf.

Conforme encaminhamento realizado com o IHGB em relação à comparação dos nomes dos sócios presentes à sessão ordinária em que Reclus foi recepcionado e sua comparação com os nomes das referências brasileiras presentes nas notas de rodapé de *EUB*. Apresentaremos algumas palavras sobre a comparação dos nomes dos sócios da tabela acima com os nomes das notas de rodapé de *EUB* mais adiante na seção *As referências tropicais do Brasil de Reclus: um exame bibliométrico* do Capítulo 3.

Dos percursos tropicais aos brasileiros com quem trabalha Reclus

Como escrevemos algumas páginas atrás, entre a visita de Reclus ao IHGB e a SGRJ, o geógrafo francês realizou uma breve viagem ao interior do Estado de São Paulo. Nesta seção apresentaremos algumas palavras sobre esta viagem e uma breve descrição e análise do capítulo *Vertente do Paraná e contravertente oceânica* de *EUB*.

Primeiramente necessitamos informar que o Estado de São Paulo está localizado na proposta de divisão regional do Brasil de Reclus, como pertencente à Bacia do Paraná e a Costa Atlântica juntamente com os Estados do Paraná e Santa Catarina. O geógrafo francês se referia a estes três Estados como “Estados

paranaenses”⁶⁶, uma alusão ao principal rio da bacia hidrográfica da região, evidenciando o uso do conceito de região natural.

No Estado de São Paulo, o “geógrafo experimentador”⁶⁷ identificou primeiramente as cidades do “valle do Parahyba”⁶⁸ que ficam no trajeto da linha férrea que liga o Rio de Janeiro a São Paulo, destacando a cidade de Taubaté e um possível porto para o escoamento da produção de cafés, localizado na cidade de Ubatuba. Uma outra cidade destacada foi “Mogy-das-Cruzes”⁶⁹ beneficiada por localizar-se em um ponto de cruzamento de uma estrada de ferro com destino ao porto de São Sebastião.

Reclus também descreveu a cidade de São Paulo, a “capital do Estado mais commercial e mais industrioso da Republica”⁷⁰ e a cidade de Santos “– outr’ora Porto de Santos – [que] fórma um mesmo organismo commercial com S. Paulo, a quem serve de entreposto e porto marítimo”⁷¹. Igualmente descreveu à cidade de São Vicente “para onde Martim Affonso de Sousa levou a canna da Madeira na primeira metade do seculo XVI, [que] só tem hoje plantações sem importancia”⁷² e terminou sua descrição da Baixada Santista com algumas palavras sobre Cubatão.

Voltando a escrever sobre o interior do Estado de São Paulo, descreveu a cidade de Campinas como o “centro principal do commercio do Norte de S. Paulo”⁷³ e as cidades de Casa-Branca, S. Simão e Ribeirão Preto, passagem da

⁶⁶ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 310.

⁶⁷ ALAMBERT Jr., Francisco Cabral. **Civilização e Barbárie, História e Cultura**: representações culturais e projeções da “Guerra do Paraguai” nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República. 1998. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, p. 121.

⁶⁸ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 257.

⁶⁹ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 324.

⁷⁰ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 324.

⁷¹ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 327-328.

⁷² RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 424.

⁷³ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 333.

estrada entre São Paulo “e os Estados occidentaes de Goyaz e Matto-Grosso”⁷⁴. Em outra estrada identifica Limeira, Araras, Pirassununga e “Mogy-Guassú”⁷⁵, destacando a cidade de Rio Claro a “Princeza do Oeste”⁷⁶.

Reclus observou em sua “exploração instrutiva”⁷⁷ a região de “Mogy-Guassú”⁷⁸ – interior do Estado de São Paulo – acompanhado por Eduardo Prado, Sr. Botelho e Francisco Leite Guimarães, a diversidade da natureza do Brasil:

[...] Neste paiz de tammanha fertilidade, bastam o calor e humidade para cobrir de viçosa vegetação os terrenos naturalmente mais ingratos ; a propria rocha, decompondo-se, cobre-se de terra vegetal ; penedos, que nos paizes da Europa teriam por unico revestimento o tapete cinzento ou amarellado dos lichens, aqui estão cobertos pelos festões e grinaldas da matta virgem. [...] ⁷⁹

O geógrafo francês atentamente escreveu que o desenvolvimento brasileiro não se localizava somente na capital federal.

[...] Todavia a area da grande cultura limita-se ás regiões que têm o Rio de Janeiro por centro, do Espirito-Sancto ao Paraná. Era o Estado do Rio outr’ora o principal productor, e ainda agora metade da safra sae pelo porto do Rio de Janeiro; mas hoje o Estado em que existem mais vastas plantações, e que produz mais e melhor café, é S. Paulo ; o cafeeiro deu-lhe espantosa prosperidade, attrahindo para suas fazendas uma onda crescente de immigração. [...] ⁸⁰

⁷⁴ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 335.

⁷⁵ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 335.

⁷⁶ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 335.

⁷⁷ RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. L’Amérique du Sud. L’Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX; 1894, p. 797.

⁷⁸ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 335.

⁷⁹ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 419.

⁸⁰ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 421.

Contudo, quando o geógrafo francês descreve a situação agrícola de um país, a posse da terra funciona como um fator explicativo, seja como um freio ao aumento dos rendimentos, em suas palavras:

A estatística da produção do café, levantada por casas exportadoras rivaes, carece de precisão, e alguns dados parciais que existem são contradictorios. É certo todavia que a safra total augmentou notavelmente nos ultimos annos, apezar da abolição da escravatura. O augmento das colheitas fez-se quasi todo em proveito dos grandes proprietarios : a pequena lavoura tem fraquissima parte nesta produção. Na região da « terra roxa » de S. Paulo ha propriedades de 10 000 e 20 000 hectares, tendo sido fundadas algumas importantes estações de estrada de ferro só para servirem a certa e determinada fazenda. Uma fazenda de café, pertencente a uma companhia que dispõe do capital de 8 500 contos [...] comprehende, segundo se lê no relatorio official, cêrca de seis milhões de pés e emprega 4 200 individuos quasi todos de origem italiana, distribuidos em 26 grupos ou povoados : nos bons annos, estes cafezaes podem produzir até 6 000 toneladas de café. [...] ⁸¹

A situação agrícola nacional também pode ser fundamental para se entender as contradições do crescimento da produção econômica em detrimento do crescente empobrecimento dos trabalhadores. Conforme Reclus escreveu:

[...] Certamente a industria do café no Brasil, e notavelmente no Estado de S. Paulo, onde se conta mais de um bilhão de pés, é maravilha da agricultura e faz a admiração dos economistas ; é porém licito perguntar, sem preconceito contra o regimen da grande propriedade, si não ha perigo em sacrificar todas as culturas a uma só, por muito rendosa que ella seja : a população, que augmenta rapidamente, ficaria exposta a uma penuria repentina si qualquer phenomeno economico ou um desastre natural viesse a seccar de subito a fonte d'esta espantosa riqueza. ⁸²

Portanto, como pudermos verificar a geografia agrícola de Reclus não se satisfaz com as estatísticas da produção dos grandes proprietários; preocupa-se

⁸¹ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 423.424.

⁸² RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 424.

em explicar a questão da propriedade da terra, as condições de trabalho dos pequenos agricultores, dos camponeses e as práticas produtivas da agricultura (GIBLIN, 1976).

Em outra região paulista descreveu algumas cidades próximas ao “valle do Tieté”⁸³ – Itú a “fidelissima”⁸⁴, Sorocaba e “numa região montanhosa limitada pelo Tieté pelo lado do Norte”⁸⁵ a cidade de Botucatu. E, por fim, na última região do Estado de São Paulo estudada, o vale do Ribeira, apresentou algumas palavras sobre as cidades da “parte meridional do Estado”⁸⁶: Cananéia e Iguape.

Mapa 2. Rede das Vias Ferreas do Rio, Minas e S. Paulo.



fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 451.

⁸³ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 336.

⁸⁴ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 336.

⁸⁵ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 338.

⁸⁶ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 341.

Como vimos, a partir da proposta de divisão regional do Brasil de Reclus em que o conceito de região natural se evidencia, com o uso das bacias hidrográficas norteando sua descrição e análise o Estado do Rio de Janeiro e o Distrito Federal foram incluídos na região da *Bacia do Parahyba*.

O “geógrafo experimentador”⁸⁷ iniciou seus estudos sobre a geografia fluminense observando que Niterói e o Rio de Janeiro “[...] constituem um mesmo organismo urbano, que vive da mesma vida [...]”⁸⁸. Descreveu e analisou o Rio de Janeiro e seus arrabaldes: do Pão de Açúcar a Santa-Cruz; o núcleo da cidade antiga; a Lapa e o morro de Santa Tereza; Flamengo; Laranjeiras; Botafogo; Copacabana, a Lagoa Rodrigo de Freitas, o Jardim Botânico e a Gávea e São Cristóvão. Considerou que:

Em seu todo, o Rio de Janeiro pode ser comparado a um imenso polvo, cujo corpo seria a cidade primitiva e que projectasse em varios sentidos os seus tentaculos farpados. De uma extremidade a outra, a distancia é tão grande como nas mais variadas metropoles [...]⁸⁹

Estudou a população fluminense e carioca identificando um fluxo migratório interno do campo para a cidade e outro fluxo proveniente de outros Estados: sobretudo Bahia, Pernambuco e Ceará para a capital da República. Igualmente, percebeu a chegada de estrangeiros principalmente – portugueses, italianos, ingleses, franceses, alemães, suíços e norte-americanos. Apontou que em bairros mais ao Norte de São Cristóvão e ao Sul das imediações da Lagoa Rodrigo de Freitas “reinam as febres palustres”⁹⁰. Analisou ainda a questão do abastecimento de água e a proteção da vegetação original das nascentes dos cursos d’água.

⁸⁷ ALAMBERT Jr., Francisco Cabral. **Civilização e Barbárie, História e Cultura**: representações culturais e projeções da “Guerra do Paraguai” nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República. 1998. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, p. 121.

⁸⁸ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 262.

⁸⁹ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 267.

⁹⁰ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 270.

Verificou a expansão das atividades comerciais e industriais da região central da cidade para a periferia e o crescimento do número de armazéns e docas do porto para impulsionar o transporte naval. Constatou também a dependência das exportações brasileiras ao café, “o producto do Brasil por excellencia”⁹¹, e a significativa importação de produtos agropecuários e industrializados do exterior que atendiam as necessidades do Rio de Janeiro e também dos “Estados do interior”⁹², além de servir “de entreposto a outros portos brasileiros que vem aqui abastecer-se por meio da cabotagem”⁹³. Apontou a Grã-Bretanha, Estados Unidos, França e Alemanha como os principais parceiros comerciais do Brasil. E no comércio com os *Estados do interior* identificou as estradas de ferro como uma das principais vias de transportes concentradas nas:

[...] duas linhas principaes do interior, as de S. Paulo e Minas, [que] só têm um tronco, de 108 kilometros de extensão, que se bifurca no valle do Parahyba, na Barra do Pirahy, e a estrada de ferro circular que deve reunir em torno da bahia todas as linhas divergentes não está nem em via de conclusão.⁹⁴

Em contraponto, os transportes urbanos do Rio de Janeiro foram avaliados como de uma “cidade modelo quanto á facilidade de communicações entre o centro da cidade e os seus arrabaldes”⁹⁵ destacando os *bonds* de tração animal e elétrico. “Da mesma sorte, as barcas a vapor que fazem a communicação maritima do Rio de Janeiro com Nicteroi são sempre designadas pelo nome inglez de *ferry*, que se emprega no singular.”⁹⁶

Destacou ainda instituições científicas que se esperava encontrar em uma capital da República como – a Faculdade de Medicina, o Hospital da Misericórdia,

⁹¹ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 420.

⁹² RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 275.

⁹³ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 275.

⁹⁴ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 276.

⁹⁵ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 276.

⁹⁶ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 277.

a Escola Politécnica, a Escola Nacional de Belas-Artes, o Instituto Nacional de Música, a Escola Naval, o Ginásio Nacional, o Colégio Militar, a Escola Militar da Praia Vermelha, o Instituto Profissional, o Liceu de Artes e Ofícios, a Escola Normal, o Museu de História Natural e a Biblioteca Nacional.

Todavia, identificou o Observatório Astronômico e o Jardim Botânico, além das associações e sociedades científicas e literárias como – o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro –, os grêmios que apresentamos algumas palavras na seção *As sociedades geográficas com quem dialoga Reclus* desse capítulo.

E para finalizarmos esta seção apresentamos as palavras de Reclus em agradecimento aos brasileiros que colaboraram direta ou indiretamente com subsídios para a elaboração do capítulo *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *Nouvelle Géographie Universelle*:

Para este 19 e último volume da *Nouvelle Géographie Universelle* eu tive a felicidade de ter, como nos precedentes, muitos colaboradores. [...] Os elementos utilizados para o capítulo sobre o Brasil me foram fornecidos com essa gentileza e esse charme que parecem ser o privilégio de todos os cidadãos pertencentes a esse maravilhoso país. Eu citaria sobretudo: o senhor Eduardo Prado, que teve a graciosidade de me dirigir em minha viagem sobre o Mogy-Guassú e nos *cafezales* de São Paulo; o senhor Botelho, que nos acompanhou nessa exploração instrutiva; o senhor Francisco Leite Guimarães, que nos fez estudar a sua plantação em detalhe e me passou ensinamentos muito preciosos; Senhor Taunay, que me acolheu com muita cordialidade, e me abriu os tesouros de sua experiência sobre os homens e as coisas, e me permitiu consultar suas memórias pessoais; o senhor Charles Morel, editor da *Étoile du Sud* que conhece admiravelmente sua nova pátria e me colocou em relação com outras pessoas de saber. Um dos meus amigos pessoais, o senhor Fleuret, me fez estudar de perto a vida do Rio. Eu devo um reconhecimento especial ao botânico veterano, o senhor Glaziou, assim como aos membros da Sociedade de Geografia e do Instituto Histórico, especialmente ao senhor Marques de Paranaguá, Homem de Mello, Raffard, Barbosa Rodriguez. Em Paris, o senhor Rio Branco que colocou a minha disposição os mapas, os documentos, os álbuns que ele possuía. [...]⁹⁷

⁹⁷ RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX; 1894, p. 797.

As cartas tropicais de Reclus

Entre a visita de Reclus em 30 de junho de 1893 à primeira instituição científica brasileira, o IHGB, localizado no Rio de Janeiro e a recepção na SGRJ realizada no dia 18 de julho de 1893, encontramos cartas emitidas pelo geógrafo francês a um familiar, Paul Régnier que pelas datas de sua redação foram elaboradas durante sua viagem ao Brasil.

Essa primeira carta expressa uma descrição das fazendas de café do interior do Estado de São Paulo seguidas de referências à Argélia e a Europa. Como nos propomos acompanhar o geógrafo francês, no momento da formação de sua visão de Brasil, acreditamos ser oportuno uma aproximação com essas cartas que Reclus externa tais analogias, em suas palavras:

A Paul Régnier.

Porto Martinho Prado, 12 juillet 1893.

Meu caro amigo,

Eis me aqui no meio das plantações imensas de café no Estado de São Paulo. Para quem trabalha e persevera esta região é diferente da Argélia, apesar de eu preferir o seu país de luta e trabalho difíceis. Julgue a diferença: a propriedade na qual me encontro tem 60.000 hectares de culturas, savanas e florestas; nem um metro de superfície que não seja utilizável. A área cultivada ocupa cerca de 2.000 hectares, cuja metade é de cafezais. Receita financeira para 100 mil pés relacionado e 900.000 pés na espera: o ano passado, 100.000 francos. Das despesas, a receita de 250.000 francos e este ano é ruim, gastando 100 mil francos de despesas 100.000 fr. de receita. Além das despesas relacionadas ao café há aquelas ligadas às savanas em que se tenta transformar em terreno de cultura por meio de arados a vapor. Os avestruzes passeiam entre as máquinas.

Ontem visitamos outra propriedade, muito luxuosamente equipada por um bom homem generoso, dois metros de altura e majestoso. Produção média de 300 a 1.000 toneladas de café. Despesas 500 mil francos; receita 700 mil francos. Eu ainda prefiro Tarzout: receitas e despesas quites, mas a vida, a luta e os bonitos horizontes.

Meu companheiro nessa viagem é um argelino de Constantine, um politécnico que se demitiu do exército, que vem procurar investir 100 mil francos em café em São Paulo depois de ter fugido covardemente dos gafanhotos.

O barco que nos trouxe estava cheio de engenheiros e parece que é assim em todas as viagens. Os camaradas de Central eram muitos, o mais idoso, senhor..., é um inglês que recebeu um golpe de sabre na cabeça durante o golpe de Estado de 1851 e que, enviado ao exílio com 80 camaradas estrangeiros, teve de terminar seus estudos em Viena. Ele é concessionário do Porto de Bahia e procura se fazer passar malicioso, mas é um bravo homem. Ele casou com uma normanda de d'Evreux, creio que ela é alegre, forte, inteligente, determinada, uma mulher capaz. Nós a conhecemos com grande prazer enquanto viajava no interior. Ermance tem a grande vantagem de usufruir de sua companhia na pousada onde nós nos hospedamos perto do Rio.

Um outro Central procura diamantes nas margens do Jequitinhonha; um outro recolhe o ouro nas margens de um riacho boliviano; um outro ainda constrói uma estrada de ferro perto daqui no estado do Paraná... Um outro, um outro etc. Logo todas essas áreas serão uma segunda Europa para o trabalho.

O clima desses platôs é incomparável. Não há febre. No ano passado, nessa propriedade a mortalidade foi de 2/700 habitantes: um velho e um picado por cobra; e, entretanto esses 700 indivíduos estão quase todos aclimatados, italianos, portugueses, dinamarqueses, judeus russos.

Eu o abraço muito afetuosamente você, Magali e queridos filhos.

Elisée.⁹⁸

A segunda carta inserida foi o resultado de nossa pesquisa no Rio de Janeiro⁹⁹ e que não foi publicada anteriormente¹⁰⁰. Essa carta foi enviada por Reclus a Rio Branco, um dia após a sua recepção na SGRJ, quando o geógrafo francês já se encontrava em Minas Gerais e apresenta uma contradição quanto a acolhida dos brasileiros do Rio entre o aqui comunicado e os agradecimentos na *NGU* em suas palavras:

⁹⁸ RECLUS, Élisée. **Correspondance**, Tome III et dernier. Septembre 1889 - Juillet 1905. Paris : Alfred Costes, 1925, p. 140-142.

⁹⁹ Mais especificamente na Seção do Arquivo Histórico do Centro de Documentação do Departamento de Comunicações e Documentação do Ministério das Relações Exteriores.

¹⁰⁰ RECLUS, Élisée. **Correspondence**. Tome I: Decembre 1850 – Mai 1870. Paris : Schleicher Frères, 1911.

RECLUS, Élisée. **Correspondence**. Tome II: Octobre 1870 – Juillet 1889. Paris : Schleicher Frères, 1911.

RECLUS, Élisée. **Correspondence**, Tome III et dernier: Septembre 1889 – Juillet 1905. Paris : Alfred Costes, 1925.

Meu caro senhor,

Sua carta do dia 10 de junho chegou um pouco tarde, mas me escreveram de Paris dizendo que o necessário foi feito para lhe responder. Eu espero que o senhor esteja satisfeito.

Eu não lhe surpreenderei dizendo que fui acolhido muito cordialmente e acrescentaria pomposamente demais, pelos brasileiros do Rio e entre aqueles com quem pude conversar [...] vários me deram informações das mais preciosas. Entretanto ainda não tive a sorte de ver o senhor Capistrano de Abreu. Conto consegui-lo antes da minha partida, já próxima. Espero não trair a confiança que todos esses senhores colocaram em mim. Ai! Como será difícil falar de improviso de um país tão grande quanto à sua extensão, tão grande quanto ao seu futuro.

Sinceramente e respeitosamente,
Élisée Reclus¹⁰¹

A última carta escrita por Reclus em território brasileiro foi redigida após a sua viagem por Minas Gerais. Mais especificamente, esta carta foi escrita já na travessia do Atlântico entre o Brasil e o Senegal. Como nas anteriores, o geógrafo francês externou suas impressões da viagem, contudo, nessa última carta expressou certa simpatia pelo Brasil, novamente no sentido de “país do futuro”:

A Paul Régnier.

5 août 1893. Entre Pernanbuco et Dakar.

Meu amigo, filhos e caro,

Ei-nos aqui há 8 dias em viagem tendo começado mal essa primeira metade: o mar estava áspero, o vento rude e ontem no momento de passar pelo Equador quase tivemos frio. Hoje o vento e as ondas nos são amigáveis e eu aproveito para escrever algumas palavras, na conversa que eu mantenho com você.

Eu te enviei do Rio uma espiga de milho de pipoca, que eu creio – segundo a afirmação de botânicos competentes – ser a pipoca da qual teu irmão havia falado e você me pediu para enviar. Prevendo que essa espiga não chegue a você em razão da legislação sobre o *phylloxéra* eu guardei outras coisas que você poderia ter encontrado nesse incomparável Brasil para suas tentativas de aclimação! Mas a riqueza sem limites faz com que nós não

¹⁰¹ A transcrição desta carta foi gentilmente realizada pelo Professor Doutor Herve Thery, a quem direcionamos nossos sinceros agradecimentos.

tentemos desenvolver nada: raros são aqueles que trabalham; [...]
A última propriedade que eu vi no estado de Minas Geraes compreende 300 hectares, quase todos de terra excelente. Mas em cinco anos, ele oferece uma trama na cultura avaliados por mim a 15 metros de cada lado. Com este canal de rega 6 km de comprimento e 600 cavalos de potência! É verdade que só cuida de recolher o ouro dessa propriedade. Lucro para o ano: 200.000 francos. Desembolsos anuais: idem, idem.

Você sabe que eu voltei um pouco doente desses imensos cafezais de São Paulo onde a gente não faz outra coisa que não se abaixar para recolher o dinheiro dos outros. Mas há tanto o que fazer nesse país que eu certamente usaria meu crédito para enviar trabalhadores e pessoas com ideias, se a ocasião se apresentar e isso não é impossível.

Seu amigo,

Elisée.¹⁰²

¹⁰² RECLUS, Élisée. **Correspondance**, Tome III et dernier. Septembre 1889 - Juillet 1905. Paris : Alfred Costes, 1925, p. 142-144.

CAPÍTULO 2 - O BRASIL DA NOVA GEOGRAFIA UNIVERSAL DE RECLUS

Os fundamentos filosóficos e científicos de Reclus

Para iniciarmos este capítulo acreditamos ser necessário e interessante apresentarmos algumas palavras acerca dos fundamentos filosóficos e científicos do pensamento de Élisée Reclus. Em nossas leituras verificamos que os estudiosos da obra de Reclus apontam a influência de Karl Ritter no pensamento do geógrafo francês, entretanto, raros foram aqueles que se dedicaram a examinar cuidadosamente este fato (RAMÍREZ Palácios, 2010).

Como forma de identificar, descrever e analisar o quadro de referências de Reclus, buscamos encontrar em nossas leituras a influência do geógrafo alemão e de outros filósofos e cientistas na geografia produzida por Reclus. De início, torna-se oportuno expressar que nossa empresa será no sentido de reconstituir sua formação filosófica e científica, ou, em outras palavras, de confirmar sua formação intelectual como um “geógrafo ritteriano”¹⁰³ além de mapear as demais influências e referências.

Portanto, em nosso mapeamento trabalhamos com um pressuposto encontrado de modo unânime no conjunto de nossas leituras no que se refere à influência ritteriana na geografia de Reclus (DUNBAR, 1978; BERDOULAY, 1981; CAPEL, 1981; KORINMAN, 1981; MORAES, 1983; ANDRADE, 1985; CODELLO, 2007; LACOSTE, 2005; MOREIRA, 2008; RAMÍREZ Palácios, 2010).

E entre os comentadores que estudamos, o trabalho de Gary Dunbar se destacou por ser um dos poucos que se dedicaram exclusivamente a pesquisar a vida e a obra de Reclus. Dunbar escreveu palavras interessantes em sua análise de um dos períodos parisienses de Reclus, onde destacou que desde os primeiros trabalhos de juventude já estavam presentes as observações inteligentes dos fenômenos naturais e sociais. Não obstante, a essa qualidade Reclus fazia uso das obras de seus contemporâneos para produzir seus estudos que enfatizavam

¹⁰³ RAMÍREZ Palácios, David Alejandro. **Élisée Reclus e a Geografia da Colômbia**: cartografia de uma interseção. 2010. 234 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 148.

não somente os efeitos negativos da ação do homem sobre o meio, identificando também efeitos positivos desse processo (DUNBAR, 1978). Nesse sentido, acreditamos que a questão do finalismo¹⁰⁴ presente na obra de Ritter – um dos contemporâneos que o influenciaram – tem um peso significativo na visão harmoniosa da relação entre homem e meio presente na geografia de Reclus, conforme Dunbar escreveu: “Like his Christian mentor, Carl Ritter, Reclus thought of the earth as the home of man, a place created for man's use and enjoyment.”¹⁰⁵

Entretanto, as influências alemãs na formação e pensamento de Reclus, obviamente, vão além de um cientista ou pensador. E para ampliarmos nosso mapeamento do quadro de influências e referências de Reclus novamente nos apropriaremos das palavras de Dunbar:

[...] Reclus credits the Germans with having more intimate feelings and knowledge of landscape than the English, not only in actual scientific exploration but also in literary exploration, as in the works of Kant, Goethe, and Ritter, “that heroic scholar who did not recoil from the thought of commencing all by himself the encyclopedia of all human knowledge on the lands and peoples of the world.”¹⁰⁶

Encontramos uma complementação importante no mapeamento dos fundamentos do geógrafo francês em outro comentador, contudo, este estudioso não se dedicou exclusivamente a estudar o geógrafo francês, porém, apresentou considerações importantes e interessantes, estamos falando de Horacio Capel, que desde as primeiras palavras afirmou que “el geógrafo francés más claramente influido por las concepciones positivistas es, probablemente, Jean Jacques Élisée Reclus”¹⁰⁷. Esta avaliação de Capel está ligada ao novo modelo científico que conquistava a França no período em que Reclus produziu a sua obra, assim, seu método geográfico foi classificado como um reflexo do positivismo. O uso de tal

¹⁰⁴ Sobre a questão do finalismo na geografia de Ritter ver: MORAES, Antonio Carlos Robert. **Contribuição para uma História Crítica do Pensamento Geográfico**: Alexandre von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel. São Paulo, 1983, 508 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983a, p. 240-250.

¹⁰⁵ DUNBAR, Gary S. **Élisée Reclus**: Historian of nature. Hamden: Archon Books, 1978, p. 42.

¹⁰⁶ DUNBAR, Gary S. **Élisée Reclus**: Historian of nature. Hamden: Archon Books, 1978, p. 43.

¹⁰⁷ CAPEL, Horacio. **Ciencia y filosofía en la geografía contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981, p. 301.

método vinculava-se aos ensinamentos ritterianos e a busca de caminhar como “un continuador de la obra del geógrafo alemán”¹⁰⁸.

Yves Lacoste escreveu em sua análise da influência da geografia alemã sobre Reclus uma concepção das mais importantes no sentido de aproximar as influências de Ritter como um dos elementos centrais dos fundamentos científicos e filosóficos do geógrafo francês e que simultaneamente nos ajudou a elucidar a questão do método usado por Reclus para pensar a *NGU*:

[...] En 1850-1851, Élisée Reclus est allé suivre à Berlin les cours de Ritter, c'est d'ailleurs semble-t-il le seul enseignement universitaire qu'il ait reçu et il y a porté un grand intérêt. À telle enseigne que Reclus traduit en français et publie en 1859 un large extrait de l'oeuvre de Ritter, *Configuration des continents*. Cette comparaison des grandes formes de relief des continents et des grandes lignes du tracé de leurs côtes est reprise, tout en faisant moins référence aux volontés que Ritter prête à Dieu, dans différents tomes de la *Nouvelle Géographie universelle* et dans le tome I de *L'Homme et la Terre*.¹⁰⁹

Por sua vez, Ruy Moreira em seu estudo do mapeamento das matrizes clássicas originárias do pensamento geográfico brasileiro elegeu Reclus entre os geógrafos franceses que participaram da formação da matriz originária da geografia brasileira e apresentou a influência de Ritter quanto ao método geográfico do geógrafo francês para produzir a *NGU*:

A Nova geografia universal (Nouvelle géographie universelle), obra em 19 volumes, publicada em Paris entre 1875 e 1894, dá prosseguimento a *A Terra*, trazendo o olhar libertário da natureza e do homem de Reclus para o plano agora da organização espacial das ações humanas. Com seus 19 volumes, a *Nova geografia universal* está na tradição do *Erdkunde*, obra de mesmo perfil e publicada em Berlim, também em 19 volumes, por Ritter, de quem Reclus foi aluno, entre 1822 e 1859, e do *Cosmos*, que Humboldt publica em Paris entre 1855 e 1859, em 4 volumes. As paisagens e países do mundo são postos a desfilar nessa obra de Reclus,

¹⁰⁸ CAPEL, Horacio. **Ciencia y filosofia en la geografia contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981, p. 301.

¹⁰⁹ LACOSTE, Yves. Élisée Reclus, une très large conception de la géographicit  et une bienveillante géopolitique. **Hérodote**, n. 117, Paris : Éditions La Découverte, oct.- déc. 2005, p. 41.

associando na leitura o recorte e o todo, numa abordagem também aqui sem dicotomia.¹¹⁰

Além da influência de Ritter, presente desde a preparação de sua primeira grande obra em geografia *La Terre. Description des phénomènes de la vie du Globe (1868)*, outro contemporâneo que também o influenciou foi Charles Darwin, com suas idéias que passaram a ter alcance das ciências naturais e sociais à geografia de Reclus:

Aunque seguramente partió para ella de ideas ritterianas alumbradas en los cursos de Berlín, la larga elaboración le permitió, sin embargo, asimilar plenamente la biología darwinista, de tal manera que en el momento de su publicación se convirtió en la primera gran obra que refleja el impacto de Darwin en la geografía. La idea de evolución y de cambio aparece claramente en ella, a la vez que se hacen referencias explícitas al biólogo inglés. Reclus traza primeramente un cuadro de la geografía física del planeta [...] para estudiar después los fenómenos de la vida, dentro de los cuales incluye al hombre, y plantear el problema de las adaptaciones a las condiciones del medio natural. [...]¹¹¹

Uma outra consideração que a maior parte dos estudiosos da obra de Reclus concordam que além do evolucionismo, do darwinismo e dos ensinamentos ritterianos influenciaram a visão harmoniosa do geógrafo francês o pensamento dos românticos que:

[...] se refuerza y modifica en Reclus con las influencias del pensamiento roussoniano sobre la naturaleza armoniosa y la necesidad de que el hombre obedezca a las leyes naturales; con las nociones anarquistas de armonía y fraternidad universales; y con el impacto de la ecología darwinista.¹¹²

¹¹⁰ MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro**, v. 1: as matrizes clássicas originárias. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 25.

¹¹¹ CAPEL, Horacio. **Ciencia y filosofía en la geografía contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981, p. 301-302.

¹¹² CAPEL, Horacio. **Ciencia y filosofía en la geografía contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981, p. 303.

Béatrice Giblin também apontou a influência de J.-J. Rousseau e da idéia de “natureza paradisíaca”¹¹³ na obra do geógrafo francês. Contudo, essas visões harmoniosas, românticas e paradisíacas em Reclus não foram resultado de apropriações mecânicas e a-críticas, tornando sua obra ímpar entre a geografia de seu período.

[...] Reclus [buscaba] en la naturaleza un ejemplo y un modelo para la organización anarquista de la sociedad, aunque para ello ha de destacar las dimensiones de armonía, cooperación y simbiosis, en lugar de las típicamente darwinistas de competencia, selección y lucha por la vida. [...] ¹¹⁴

O contexto de uma obra que se pretende universal

O contexto histórico do qual devemos apresentar algumas palavras se aproxima em muito do período histórico que Horacio Capel estudou para analisar a fundação, expansão e organização das sociedades geográficas européias e latino-americanas. Este contexto é o do século XIX que conheceu de modo único uma grande aspiração para o aproveitamento dos conhecimentos para compreensão de todos os domínios da natureza e da sociedade.

Por sua vez, Sergio Luiz Nunes Pereira iniciou seu trabalho com um panorama mundial da formação e expansão das sociedades geográficas e destacou que o século XIX deve ser reconhecido “como a etapa decisiva do conhecimento geográfico da Terra.”¹¹⁵ As crescentes necessidades de matérias-primas e mercados consumidores para a manutenção da revolução industrial em marcha no velho mundo, além do abastecimento das demandas nacionais

¹¹³ GIBLIN, Béatrice. **Élisée Reclus** : géographie, anarchisme. Hérodote, n. 2, Paris : François Maspero, avril-juin 1976, p. 34.

¹¹⁴ CAPEL, Horacio. **Ciencia y filosofía en la geografía contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981, p. 304.

¹¹⁵ PEREIRA, Sergio Luiz Nunes. **Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro: origens, obsessões e conflitos (1883-1944)**. 2002. 186 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, p. 23.

produziram um contexto fértil para uma transformação pragmática¹¹⁶ da geografia em um saber “a serviço dos interesses imperialistas dos países europeus”¹¹⁷.

Ainda nas palavras de Pereira a produção de novos conhecimentos científicos, técnicos e tecnológicos que modernizaram os meios de comunicação e transportes, impulsionaram o domínio europeu até as mais distantes latitudes e longitudes da Terra:

[...] Em tal contexto, que reunia de forma inédita meios e fins, ganhavam corpo no continente europeu iniciativas de exploração de territórios de além-mar, assumindo estas a forma de expedições militares ou viagens de estudo organizadas por sociedades científicas e comerciais.¹¹⁸

Consideramos importantes às palavras acima citadas, porém, acreditamos que além das expedições e viagens organizadas por instituições científicas e comerciais, podemos também acrescentar a publicação de periódicos e enciclopédias pelas casas editoriais européias, como exemplos complementares de formas de compreensão das diferentes regiões da Terra.

Neste contexto de avanços racionais e demandas capitalistas criou-se um ambiente favorável à formação de novas disciplinas científicas à luz deste mundo novo que surgiu. Especificamente, em relação aos conhecimentos científicos, se produzirá uma geografia¹¹⁹ que passará a ser uma “ciência da moda”. Ou, em outras palavras, a disciplina que atenderá a moda da curiosidade de conhecer um mundo em transformação.

¹¹⁶ “Esta preocupação oficial pelos estudos dos países coloniais correspondia a uma forte demanda social, por parte da burguesia, para o conhecimento de tais países, com vistas aos intercâmbios comerciais e à difusão da produção industrial e da cultura européia”. Cf. CAPEL, Horacio. **Geografia contemporânea: ciência e filosofia**. Maringá: Eduem, 2010, p. 83.

¹¹⁷ CAPEL, Horacio. **Geografia contemporânea: ciência e filosofia**. Maringá: Eduem, 2010, p. 83.

¹¹⁸ PEREIRA, Sergio Luiz Nunes. **Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro: origens, obsessões e conflitos (1883-1944)**. 2002. 186 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, p. 23.

¹¹⁹ « Plusieurs facteurs ont ainsi favorisé le développement de la géographie. Le mouvement colonial, la ferveur nationaliste, incitaient à une meilleure connaissance du monde et du territoire national. Le désir de plus en plus répandu de fonder les valeurs humaines sur l'enracinement au pays favorisait également le développement des études régionales. L'engouement du public français à la fin du XIXe siècle pour la connaissance des régions fut considérable et cet intérêt, mis en évidence par des oeuvres littéraires et des professions de foi politiques, se manifesta fortement dans la recherche géographique. » Cf. BERDOULAY, Vincent. **La Formation de L'École Française de Géographie (1870-1914)**. Paris : Bibliothèque Nationale, 1981, p. 142.

Para atender o desejo de conhecer o mundo, as casas editoriais européias tiveram uma função central para satisfazer essa curiosidade geográfica com o fornecimento de uma nova visão do mundo. Podemos dizer que estas casas criaram um público para a geografia (BERDOULAY, 1981).

Uma das principais casas editoriais européias de língua latina, sem dúvida, foi à livraria francesa Hachette¹²⁰. De fato, esta editora produziu diversas publicações que contribuíram para atender o interesse do curioso público, e entre uma das publicações mais conhecidas está *Les Guides Joanne*¹²¹ organizada por Adolphe Joanne, com a ajuda de alguns colaboradores. E entre estes colaboradores, estava Élisée Reclus que havia retornado à Paris em 1857 após suas viagens à Inglaterra, Irlanda, Estados Unidos e Nova Granada¹²². Neste volta a Paris o geógrafo francês trabalhou como escritor e tradutor, principalmente, para a Hachette. E com o reconhecimento de seus trabalhos ingressou na Sociedade Geográfica de Paris (ANDRADE, 1985).

Contudo, no contexto da Guerra Franco-Prussiana onde as tropas francesas foram derrotas em Sedan pelas tropas prussianas, resultando na anexação da Alsace e da Lorraine pela Prússia e a composição de um governo francês subserviente que inaugurou a Terceira República, fatos estes suficientes

¹²⁰ « la maison d'édition Hachette fut une initiatrice. En 1860, Louis Hachette (défenseur de l'expansion coloniale avant que celle-ci ne devienne une option populaire) fonda un périodique, *Le Tour du Monde*, qui devait toucher un vaste public et susciter la curiosité géographique du lecteur. On y retrouvait surtout des récits de voyages et d'explorations présentés d'une façon littéraire et romancée. *Le Tour du Monde* est né principalement du souci de Louis Hachette de faire une propagande géographique qu'il croyait nécessaire tant pour l'expansion du commerce national que pour l'éducation des Français [...]. Une trentaine d'années plus tard, la maison d'édition s'attribua l'honneur d'avoir diffusé la connaissance géographique grâce à ce périodique : « On peut dire que, pour augmenter et répandre la connaissance *pratique* de la surface de la terre, aucune oeuvre n'aura été plus efficace que celle-là ». » Cf. BERDOULAY, Vincent. **La Formation de L'École Française de Géographie (1870-1914)**. Paris : Bibliothèque Nationale, 1981, p. 143.

¹²¹ « En fait, Hachette édita d'autres publications qui ont également contribué à cette cause. Parmi les plus connues, on peut citer *Les Guides Joanne* (composés par Adolphe Joanne, avec quatre ou cinq collaborateurs). Un neveu de Hachette, Emile Templier, qui devint par la suite un de ses principaux associés et successeurs, contribua également à la propagation de la géographie. Il travailla en collaboration avec Joanne, et ils « lancèrent » tous les deux Élisée Reclus en lui facilitant la publication de son ouvrage *La Terre* (1867) ainsi que des premiers fascicules de la *Nouvelle géographie universelle. La Terre et les hommes* (1874-1894). » BERDOULAY, Vincent. **La Formation de L'École Française de Géographie (1870-1914)**. Paris : Bibliothèque Nationale, 1981, p. 143-144.

¹²² Sobre a viagem de Élisée Reclus a Nova Granada ver: RAMÍREZ PALACIOS, David Alejandro. **Las geografías de Reclus y Vergara**: itinerario de una red. 2006. Monografía (Título de Historiador) - Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2006.

para motivarem os parisienses a levantar as armas e lutar organizando a Comuna de Paris. No início desta batalha, Reclus alistou-se como soldado junto a Guarda Nacional, que foi vencida pelas tropas francesas e prussianas. Com a derrota dos *communards*, o geógrafo francês tornou-se prisioneiro por quase um ano, passou pela prisão de Châtillon, depois foi transferido para a Ilha de Trébéron, e acabou por submeter-se a um julgamento em Saint-Germain-en-Laye, por um conselho de guerra que julgou seus atos e posições políticas, que o condenou a prisão perpétua na colônia penal francesa da Nouvelle-Calédonie na Oceania. A condenação significava o rompimento de suas relações científicas e institucionais. Entretanto, a comunidade científica e intelectual iniciou um movimento que pressionou o governo francês a comutação da pena por um exílio de dez anos¹²³.

Seu destino no exílio foi à vizinha Suíça, lugar onde permaneceu por um longo período. Em 1872 retomou suas atividades profissionais assinando um novo contrato com a Hachette para escrever a *Nouvelle Géographie Universelle*¹²⁴ (*NGU*), entretanto, no contrato firmado entre as partes, Reclus estava proibido de abordar temas políticos e religiosos, uma vez que a casa editorial enfatizava que havia contratado o geógrafo e não o anarquista, exigência esta que não pôde ser cumprida em sua totalidade, uma vez que as naturezas de Reclus – a geográfica e a anarquista eram indissociáveis (GIBLIN, 1976; ANDRADE, 1985; RAMÍREZ Palacios, 2006). Em seu “período suíço” Reclus conheceu o russo Piotr Kropotkin (1842-1921), que *a posteriori* contribuiria na *NGU* com estudos da Sibéria e do Extremo Oriente. A *NGU* representa o resultado de vinte dois anos de trabalho, 17.873 páginas, 4.290 mapas e mais de 1.000 gravuras divididas em dezenove volumes editadas e publicadas pela casa editorial francesa com regularidade entre

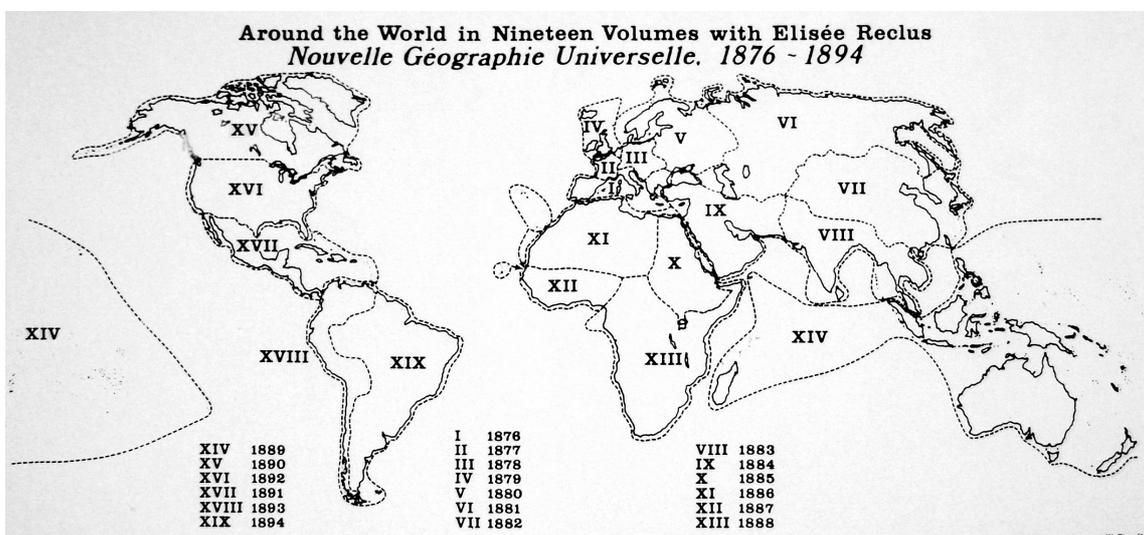
¹²³ DUNBAR, Gary. **Élisée Reclus**: Historian of nature. Hamden: Archon Books, 1978; ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985; RAMÍREZ Palacios, David Alejandro. **Las geografías de Reclus y Vergara**: itinerario de una red. 2006. Monografía (Título de Historiador) - Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2006.

¹²⁴ « Le succès de la *Géographie Universelle* a prouvé que cette oeuvre répondait à un besoin du public français, et même du public étranger puisqu'elle a dépassé nos frontières ; mais ne peut-on pas dire que, durant le cours de sa publication, elle a développé, transformé et agrandi le sentiment auquel elle était destinée à répondre ? La notion même de géographie s'est modifiée, la Terre a pris un autre aspect aux yeux de la génération moderne, les méthodes d'enseignement se sont élevées et s'élèvent chaque jour. Peut-on oublier que c'est dans le cabinet de M. Emile Templier que ce mouvement a pris naissance ? » SCHRADER, Franz. **Monsieur Emile Templier (1821-1891)**, (extrait du *Tour du monde*), Paris : D. Dumoulin, 1891.

1876 e 1894¹²⁵. Para a realização deste grande projeto, Reclus pesquisou arduamente em diversas bibliotecas, como também viajou a diversos países – em 1884, à Argélia, Tunísia e Egito; em 1885, à Hungria, Turquia e Ásia Menor; em 1886, à Itália; em 1889, aos Estados Unidos e Canadá; em 1890, novamente aos Estados Unidos, África do Sul, Portugal e Espanha (ANDRADE, 1985). Depois do longo exílio, ainda em 1890, retornou a França se instalando em Sèvres, cidade próxima à Paris.

E em 1892, com o reconhecimento de suas obras recebeu a medalha de ouro da Sociedade Geográfica de Paris e no ano seguinte, da Real Sociedade Geográfica de Londres¹²⁶. Reclus realizou ainda em 1893 a sua última grande viagem ao redor do mundo – seu destino foi pela segunda vez a América do Sul, especificamente: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai – viagem esta patrocinada pela Hachette para subsidiar a produção do último número da *NGU*.

Mapa 3. A divisão regional do mundo, a partir da *Nouvelle Géographie Universelle* (1876-1894) de Élisée Reclus.



fonte: DUNBAR, Gary. Élisée Reclus: Historian of nature. Hamden: Archon Books, 1978, p. 80.

¹²⁵ ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985, p. 18; LACOSTE, Yves. **A Geografia-Issoserve, em Primeiro Lugar, para Fazer a Guerra**. Campinas: Papyrus, 1988, p. 219; RAMÍREZ Palacios, David Alejandro. **Las geografías de Reclus y Vergara: itinerario de una red**. 2006. Monografía (Título de Historiador) - Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2006, p. 20-21.

¹²⁶ ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985, p. 14.

Nouvelle Géographie Universelle

Géographie de L'Europe

Tome Ier : L'Europe Meridionale
(Grèce, Turquie, Pays des
Bulgares, Roumanie, Serbie et
Montagne Noire, Italie, Espagne
et Portugal)

Tome II : La France

Tome III : L'Europe Centrale
(Suisse, Austro-Hongrie, Empire
d'Allemagne)

Tome IV : L'Europe Septentrionale
(NORD-OUEST : Belgique, Hollande, Iles
Britanniques)

Tome V : L'Europe Scandinave et Russe

Géographie de l'Asie

Tome VI : L'Asie Russe
(Caucasie, Turkestan et Sibérie)

Tome VII : L'Asie Orientale
(Empire Chinois, Corée et Japon)

Tome VIII : L'Inde et L'Indo-Chine

Tome IX : L'Asie Antérieure
(Afghanistan, Bélouchistan, Perse,
Turquie d'Asie, Arabie)

Géographie de l'Afrique

Tome X : L'Afrique Septentrionale
(1re *Partie* : BASSIN DU NIL
Soudan Égyptien, Éthiopie, Nubie,
Égypte)

Tome XI : L'Afrique Septentrionale
(2e *Partie* : Tripolitaine, Tunisie,
Algérie, Maroc, Sahara)

Tome XII : L'Afrique Occidentale
(Archipels Atlantiques, Sénégalie,
Soudan Occidental)

Tome XIII : L'Afrique Méridionale
(Îles de l'Atlantique Austral, Gabonie,
Angola Cap, Zambèze, Zanzibar, Côte
de Somal)

Géographie de L'Océanie

Tome XIV : L'Océan et les Terres Océaniques
(Îles de l'Océan Indien, Insulinde, Philippines, Micronésie, Nouvelle-Guinée, Mélanésie,
Nouvelle-Calédonie, Australie, Polynésie)

Géographie de l'Amérique

Tome XV : L'Amérique Boréale
(Groenland, Archipel Polaire, Alaska,
Puissance du Canada, Terre-Neuve)

Tome XVI : Les États-Unis

Tome XVII : Les Indes Occidentales
(Mexique, Isthmes Américains, Antilles)

Tome XVIII : L'Amérique du Sud
(LES REGIONS ANDINES : Trinidad,
Vénézuéla, Colombie, Ecuador, Pérou,
Bolivie et Chili)

Tome XIX : L'Amérique du Sud
(L'AMAZONIE ET LA PLATA : Guyanes,
Brésil, Paraguay, Uruguay, République
Argentine)

A partir do sumário: modos de olhar um país

Como vimos no capítulo anterior Reclus realizou em 1893 a sua última grande viagem ao redor do mundo para conhecer a América do Sul. Nesse mesmo ano o geógrafo francês publicou o tomo XVIII da *NGU* em que descreveu e analisou as Regiões Andinas¹²⁷. Portanto, essa segunda viagem a América do Sul, tinha o objetivo de subsidiar a produção do último tomo da *NGU* que seria dedicada a Amazônia e a Prata¹²⁸.

*Estados Unidos do Brasil: Geographia, Ethnographia, Estatística*¹²⁹ é a tradução do capítulo *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *NGU*¹³⁰. Esta obra foi traduzida do francês para o português por Benjamin Franklin Ramiz Galvão¹³¹, o Barão de Ramiz, cidadão ilustre da sociedade carioca e brasileira de seu período que, *a posteriori*, foi o primeiro Reitor da Universidade do Brasil.

¹²⁷ RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. La Terre et Les Hommes. L'Amérique du Sud. Les Régions Andines: Trinidad, Vénézuéla, Colombie, Écuador, Pérou, Bolivie et Chili. Paris : Hachette, Tome XIX, 1893.

¹²⁸ RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. La Terre et Les Hommes. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX, 1894.

¹²⁹ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil: geographia, ethnographia, estatística**. Tradução e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

¹³⁰ RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. La Terre et Les Hommes. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX, 1894.

¹³¹ "Benjamin Franklin Ramiz Galvão – Barão de Ramiz.

Foi o primeiro Reitor da Universidade do Brasil, ocupando o cargo de 1921 a 1925.

Nasceu em Rio Pardo, RS, em 16 de junho de 1846, e faleceu em 9 de março de 1938, no Rio de Janeiro.

Atividades: Médico, professor, filólogo, biógrafo e orador. Bacharel em Ciências e Letras, pelo Colégio Pedro II e Doutor em Medicina, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Trabalhou inicialmente no Hospital Militar da Ponta da Armação, passando, depois, ao magistério. Foi professor de grego no colégio Pedro II e de química orgânica, zoologia e botânica na Escola de Medicina do Rio de Janeiro.

Por sua amizade com o Imperador D. Pedro II, ocupou vários cargos importantes, além de lecionar para os descendentes da família imperial. Dirigiu a Biblioteca Nacional por doze anos e foi, por duas vezes, Diretor-Geral da Instrução Pública do Distrito Federal. Organizou o Asilo Gonçalves de Araújo, para educar crianças pobres. Entrou para a Academia Brasileira de Letras em 1928, aos 82 anos, sendo seu Presidente em 1934. Foi sócio grande benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro honorário da Academia Nacional de Medicina e de diversas Associações Científicas e Literárias. [...]"

Cf. http://www.ufrj.br/pr/conteudo_pr.php?sigla=EX_REIT_BFRG

Também integra a tradução de *Estados Unidos do Brasil as Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco*, entretanto, vale destacar que na publicação original este *Appendice* compõe a seção V. – *Territoire contesté franco-brésilien* do capítulo I *Les Guyanes* do tomo XVIII da *Nouvelle Géographie Universalle* e na tradução *Estados Unidos do Brasil* este texto não consta na capa da obra e nem mesmo em seu índice. Qual(is) a(s) explicação(ões) para isso? Foi um erro, proposital ou não?

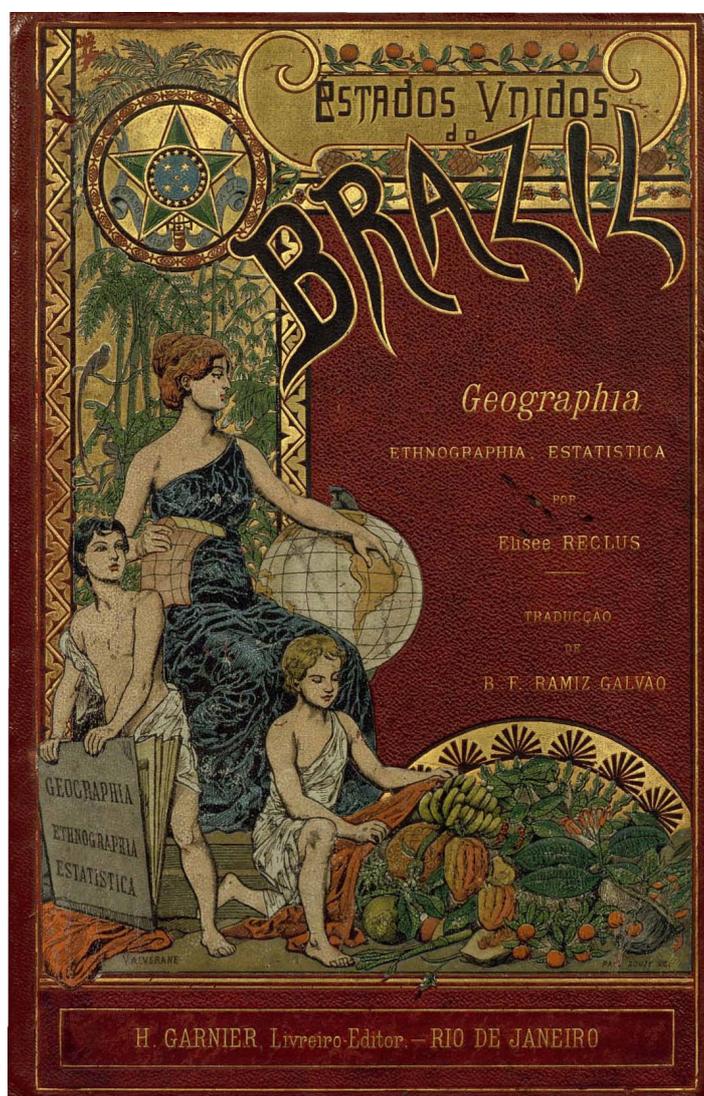
Nos dedicaremos a descrição e análise desta questão em nosso próximo capítulo, entretanto, apresentamos, respectivamente, à tabela de matérias do tomo XIX da *NGU* e o índice de *EUB* como forma de uma primeira aproximação com o objetivo de um olhar *por dentro da obra*:

TABLE DES MATIERES

Chapitre I. – Les Guyanes.....	1
I. – Vue générale.....	1
II. – Guyane anglaise.....	55
III. – Guyane hollandaise.....	66
IV. – Guyane française.....	72
V. – Territoire contesté franco-brésilien.....	85
Chapitre II. – États-Unis du Brésil.....	
I. – Vue générale.....	91
II. – Amazonie.	
États d’Amazonas et de Pará.....	117
III. – Versant du Tocantins.	
État de Goyaz.....	202
IV. – Côte équatoriale.	
États de Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte,	
Parahyba, Pernambuco, Alagoas.....	217
V. – Bassin du rio São Francisco et versant oriental des plateaux.	
États de Minas Geraes, Bahia, Sergipe, Espírito Santo.....	251
VI. – Bassin du Parahyba.	
État de Rio de Janeiro et municipe neutre.....	297
VII. – Versant du Paraná et contre-versant océanique.	
États de São Paulo, de Paraná, de Santa Catharina.....	336
VIII. Versant de l’Uruguay et littoral adjacent	
(État de São Pedro ou Rio Grande do Sul).....	395
IX. – Matto Grosso.....	415
X. – État matériel et social de la population brésilienne.....	442
XI. – Gouvernement et administration.....	486
Chapitre III. – Paraguay.....	497
Chapitre IV. – Uruguay.....	555
Chapitre V. – Argentine.....	585

Chapitre VI. Iles Falkland et Georgie du Sud.....	785
Dernier Mot.....	793
Note.....	797
Index alphabétique.....	799
Table des cartes.....	815
Table des gravures.....	819
Errata.....	823

**Imagem da Capa de Estados Unidos do Brasil:
Geographia, Ethnographia, Estatística de Élisée Reclus.**



Como vimos o capítulo II. *États-Unis du Brésil* da *NGU* de Reclus foi traduzido por Ramiz Galvão e publicado em 1900 com o título *Estados Unidos do Brasil: Geographia, Ethnographia, Estatística*. Seus conteúdos se dividem por sua vez da seguinte forma:

INDICE

I. – Vista geral.....	1
II. – Amazonia.	
Estados do Amazonas e do Pará.....	32
III. – Vertente do Tocantins.	
Estado de Goyaz.....	132
IV. – Costa equatorial.	
Estado do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagoas.....	149
V. – Bacia do Rio S. Francisco e vertente oriental dos planaltos.	
Estados de Minas Geraes, Bahia, Sergipe e Espírito Santo.....	187
VI. – Bacia do Parahyba.	
Estado do Rio de Janeiro e Districto Federal.....	241
VII. – Vertente do Paraná e contravertente oceânica.....	287
VIII. – Vertente do Uruguay e littoral adjacente.	
Estado de São Pedro do Rio Grande do Sul.....	354
IX. – Matto Grosso.....	377
X. – Estado social e material da sociedade brasileira.....	408
XI. – Governo e Administração.....	458

Em termos de iconografia a obra *EUB* possui 93 cartas, 27 gravuras de vistas e 3 de tipos humanos. Todas as cartas com autoria foram assinadas por Charles Perron, entretanto, duas cartas não possuem assinaturas na tradução, contudo, na original possuem a assinatura de Perron. Portanto, podemos deduzir que a ausência das assinaturas ocorreu por problemas gráficos. Ainda sobre as imagens, a tradução possui três cartas em folha duplas – *Manáos e o cruzamento dos Rios Amazonicos, Bocas do L'Amazonas e do Tocantins e Rio-de-Janeiro e seus arrabaldes* –, todas estas cartas duplas possuem autoria de Perron.

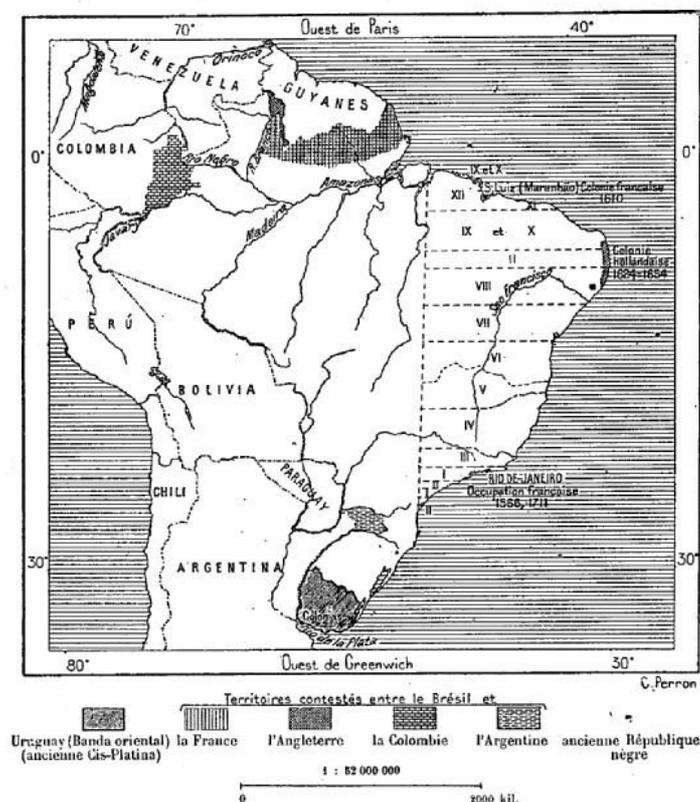
E entre os desenhistas identificamos oito colaboradores. Já entre os principais responsáveis pelas gravuras foram identificados dois colaboradores. Contudo, como as cartas encontramos também duas gravuras sem assinatura. O primeiro desenho sem identificação de autoria intitulado *Belém do Pará* não foi

encontrado no original, portanto, deve ter sido inserido pelo tradutor. Já o segundo desenho *Palacete da Ilha Fiscal, dependencia da Alfandega do Rio de Janeiro* não possui assinatura na tradução, porém, no original, Boudier assinou a autoria. E neste último caso também podemos deduzir que ocorreu um problema gráfico. Apresentaremos algumas palavras sobre a cartografia mais adiante na seção *A cartografia do Brasil da NGU por Charles Perron* e sobre a iconografia na seção *Algumas iconografias do Brasil da NGU* do Capítulo 3.

No entanto, ainda sobre a cartografia antecipamos uma questão interessante presente em todas as cartas elaboradas por Perron que representam o Brasil na *NGU* e em *EUB* que fazem jus a algumas palavras, são elas: “Oeste de Paris” presente na parte superior das cartas e a “Oeste de Greenwich”, por sua vez, presente na inferior das cartas, conforme podemos ver no exemplo da carta *Antigas divisões políticas e fronteiras do Brasil* apresentada a seguir.

Não obstante, no mesmo período da produção da *NGU* por Reclus e de suas cartas por Perron ocorreu a Conferência de Washington em 1884 reunindo 27 países para decidirem qual seria o meridiano referencial. Entre as razões para a escolha do Meridiano de Greenwich como meridiano referencial duas devem ser destacadas – a hegemonia britânica no mundo e a segunda que grande parte das cartas do período eram produzidas pelos britânicos que destacavam este meridiano. Entretanto, nem todos os países aceitaram Greenwich como o meridiano central, a França liderando essa resistência. Depois das negociações entre a França e o Reino Unido acertou-se o impasse com a universalização do uso do sistema métrico adotado pelos franceses e à adoção do meridiano de Greenwich como meridiano inicial, acordo este oficializado no Congresso Internacional de Geografia de Londres de 1895.

Mapa 4. Antigas divisões políticas e fronteiras do Brasil.



fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 10.

O “geógrafo-historiador”¹³² Reclus iniciou a sua descrição e análise do Brasil com o capítulo Vista geral em que apresentou a situação geográfica do Brasil em relação as maiores nações do mundo, a seguir expôs uma visão panorâmica dos aspectos naturais brasileiros e prosseguiu com a expansão marítima européia, a colonização portuguesa, a diferença da colonização ibérica na América, analisou a independência brasileira, a escravidão negra, a proclamação da República, a questão dos limites fronteiriços com as nações vizinhas, a guerra do Paraguai, as revoltas internas e a imigração européia principalmente.

¹³² ALAMBERT Jr., Francisco Cabral. **Civilização e Barbárie, História e Cultura**: representações culturais e projeções da “Guerra do Paraguai” nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República. 1998. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, p. 121.

Em um segundo momento do capítulo Reclus descreveu a natureza e os recursos naturais brasileiros. E propôs as “grandes divisões do Brasil”, uma vez que:

Tão vasto é o Brasil, que naturalmente se divide em grandes regiões distintas, não obstante a unidade geographica do todo, caracterizado por um massiço quasi insular de montanhas de formação primitiva, com o grande espinhaço de Norte a Sul, de declives rapidos para o lado do mar e de largos chapadões de separação entre as nascentes fluviaes. [...] ¹³³

E *a posteriori* descreveu brevemente as regiões brasileiras conforme sua proposta, a saber: a Amazonia; o Araguaya e o Tocantins; a Costa equatorial; o São Francisco; o Parahyba; o Matto Grosso, onde se ergue o *divortium aquarum*; e por fim o Uruguay e o Paraná.

Pelos elementos descritos e destacados anteriormente verificamos o método geográfico de Reclus baseado em regiões naturais com destaque para a hidrografia e o relevo enquanto elementos norteadores para sua divisão.

Esta leitura de mundo em que a natureza serve de atributo primeiro de orientação do seu olhar, pensamento e ação com foco em seus *objetos* de estudo, ao que tudo indica é tributário, principalmente, dos pensamentos de Karl Ritter, proporcionados, a partir de sua breve aprendizagem nas aulas do mestre alemão na Universidade de Berlim, e de seu trabalho como tradutor das obras do geógrafo alemão para a língua francesa ¹³⁴.

No caso da geografia da Colômbia David Alejandro Ramírez Palácios em seu estudo *Las Geografías de Reclus Y Vergara* constatou que:

En virtud del sistema de «regiones naturales» adoptado por Reclus, Colombia queda en su obra repartida en dos volúmenes: Panamá aparece en el tomo XVII, publicado en 1891 y dedicado a México, las Antillas y los istmos americanos, y el resto del país en

¹³³ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Tradução e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 28.

¹³⁴ Como exemplo citamos: RITTER, Carl. De la configuration des continents sur la surface du globe, et leurs fonctions dans l'histoire. **Revue germanique**, v. 8, n. 11, 1859, p. 241-267.

el XVIII, referido a las regiones andinas de América del Sur y publicado dos años después. [...] ¹³⁵

Mapa 5. A divisão regional do Brasil, a partir da *Nouvelle Geographie Universelle* (1894) de Élisée Reclus.



fonte: SILVA, Moacir M. F. Geografia dos Transportes no Brasil. Revista Brasileira de Geografia, Ano I, Nº 2, Abril de 1939, p. 92.

A proposta de divisão regional do Brasil de Reclus, a partir do tomo XIX da *NGU* e de *EUB* se aproxima à divisão do território brasileiro presente no livro *Navegação Interior do Brasil* (1869) de Eduardo José de Moraes. Contudo objetivo principal do autor que era engenheiro geógrafo foi apresentar uma proposta de um

¹³⁵ RAMÍREZ Palacios, David Alejandro. **Las geografías de Reclus y Vergara**: itinerario de una red. 2006. Monografía (Título de Historiador) - Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2006, p. 24.

plano de viação para o Império brasileiro baseado em bacias hidrográficas e por essa razão, “o trabalho executa uma espécie de regionalização da qual não poderia fugir e seu ponto de partida é a compartimentação do território em função do seu sistema hidrográfico que dá azo à própria estrutura interna da obra.”

Conforme Moraes propôs na introdução de *Navegação Interior do Brasil*:

Os systemas hydrographicos do Brasil, geralmente adoptados, se reduzem ás seguintes quatro secções:

1ª A bacia do Amazonas ao norte.

2ª A bacia do Prata ao sul.

3ª A de S. Francisco no centro.

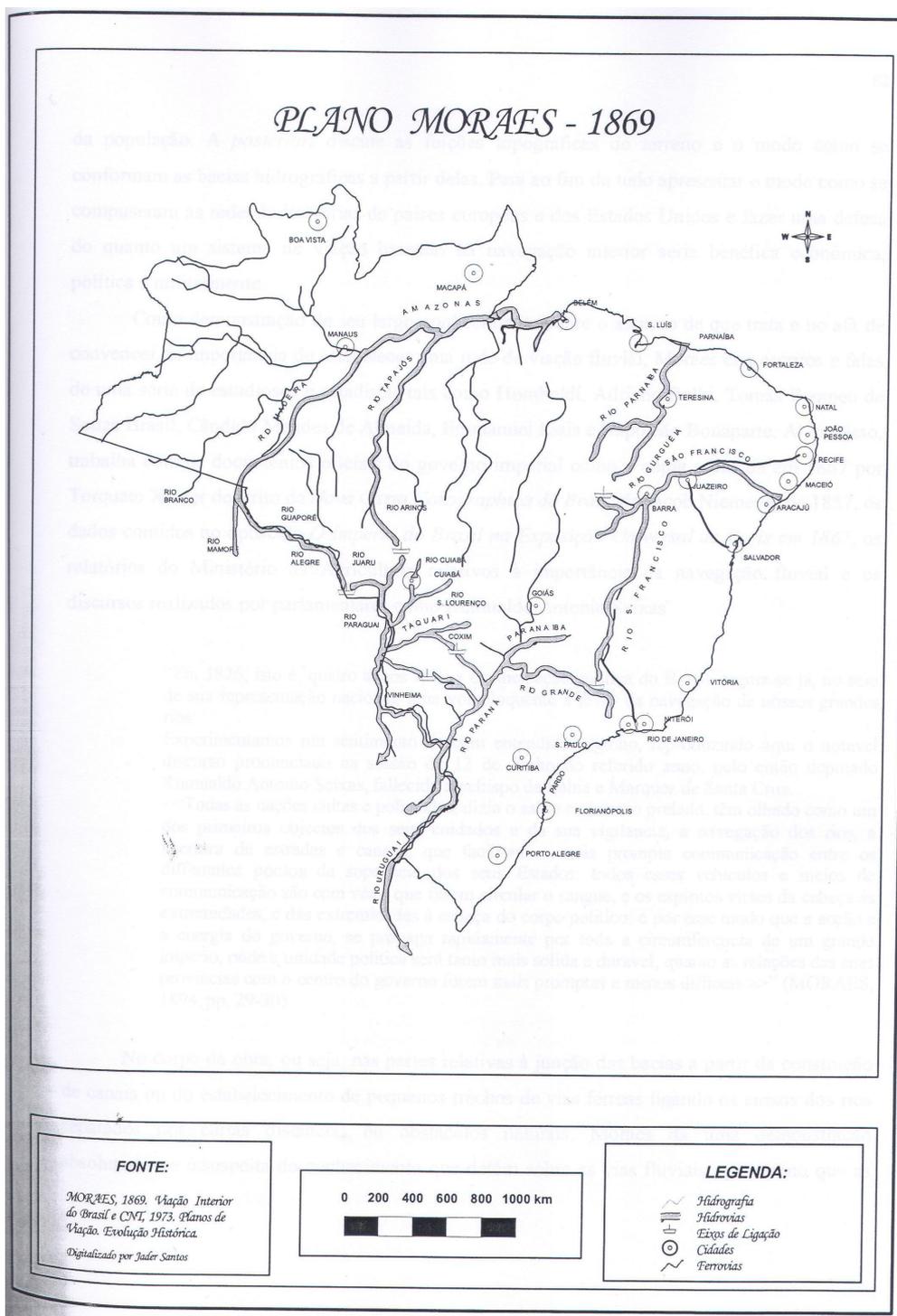
4ª As bacias menos importantes dos rios principaes.

No presente trabalho distinguiremos o systema hydrographico do Brasil em tres grandes classes ou bacias de 1ª, 2ª e 3ª ordem.

Eduardo José de Moraes¹³⁶ (1869 apud SOUSA NETO, 2004, p. 80)

¹³⁶ MORAES, Eduardo José de. **Navegação Interior do Brasil**. Notícia dos projetos apresentados para a junção de diversas bacias hidrográficas do Brasil ou Rápido Esboço da Futura Rede Geral de Suas Vias Navegáveis. Rio de Janeiro: Typ. Montenegro, 1894.

Mapa 6. Plano de Viação de Eduardo José de Moraes.



fonte: SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Planos para o Império: os Planos de Viação do Segundo Reinado (1869-1889)**. 2004. 192 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004, p. 81.

Nos capítulos seguintes de *EUB* Reclus descreveu e analisou as oito grandes regiões do Brasil, e em seu desenvolvimento um *modus operandi* se reproduziu como uma espécie de modelo ou padrão na estruturação das partes da obra onde iniciou respectivamente com a hidrografia, o relevo, a rocha, o solo, o clima, a flora e a fauna; enquanto elementos do domínio da geografia da natureza. E entre os elementos do domínio da geografia da sociedade apresentou palavras sobre os nativos, a população negra e branca, o extrativismo mineral, vegetal e animal, a agricultura, a pecuária, o artesanato, a manufatura, o comércio, as comunicações, os transportes e, por fim, a urbanização, em suas palavras:

[...] Cumpre portanto dividir a descrição do Brasil em capitulos distintos, nos quaes resumiremos os traços característicos assignalados pelos viajantes e geographos sobre o relevo, a ramificação fluvial, a flora, a fauna e os habitantes de cada districto. [...]¹³⁷

A cartografia do Brasil da *NGU* por Charles Perron

Nesta seção se buscou levantar e analisar a contribuição dos “cartógrafos, desenhistas, gravadores, compositores, corretores e gráficos”¹³⁸ na produção das imagens do Brasil da *NGU* de Reclus. Acreditamos que a riqueza cartográfica e iconográfica da obra necessita ser compreendida como resultado de um esforço coletivo que envolveu uma ampla rede de colaboradores e “por supuesto, y a pesar de los resultados del proceso de atribución del conocimiento, una obra como esta no es y no puede ser trabajo de un solo hombre.”¹³⁹

Nos dezenove tomos da *NGU* constam 4 290 cartas¹⁴⁰. Desse total no

¹³⁷ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatística. Tradução e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 28.

¹³⁸ RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. La Terre et Les Hommes. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX, 1894, p. 797.

¹³⁹ RAMÍREZ PALACIOS, David Alejandro. **Las geografías de Reclus y Vergara**: itinerario de una red. 2006. Monografía (Título de Historiador) - Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2006, p. 22.

¹⁴⁰ ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985, p. 18.

capítulo dedicado ao Brasil no tomo XIX da obra, se apresentam 91 cartas e todas elas foram assinadas por Charles Perron e por essa razão acreditamos que este cartógrafo se destacou entre os colaboradores da rede científica e institucional do geógrafo francês.

Nesse sentido, acreditamos ser necessário apresentar algumas palavras sobre esse colaborador. Charles Perron nasceu em 1837 na cidade suíça de Genebra. Realizou seus primeiros estudos na escola de artes da mesma cidade que nasceu, onde foi aluno do pintor Barthélémy Benn. Quando tinha aproximadamente 20 anos foi trabalhar na Rússia, aonde permaneceu por cinco anos. Retornando a Suíça, para ganhar a vida trabalhou como pintor e fotógrafo. Em 1869, fundou e dirigiu o jornal *L'Egalité*, neste mesmo ano, em uma viagem a Paris conheceu o geógrafo francês Élisée Reclus que já havia realizado viagens a alguns países da Europa e da América, além de ter ingressado na Hachette e na Sociedade Geográfica de Paris. Depois de alguns anos, em 1872, Perron novamente deixou a Suíça para trabalhar durante três anos como cartógrafo. Provavelmente a partir do encontro em Paris com Reclus se estabeleceram as primeiras aproximações visando à colaboração na produção da cartografia da *NGU* e também em outras empresas. Quando Perron retornou a terra natal estabeleceu-se em Genebra, aonde trabalhou na Biblioteca Pública e na Universidade de Genebra, mais tarde, se tornou o curador do Depósito de Plantas de Genebra.

A posteriori das publicações da *NGU*, em 1898, quando Reclus já trabalhava como professor de Geografia comparada na Universidade Nova de Bruxelas (UNB), o geógrafo francês convidou Perron para trabalhar no Instituto de Geografia da UNB, porém o convite para o cartógrafo suíço ministrar suas aulas de construção de relevos não foi efetivado por restrições econômicas¹⁴¹.

¹⁴¹ [...] Los problemas financieros de la UNB recortaron la presencia de profesores invitados ante la escasez de recursos. Fue el caso del cartógrafo suizo Charles Perron – autor de los mapas de la *Nueva Geografía Universal* de Reclus – al que la UNB no pudo ofrecer las condiciones económicas mínimas para las clases de construcción de relieves. [...] Cf. MOSQUETE, Teresa Vicente. Geografía y educación. Eliseo Reclus y su labor geográfica en la Universidad Nueva de Bruselas. In: BERDOULAY, Vincent; VARGAS, Héctor Mendoza (ed.). **Unidad y diversidad del pensamiento geográfico en el mundo**. Retos y perspectivas. México: UNAM; INEGI; UGI, 2003, p. 258.

Outrossim, após dois anos, o cartógrafo suíço ganhou a medalha de ouro da Exposição Universal de Paris¹⁴² de 1900 com a apresentação de uma maquete em gesso com o relevo da Suíça que foi produzida a partir de fotografias aéreas.

Para mapearmos as redes de colaboradores de Reclus para produzir esta obra colossal, nos concentramos unicamente na descrição e análise do capítulo dedicado ao Brasil da *NGU* onde observamos que as imagens do Brasil foram produzidas por Perron e por outros colaboradores e parceiros do geógrafo francês. Em nossa perspectiva de estudo buscamos atender de algum modo o convite de Sousa Neto quanto à afirmação de que: “se faz necessário que não apenas saibamos quais são as fontes, mas onde encontrá-las e os modos de fazê-lo”¹⁴³. Entendemos que a busca de outros autores deste grande projeto é uma forma interessante de confirmarmos a afirmação de que existiu um esforço coletivo para a produção da cartografia e a iconografia do Brasil da *NGU*. Acreditamos que nesta obra colossal Reclus foi o seu idealizador e escritor; contudo, verificamos que o cartógrafo suíço foi o responsável por um sem número de cartas e mapas, portanto, Perron foi seu “principal cartógrafo”¹⁴⁴.

A colaboração e parceria entre o geógrafo Reclus e o cartógrafo Perron para a produção desta grande obra possibilitou uma frutífera parceria que criou inovações técnicas para a cartografia, conforme assinalou Federico Ferretti:

Les premières collaborations de Charles Perron avec Elisée Reclus, depuis le deuxième volume, coïncident avec une importante innovation technique pour la production des cartes : l'emploi du procédé Gillot, qui permet de les envoyer directement à l'imprimeur, sans passer par le graveur à Paris. Pour Elisée Reclus, cela signifie garder le plein contrôle de l'iconographie malgré son éloignement.¹⁴⁵

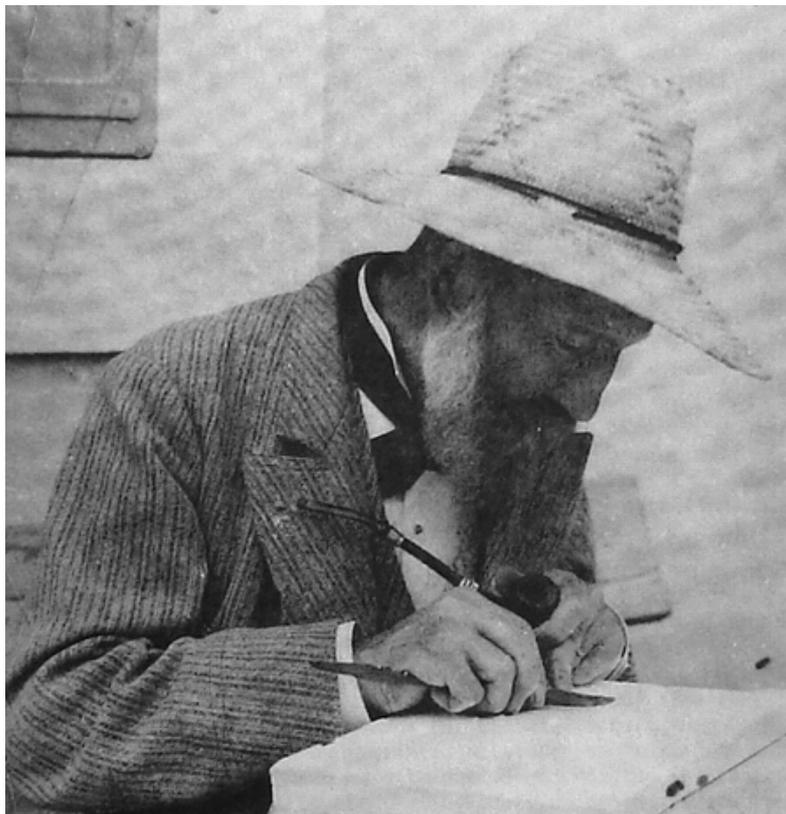
¹⁴² FERRETTI, Federico. Charles Perron, cartographe de la « juste » représentation du monde. **Les blogs du Diplo**, Paris, 2010, *Open Access*. Disponível em: <<http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>>. Acesso em: 31 mar. 2010.

¹⁴³ SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. As Outras Histórias ou da Necessidade Delas. **Terra Brasilis**, Rio de Janeiro, n. 2, 2000a, p. 140.

¹⁴⁴ FERRETTI, Federico. Charles Perron, cartographe de la « juste » représentation du monde. **Les blogs du Diplo**, Paris, 2010, *Open Access*. Disponível em: <<http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>>. Acesso em: 31 mar. 2010.

¹⁴⁵ FERRETTI, Federico. Charles Perron, cartographe de la « juste » représentation du monde. **Les blogs du Diplo**, Paris, 2010, *Open Access*. Disponível em: <<http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>>. Acesso em: 31 mar. 2010.

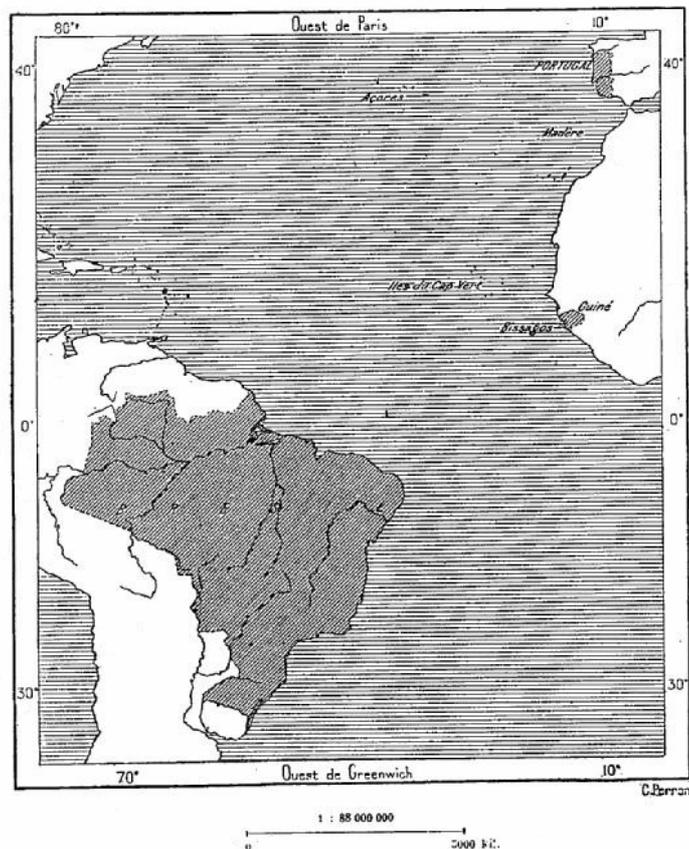
Charles Perron em seu trabalho.



fonte: FERRETTI, Federico. Charles Perron, cartographe de la « juste » représentation du monde. Disponível em: <<http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>>. Acesso em: 31 mar. 2010.

Entretanto, verificamos que não foi a única parceria que se estabeleceu para a realização deste grande projeto. Em nossos levantamentos, constatamos que as cartas e os mapas foram realizados exclusivamente por Perron. Contudo, identificamos um grande número de colaboradores e parceiros na produção dos desenhos e das gravuras do Brasil da *NGU* que foram elaboradas, principalmente, a partir de fotografias da Sociedade de Geografia de Paris e de fotografias de viajantes estrangeiros em passagem pelo Brasil.

Mapa 7. Brasil e Portugal.



fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 13.

As representações cartográficas e iconográficas que representam o Brasil da *NGU* mesmo não sendo elaboradas por Reclus apresentam uma grande complementaridade e harmonia entre o texto e a imagem e vice-versa que potencializam o poder explicativo da obra. Conforme Federico Ferreti escreveu:

[...] Elisée Reclus est l'un des premiers géographes, sinon le premier, qui pense et conçoit l'iconographie en parfaite symbiose du texte comme en témoigne sa correspondance de travail. Il demande à ses cartographes de suivre des indications très précises : les cartes doivent être simples, les toponymes clairs et

peu nombreux, il faut éviter toutes les formules abrégées et les symboles obscurs non compréhensibles.¹⁴⁶

Entretanto, o geógrafo francês foi extremamente crítico com os resultados alcançados pela cartografia de seu tempo, principalmente, em relação às limitações na representação exata do mundo. Conforme verificamos em uma carta de 17 de abril de 1894 que Reclus enviou a Perron:

[...] Nous-mêmes qui nous occupons plus ou moins de géographie, nous sommes toujours trompés par les fausses représentations graphiques, quoique nous sachions en théorie la forme vraie de la courbure et du relief. A plus forte raison ceux qui ne savent pas encore et qui apprennent avec confiance, sont-ils exposés à se faire les plus fausses idées de la géographie. Ils n'ont jamais dans l'esprit que des proportions inexactes. Ah ! que de cartes à détruire, y compris les miennes !.¹⁴⁷

A partir de nosso estudo das cartas e mapas do Brasil da *NGU* corroboramos a afirmação de que Charles Perron pode ser considerado como um dos primeiros cartógrafos a produzir uma cartografia temática no sentido moderno do termo. Conforme oportunamente apontou Federico Ferreti:

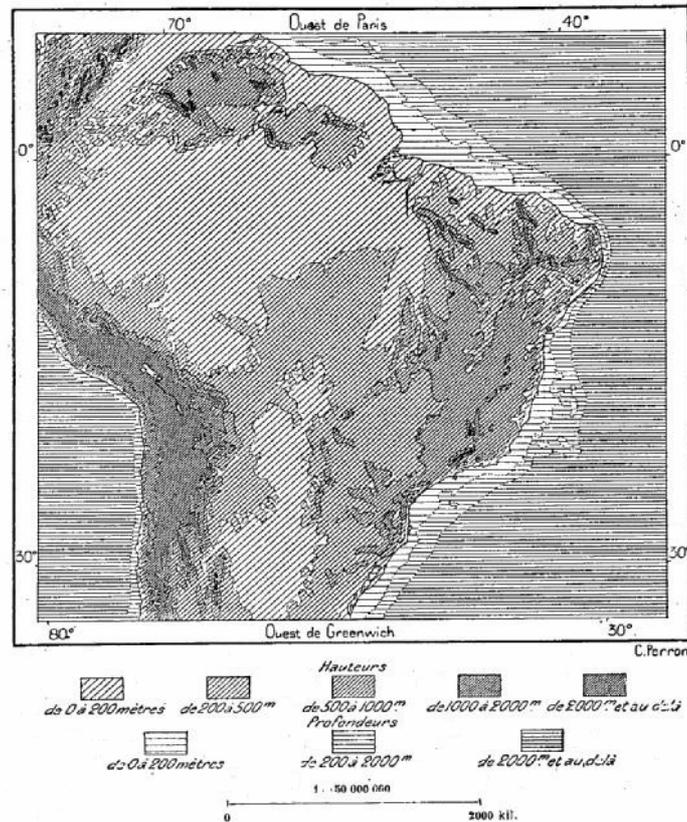
Les cartes de Charles Perron ont peu à voir avec la « géographie mathématique », c'est-à-dire que la localisation géodésique et l'uniformité topographique ne sont pas leurs premiers soucis : elles sont un soutien au texte et se présentent souvent sous la forme de ce qu'aujourd'hui on appellerait une « carte thématique ». Cartes physiques, statistiques, historiques, cartes de la population sont alors employés pour accompagner l'exposé des thématiques sociales. [...]¹⁴⁸

¹⁴⁶ FERRETTI, Federico. Charles Perron, cartographe de la « juste » représentation du monde. **Les blogs du Diplo**, Paris, 2010, *Open Access*. Disponível em: <<http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>>. Acesso em: 31 mar. 2010.

¹⁴⁷ RECLUS, Élisée. **Correspondance**, Tome III et dernier. Septembre 1889 - Juillet 1905. Paris : Alfred Costes, 1925, p. 162.

¹⁴⁸ FERRETTI, Federico. Charles Perron, cartographe de la « juste » représentation du monde. **Les blogs du Diplo**, Paris, 2010, *Open Access*. Disponível em: <<http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>>. Acesso em: 31 mar. 2010.

Mapa 8. Relevo do Território Brasileiro.



fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 27.

Algumas iconografias do Brasil da *NGU*

Nesta parte da seção apresentamos os trabalhos dos desenhistas e gravadores das imagens do Brasil na *NGU* de Reclus. Com essa apresentação se torna possível verificar o talento destes profissionais da rede de colaboradores do geógrafo francês que trabalharam com técnicas tradicionais, contudo, atingiram resultados de se admirar. Entre os principais colaboradores de Reclus que participaram da produção dos desenhos do Brasil da *NGU* identificamos e apresentamos a seguir os trabalhos de T. Taylor, J. Lavée, Riou, G. Vuillier, Boudier, A. Slom, A. Paris e Th. Weber. Já entre os principais responsáveis pelas gravuras identificamos e apresentamos os trabalhos de Thiriat e Bocher.

No entanto, para não nos limitarmos somente à ilustração das iconografias do Brasil da *NGU*, buscamos dialogar e nos apropriamos a nosso modo do estudo¹⁴⁹ de Heliana Angotti-Salgueiro em que analisou os desenhos de Percy Lau e outras “visões iconográficas” do Brasil moderno.

Nesse sentido, vale expressar que as iconografias dos colaboradores de Reclus antecedem em alguns anos os trabalhos de Percy Lau, uma vez que, este último produziu suas iconografias do Brasil no século XX, já os desenhistas e gravadores do Brasil da *NGU* retrataram a nação tropical em fins do século XIX.

Outrossim, uma primeira consideração que nos apropriamos de Heliana Angotti-Salgueiro diz respeito à identificação das bases das representações em que constatamos que quase todas as iconografias selecionadas para ilustrar essa seção possuem uma base comum para composição dos desenhos e gravuras que foram a partir de fotografias. A única iconografia produzida por outra base foi a de A. Slom que usou um esboço.

Outro elemento interpretativo chave para pensarmos estes trabalhos, inserem-se no sentido de que essas representações traduzem a riqueza do universo da cultura visual que buscou representar o “pensamento imagético da época”¹⁵⁰, no sentido de serem elaborados como “miniaturas da realidade”¹⁵¹.

Nesse sentido, acreditamos ser interessante nos apoiarmos primordialmente nas construções textuais do “geógrafo experimentador”¹⁵² que mais se aproximam de nos apresentar o *genius loci*, ou seja, as palavras mais representativas das descrições e análises da sociedade e do território nacional que dialogam com as construções iconográficas dos colaboradores de Reclus.

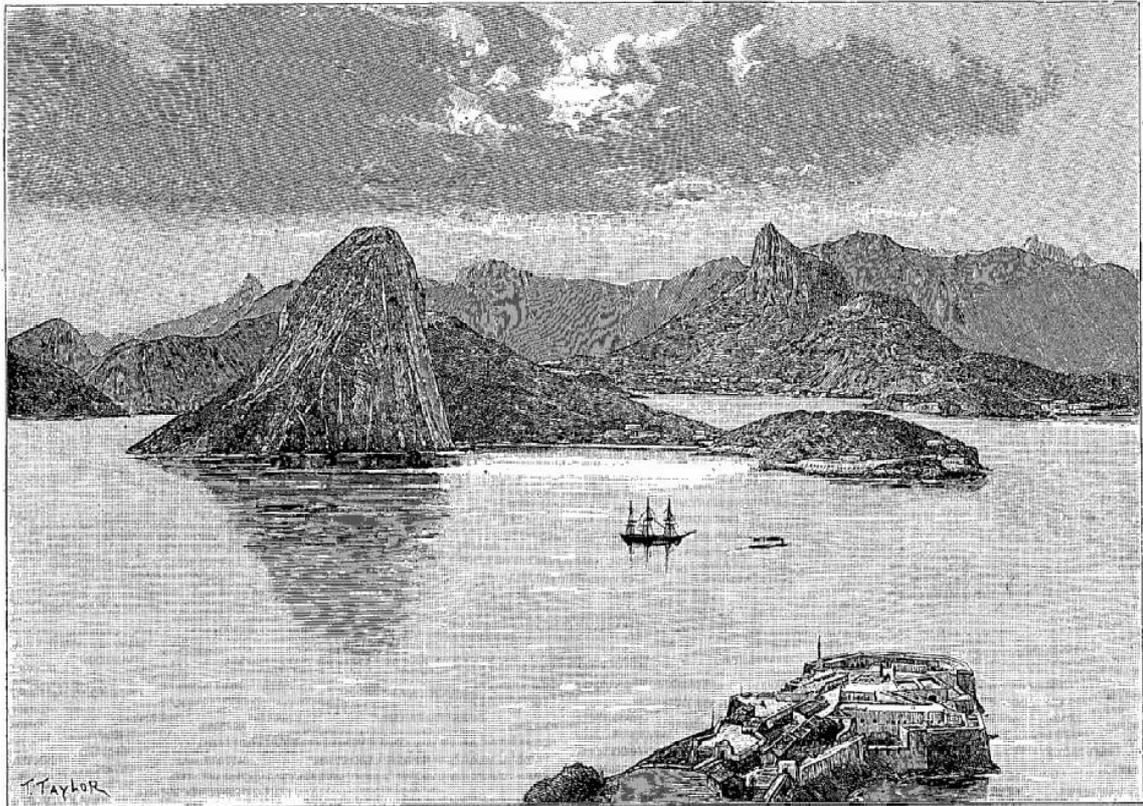
¹⁴⁹ ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras “visões iconográficas” do Brasil moderno. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 21-72, jul.-dez. 2005.

¹⁵⁰ ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras “visões iconográficas” do Brasil moderno. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 2, jul.-dez. 2005, p. 21.

¹⁵¹ ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras “visões iconográficas” do Brasil moderno. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 2, jul.-dez. 2005, p. 31.

¹⁵² ALAMBERT Jr., Francisco Cabral. **Civilização e Barbárie, História e Cultura**: representações culturais e projeções da “Guerra do Paraguai” nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República. 1998. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, p. 121.

**Entrada da Bahia do Rio de Janeiro.
Desenho de Taylor, segundo photographia.**



fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatística.
Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 23.

A maravilhosa bahia que deu seu nome á cidade principal do Brasil, Rio de Janeiro, e que outr'ora era com mais razão denominada pelos Tupis – Nictheroy – « Agua escondida », ou Guanabara (palavra de etymologia incerta), pertence pela sua extremidade septentrional ao typo das lagôas fluviaes; é ao mesmo tempo um golfo e uma lagôa.¹⁵³

¹⁵³ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatística. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 251.

Interior d'uma choça dos Ticunas.
Desenho de J. Lavée, por uma photographia emprestada pela Biblioteca do Museu.



fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil:** geographia, ethnographia, estatística.
Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 91.

Os habitantes do alto Solimões, quando este sae do territorio peruano, são já muito mixturados, si bem que não hajam ainda perdido de todo a sua divisão em tribus e não se tenham confundido em uma massa de origem incerta [...] Reconhecem-se alguns Omaguas pelo rosto redondo e flacido, os Yahuas pelo seu andar altivo, os Ticunas circumcisos pelos seus vestuarios pintados. [...] ¹⁵⁴

¹⁵⁴ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil:** geographia, ethnographia, estatística. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 89.

**Choças de índios orejones do Içá.
Desenho de Riou, segundo uma photographia de J. Crevaux.**



fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatística. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 108.

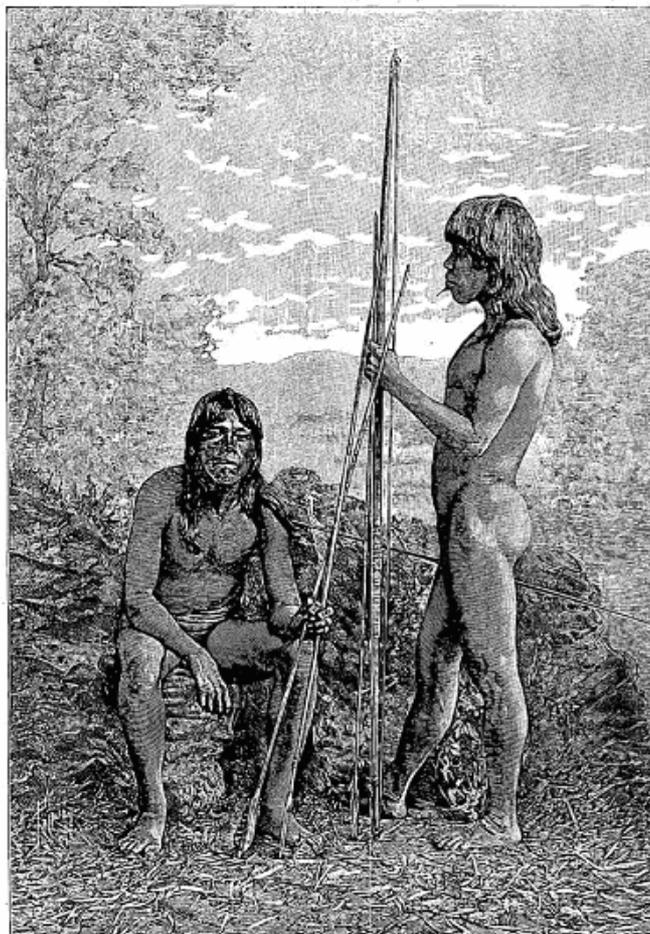
Os Orejones vivem na parte do médio curso do rio Içá,

[...] estes orejones furam os lábios, as orelhas e as alas do nariz; têm por vestimenta uma fita de vime, usam ainda do machado de pedra e fabricam bonita louça. O indígena porém abandona cada vez mais o grande rio e refugia-se no curso superior á margem dos affluentes, onde a caça e a pesca são mais faceis, e onde elle está mais abrigado das contendias e usurpações dos brancos.¹⁵⁵

¹⁵⁵ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatística. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 107.

Índios Carajás.

Gravura de Thiriát, segundo photographia emprestada pelo sñr. Coudrau.

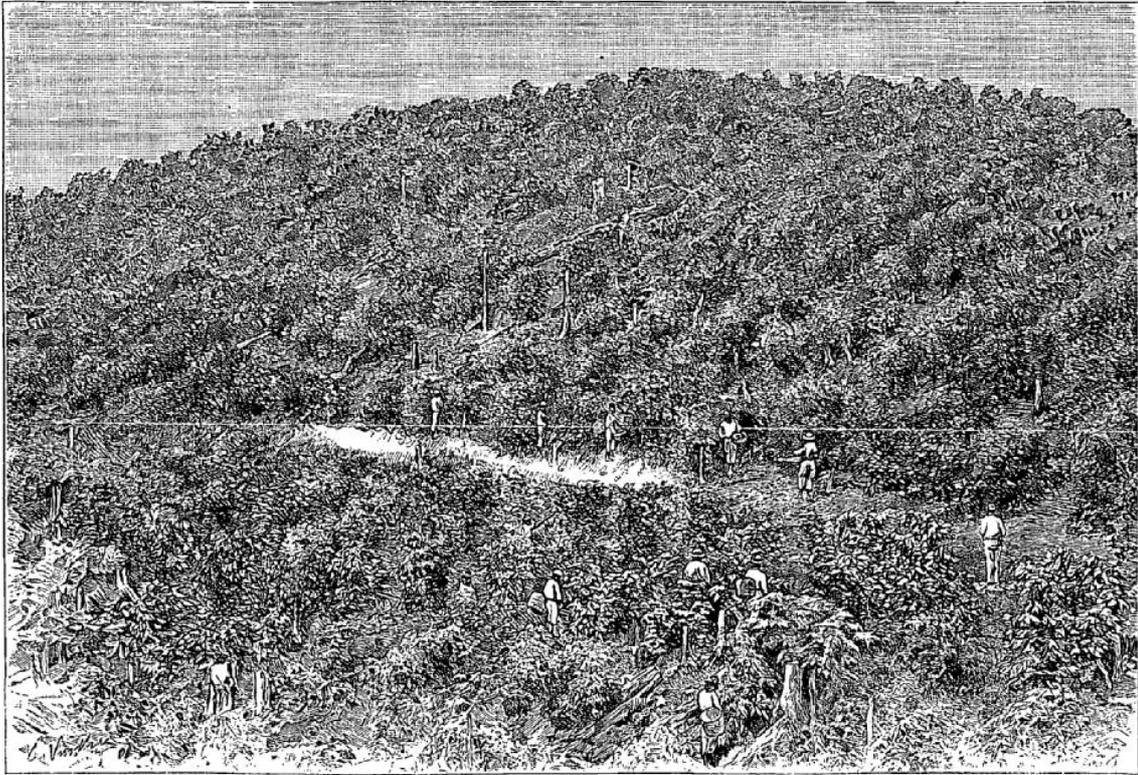


fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatística. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 141.

Os Carajás, que também se encontram na margem direita do Xingú, têm as suas principais tribus na vertente occidental do valle do Araguaya, na ilha do Bananal, e a Leste do Tocantins nas fronteiras dos Estados do Pará e do Maranhão. São havidos estes indígenas como descendentes d'um tronco ethnico differente do dos Gés, dos Tupis, dos Caraibas : seu dialecto, articulado de modo muito confuso, está cheio de vocabulos polysyllabicos de difficil pronunciação. [...]¹⁵⁶

¹⁵⁶ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatística. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 143.

O Cafezal.
Desenho de G. Vuillier, segundo photographia.

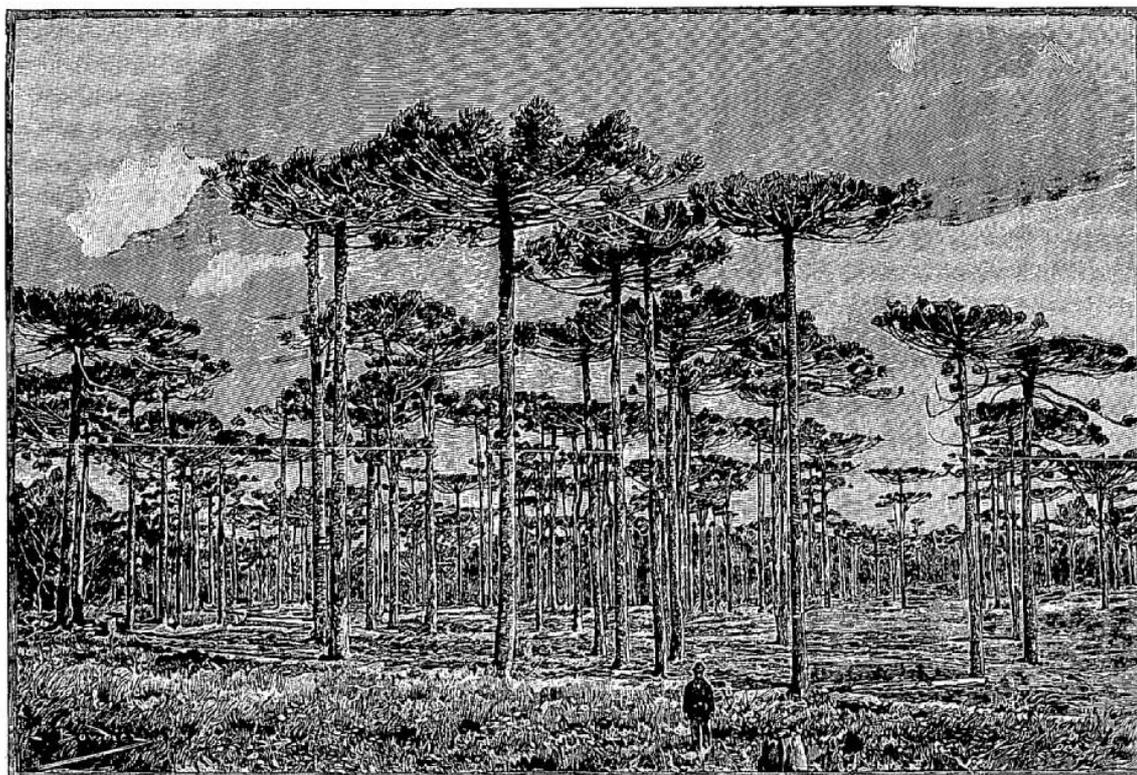


fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica.
Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 259.

Os grandes *cafezaes* completam-se com um grande machinismo industrial para a limpeza, a despulpção e secca do café. Não longe da casa de residencia, em terrenos de pequeno declive, preparam-se terreiros, onde trazida em vagonetes a colheita é depositada e espalhada ao sol. Regos d'agua ramificados na superficie do terreiro recebem as bagas; com a humidade apodrece o envoltorio, e depois os grãos são levados para um moinho, onde pela fricção se despulpam. Entregues ao aparelho, as bagas attritadas, polidas, acabam por entrar num grande tambor de peneiras circulares, que as classifica, segundo suas fórmias diversas em « moka », « martinica », « guayra », e outras especies commerciaes, caindo por fim nos saccos promptos para o trem que espera á porta da usina.¹⁵⁷

¹⁵⁷ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Annotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 422.

**Grupo de Araucarias, em S. Paulo.
Desenho de Boudier, segundo photographia.**



fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica.
Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 293.

No Estado de S. Paulo, a serra da Mantiqueira continúa como no Rio de Janeiro e desenvolve-se pelo interior paralelamente á serra do Mar, mas não oferece saliencias tão notaveis. Depois de haver formado o massico do Itatiaya, o mais alto do Brasil, abaixa-se de mais de mil metros; todavia ao Norte de Pindamonhangaba o vasto taboleiro dos Campos do Jordão apresenta picos de altitudes diversas entre 1 500 e 1 800 metros; um d'esses cumes tem 1 782 metros de altura. [...]¹⁵⁸

¹⁵⁸ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 292.

**Porto de Santos, Vista Tomada em 1891.
Grav. de Bocher, segundo photographia.**

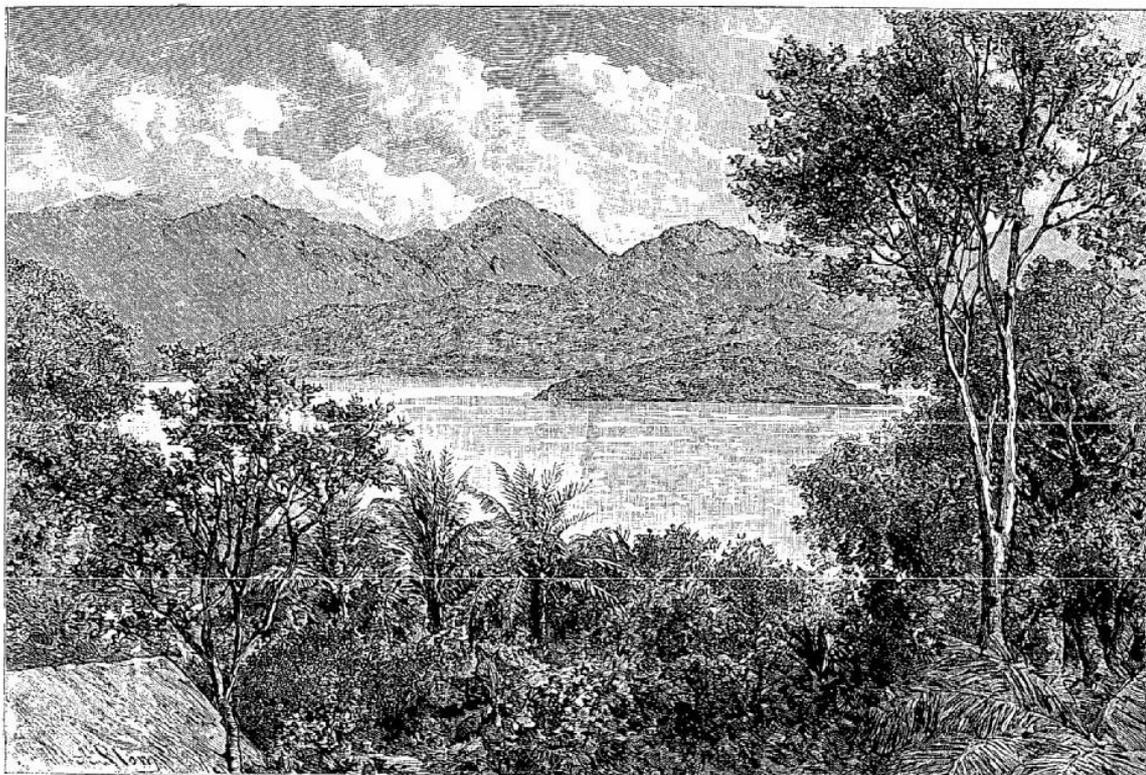


fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica.
Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 329.

[...] Este porto exterior, situado como Santos numa ilha separada do continente por estreito canal, transmitia seus productos para a terra firme pelo portosinho do Cubatão situado juncto á montanha por traz de Santos ; um molhe, gradualmente transformado em isthmo, tornou inutil este segundo porto, e de então em diante os navios passaram a ancorar no profundo golfo á cuja margem se ergueu Santos. [...]¹⁵⁹

¹⁵⁹ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 328.

**Paizagem de Matto-Grosso. – As Margens do Aquidauana.
Desenho de A. Slom, segundo esboço offerecido pelo Snr. Taunay.**

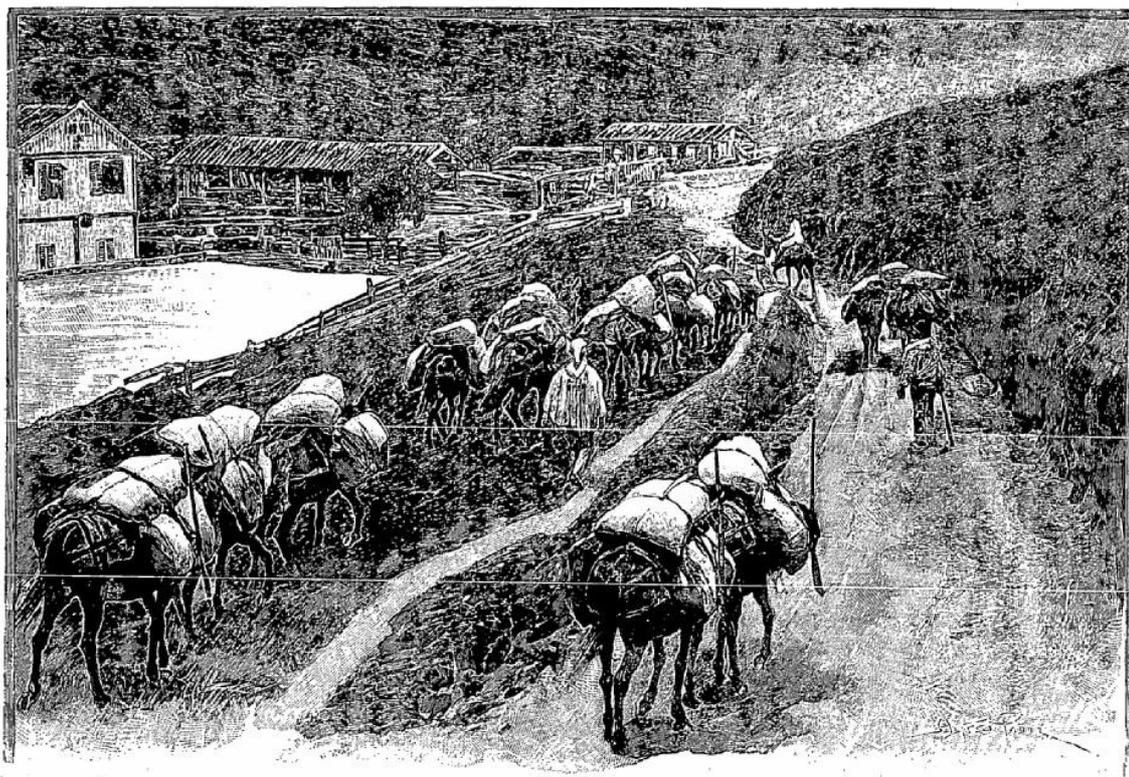


fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica.
Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 391.

[...] Os ramos lateraes seguem por entre as zonas pantanosas até a confluencia do Taquary e do Miranda que descem das montanhas de Leste. Recebe o Taquary na região superior um affluente, o Coxim, considerado pelos viajantes como um dos mais pittorescos rios do Brasil : em alguns logares, estreita-se elle entre paredões a pique de 50 metros de altura ; as canôas correm como no fundo d'um vallão que não tem mais de 10 a 12 metros de largura. O Miranda é tambem um rio encantador, assim como o seu tributario Aquidauana ou Mondego, que os Paraguayos reclamaram como limite septentrional do seu territorio : vindo das alturas do Amamabahy, colleia entre barrancas cobertas de matto e vae unir-se ao Miranda, quando começam as varzeas pantanosas que constituiram o mar interior de Xarayes.¹⁶⁰

¹⁶⁰ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 390.

Mulas transportando minereo.
Desenho de A. Paris, segundo photographia.

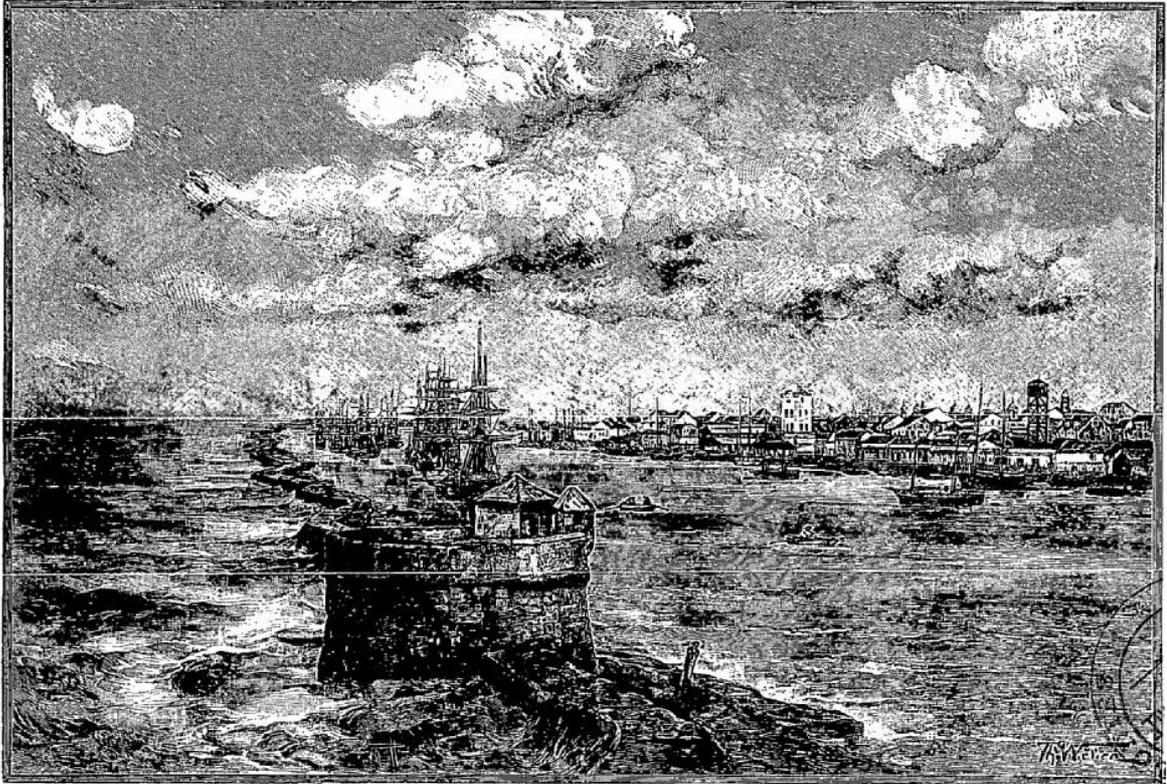


fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica.
Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 435.

[...] Esburacaram quasi por toda a parte o solo n'uma extensão de 450 kilometros e na largura de 220, dos dous lados da serra do Espinhaço e nos valles triburarios do rio das Velhas. Do massico do Ouro-Branco até a cidade do Serro, caminha-se sempre sobre montões de cascalhos que passaram, e alguns mais de vez, pela bateia do faiscador. Da estrada, entre Ouro-Preto e Sabará, avista-se nas collinas um esbarrancado que tem muitos kilometros de extensão : dir-se-hia uma parede feito pelo esboroamento das rochas, mas é uma excavação descoberta e feita pelos mineiros a mais de 40 metros de profundidade. [...]¹⁶¹

¹⁶¹ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 434.

Porto do Recife. – Vista tomada do Recife.
Desenho de Th. Weber, segundo photographia.



fonte: RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica.
Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 449.

A capital do Estado de Pernambuco, ordinariamente designada com o mesmo nome pelos navegantes estrangeiros, mas chamada oficialmente Recife por causa do quebra-mar natural que lhe protege o porto, é uma das cidades historicas do Novo-Mundo e um dos emporios commerciaes que parecem destinados ao maior futuro. [...] ¹⁶²

¹⁶² RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Traducção e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 176.

Capítulo 3 - O Brasil de Reclus traduzido por Ramiz Galvão

O contexto de uma tradução: a publicação de *EUB*

Dez anos antes da tradução e da publicação do capítulo II. *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *Nouvelle Géographie Universelle* de Reclus havia sido publicado em Paris a primeira edição de *Le Brésil*¹⁶³ por Émile Levasseur (1828-1911) com a colaboração do Barão de Rio Branco, Eduardo Prado, Visconde de Ourém, Henri Gorceix, Paul Maury, E. Trouessart e Zaborowski, com o objetivo de ser apresentada na Exposição Universal de Paris em 1889. Em razão do esgotamento dessa obra antes mesmo do encerramento da exposição o Sindicato Franco-Brasileiro na Exposição Universal de Paris custeou uma segunda edição de *Le Brésil* que foi revista e corrigida por Levasseur e pelo Barão de Rio Branco, nesta nova edição foi adicionado um *Appendice* por *** e E. Glasson e um *Album de vues du Brésil* executado sob a direção do Barão de Rio Branco.

Le Brésil se constitui como parte integrante da *La Grande Encyclopédia*. Levasseur procurou com a ajuda de colaboradores brasileiros e estrangeiros produzir uma síntese das principais características da geografia física, política, econômica, da história e dos progressos humanos conquistados pela jovem nação dos trópicos com o objetivo de divulgá-los para o mundo e em especial para a França na Exposição Universal de Paris.

E com o êxito de *Le Brésil* no velho mundo, alguns intelectuais brasileiros como Capistrano de Abreu publicaram artigos apontando a necessidade de se traduzir *Le Brésil* no Brasil, em suas palavras: “seria preciso traduzir e publicar este trabalho [Le Brésil]. Os próprios especialistas terão o que aprender nele, e muito.”¹⁶⁴

Por sua vez, Rui Barbosa publicou no *Diário de Notícias* em 14 de outubro de 1889:

¹⁶³ LEVASSEUR, Émile et al. **Le Brésil**. Paris : H. Lamirault, 1889.

¹⁶⁴ ABREU, Capistrano de. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 3 de setembro de 1889.

Quem doravante quiser conhecer o Brasil, seu passado, sua evolução, seu estado atual, encontrará todos os elementos de uma completa iniciação nesta monografia que deve ocupar por direito um lugar de honra na biblioteca de todos os brasileiros que souberem traduzir o francês até o dia em que, graças a uma boa tradução de nossa língua, venha a figurar sobre a mesa de trabalho de todos aqueles que souberem ler.¹⁶⁵

E como resposta ao artigo de Rui Barbosa, o Barão do Rio Branco escreveu as seguintes palavras:

Ao eminente brasileiro Ruy Barbosa, autor do magistral estudo tão cheio de benevolências publicado no Diário de Notícias de 14 de outubro de 1889, ofereço este exemplar do *Brésil*, em sinal de eterna gratidão ao compatriota e muito admirador.

Rio Branco¹⁶⁶

Brasileiros ilustres como Capistrano de Abreu e Rui Barbosa reivindicavam a tradução de *Le Brésil* para a língua portuguesa para que os brasileiros pudessem aprender um pouco ou muito sobre o Brasil a partir desta importante obra que teve a sua primeira edição esgotada antes do final de sua vitrine em Paris.

Conforme se pode verificar com o esgotamento da primeira edição de *Le Brésil* foi publicada uma segunda edição revista, corrigida e ampliada no idioma da primeira edição. Mesmo com a “acolhida benévola que o público e a imprensa brasileira e estrangeira deram a essa edição [primeira] animou os autores e o Sindicato [Franco-Brasileiro na Exposição Universal de Paris] a publicar esta [segunda edição].”¹⁶⁷ ainda em francês.

A partir das palavras expostas algumas questões podem ser colocadas. Por que a tradução de *Le Brésil* para a língua portuguesa não ocorreu conforme a acolhida do público e da imprensa nacional e internacional nos oitocentos? Por

¹⁶⁵ BARBOSA, Rui. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1889.

¹⁶⁶ LEVASSEUR, Émile. **O Brasil** por E. Levasseur; com a colaboração de Barão do Rio Branco et al.; Apêndice por E. Glasson. Rio de Janeiro: Bom Texto: Letras & Expressões, 2000.

¹⁶⁷ LEVASSEUR, Émile. **O Brasil** por E. Levasseur; com a colaboração de Barão do Rio Branco et al.; Apêndice por E. Glasson. Rio de Janeiro: Bom Texto: Letras & Expressões, 2000, p. 10.

que as reivindicações de nossos “mosqueteiros intelectuais”¹⁶⁸ não foram atendidas?

Para a realização de uma breve analogia entre *o Brasil de Reclus e o Brasil de Levasseur* e assim continuar nossa aproximação com um olhar *por dentro da obra* apresentamos nesta seção o sumário do Brasil de Levasseur:

SUMÁRIO

Prefácio da 1ª edição	10
Prefácio da 1ª edição	10
Prefácio desta edição	11

PRIMEIRA PARTE – Geografia Física

Capítulo I A Situação e a Superfície, por E. Levasseur	12
Capítulo II Os Limites: Fronteiras, Costas e Ilhas, por E. Levasseur	14
§1. Território contestado entre a França e o Brasil	14
§2. As fronteiras do império	15
§3. Costas e ilhas	19
Capítulo III Relevo do Solo, por E. Levasseur	20
Capítulo IV A Geologia, por Henri Gorceix	25
Capítulo V O Regime das Águas, por E. Levasseur	26
Capítulo VI O Clima, por E. Levasseur	35
Capítulo VII A Flora, por Paul Maury	37
Capítulo VIII A Fauna, por E. Trouessart	41
Capítulo IX A Paleontologia, por E. Trouessart	42
Capítulo X A Antropologia, pelo Barão do Rio Branco e Zaborowski	43
Capítulo XI As Explorações Científicas, pelo Barão do Rio Branco	51

SEGUNDA PARTE – Geografia Política História, Administração, População

Capítulo I A História, pelo Barão do Rio Branco	52
§1. Descoberta do Brasil	52
§2. Primeiras explorações e começo da colonização	54
§3. Holandeses	57
§4. Colonização e guerras nos séculos XVII e XVIII	57
§5. Reino do Brasil	62
§6. Independência e reinado do imperador D. Pedro I	62
§7. Reinado do imperador D. Pedro II	64
Capítulo II A Emancipação dos Escravos, por E. Levasseur	68
Capítulo III O Governo e a Administração, por E. Levasseur, o Visconde de Ourém e o Barão do Rio Branco	71

¹⁶⁸ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 96-97.

§1. Governo, por E. Levasseur, o visconde de Ourém e o barão do Rio Branco	71
§2. Divisões políticas, por E. Levasseur e o barão do Rio Branco	72
§3. Cidades principais, por E. Levasseur e o barão do Rio Branco	73
§4. Justiça, pelo visconde de Ourém100
§5. Religião, por E. Levasseur	101
§6. Forças militares, pelo barão do Rio Branco	101
§7. Finanças, por E. Levasseur e o barão do Rio Branco	103
Capítulo IV A Legislação, pelo Visconde de Ourém	106
Capítulo V A População, por E. Levasseur	109
Capítulo VI A Imigração, por E. Levasseur e o barão do Rio Branco	111
Capítulo VII A Instrução, por E. Levasseur e o barão do Rio Branco	114
Capítulo VIII A Imprensa, pelo barão do Rio Branco, Ex-jornalista no Rio de Janeiro	117
Capítulo IX A Língua e a Literatura, por Eduardo Prado	126
Capítulo X As Belas Artes, pelo Barão do Rio Branco	130
Capítulo XI A Música, por Eduardo Prado	140
TERCEIRA PARTE – Geografia Econômica	
Capítulo I As Regiões Agrícolas, por E. Levasseur	142
Capítulo II Os Produtos do Reino Vegetal, por E. Levasseur	145
Capítulo III Os Produtos do Reino Animal, por E. Levasseur	148
Capítulo IV Os Produtos do Reino Mineral, por E. Levasseur	149
Capítulo V A Indústria, por E. Levasseur e o barão do Rio Branco	151
Capítulo VI As Vias e Meios de Comunicação, por E. Levasseur e o barão do Rio Branco	152
§1. Navegação sobre os cursos d'água	152
§2. Estradas de terra	154
§3. Estradas de ferro	154
§4. Navegação marítima e portos	161
§5. Linhas telegráficas	162
Capítulo VII As Instituições de Previdência e de Assistência Pública, por E. Levasseur e o barão do Rio Branco	162
Capítulo VIII As Medidas, Moedas e outros Instrumentos de Câmbio, por E. Levasseur, o visconde de Ourém e o barão do Rio Branco	164
§1. Medidas	164
§2. Moedas	164
§3. Bancos e moedas fiduciária	164
Capítulo IX O Comércio, por E. Levasseur	166
	100

§1. Comercio exterior do Brasil e comércio interprovincial	166
§2. Comércio do Brasil com a França	168
Capítulo Final Resumo do Estado do Brasil, por E. Levasseur	168

APÊNDICE

A Casa Imperial do Brasil, pelo Barão do Rio Branco	172
Algumas Notas Sobre a Língua Tupi, por ***	172
As Instituições Primitivas do Brasil, por E. Glasson	175

BIBLIOGRAFIA

1. Obras Gerais e Viagens	180
2. Geografia Física e Política	180
3. História	181
4. Literatura e Belas-Artes	182
5. Literatura Jurídica	182
6. Flora	183
7. Fauna	183
8. Paleontologia	183
9. Antropologia	184
10. Lingüística	184

Em nossas pesquisas por fontes primárias de informações encontramos um dado curioso. Após cinco anos da viagem de Reclus ao Brasil, a Academia Brasileira de Letras (ABL) elegeu o *sabio geographo francez* como sócio correspondente estrangeiro.

A ABL foi instalada no Rio de Janeiro em 28 de janeiro de 1897¹⁶⁹ sob a inspiração da Academia Francesa por um grupo de escritores próximos a *Revista Brasileira* liderada por José Veríssimo¹⁷⁰. Contudo, este grupo de escritores da

¹⁶⁹ “[...] [instalaram] a Academia: Araripe Júnior, Artur Azevedo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Teixeira de Melo, Visconde de Taunay. Também Coelho Neto, Filinto de Almeida, José do Patrocínio, Luís Murat e Valentim Magalhães, que haviam comparecido às sessões anteriores. Ainda Afonso Celso Júnior, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Garcia Redondo, conselheiro Pereira da Silva, Rui Barbosa, Sílvio Romero e Urbano Duarte, que aceitaram o convite e a honra.” Cf. <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=2>

¹⁷⁰ As palavras de José Veríssimo podem ser entendidas como uma síntese das transformações sociais que o Brasil e os brasileiros estavam vivendo: “O movimento de idéias que antes de acabar a primeira metade do século XIX se começara a operar na Europa com o positivismo comtista, o transformismo darwinista e o evolucionismo spenceriano, o intelectualismo de Taine e Renan e quejandas correntes de pensamento, que, influido na literatura, deviam pôr um termo ao domínio

revista era *somente* de trinta membros. Diante disso, eles necessitavam completar o número de quarenta membros efetivos como na Academia Francesa.

Assim sendo, os dezesseis membros efetivos e perpétuos presentes à sessão de instalação da ABL elegeram dez nomes¹⁷¹ para se completar o quadro da instituição. A Academia tem em sua composição brasileira quarenta membros efetivos e perpétuos, eleitos em votação secreta e completa seu quadro vinte sócios correspondentes estrangeiros. O principal objetivo da instituição consistiu no estímulo e o estudo da língua e da literatura brasileira.

Depois de constituída a composição brasileira da Academia, nas sessões seguintes necessitava-se eleger os sócios correspondentes estrangeiros. Sem embargo, na sessão de 25 de outubro de 1898, com a presença de Machado de Assis, Rodrigo Octavio, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Visconde de Taunay, Graça Aranha, Lucio de Mendonça, Filinto de Almeida, Araripe Junior, Inglês de Souza e Teixeira de Mello, sob a presidência de Machado de Assis, foram eleitos dezesseis sócios correspondentes estrangeiros: Guerra Junqueiro, Teophilo Braga, Eça de Queiroz, Eugenio de Castro, D. José Echegeray, Herbert Spencer, Conde Leão Tolstoi, Paul Groussac, Bartholomeu Mitre, Garcia Merou, Guilherme Blest Gana, Giosuè Carducci, Theodor Mommsen, Henrik Ibsen, Rafael Obligado e Élisée Reclus¹⁷².

A “Casa de Machado de Assis” elegeu o *sabio geographo francez* como sócio correspondente estrangeiro na posição de 1º ocupante da Cadeira 3 em que o Patrono é Botelho de Oliveira. A título de informação, é oportuno destacar que

exclusivo do romantismo, só se entrou a sentir no Brasil, pelo menos, vinte anos depois de verificada a sua influência ali. Sucessos de ordem política e social, e ainda de ordem geral, determinaram-lhe ou facilitaram-lhe a manifestação aqui (...) Atuando, simultaneamente sobre o nosso entendimento e a nossa consciência, pela comoção causada nos espíritos aptos para lhes sofrer o abalo, estes diferentes sucessos produziram um salutar alvoroço (...) A novidade que tinham, ou que lhe enxergávamos, foi principalíssima parte no alvoroço com que as abraçávamos.” José Verissimo (1916 apud MURARI, 2007, p. 34)

¹⁷¹ Sob a presidência de Machado de Assis se anunciou a eleição dos seguintes membros: “[...] Magalhães de Azeredo, Raymundo Corrêa, Aluizio Azevedo, Salvador de Mendonça, Domicio da Gama, Luiz Guimarães, Eduardo Prado, Barão de Loreto, Clovis Bevilacqua e Oliveira Lima.” Cf. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Acta da sessão de 28 de janeiro de 1897**. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br>>. Acesso em: 31 jul. 2009.

¹⁷² ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Ata da sessão de 25 de outubro de 1898**. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br>>. Acesso em: 31 jul. 2009.

Reclus foi o único ocupante francês desta cadeira, todos os demais ocupantes até hoje são escritores de nacionalidade portuguesa.

Assim como o encaminhamento descritivo e analítico utilizado com as sociedades geográficas que receberam Reclus em sua viagem ao Brasil, produzimos a seguir um mapeamento dos membros presentes na sessão da ABL em que o *sabio geographo francez* foi eleito como sócio correspondente estrangeiro.

Tabela 3. Perfis dos sócios presentes à sessão de 25 de outubro de 1898 da ABL.

Nome	Naturalidade	Escolaridade	Formação	Ocupação	Titulação	Origem social
Machado de Assis	RJ	S./Inf.	S./Inf.	Servidor público	***	Pai: Operário
Rodrigo Octavio	SP	Superior	Direito	Magistrado	***	S./Inf.
Joaquim Nabuco	PE	Superior	Direito	Diplomata	***	Pai: Senador
José Veríssimo	PA	S./Inf.	S./Inf.	Professor	***	S./Inf.
A. Maria Adriano d'Escragnolle T.	RJ	Superior	Engenheiro militar	Militar e político	Visconde de Taunay	Pai: Barão

Graça Aranha	MA	Superior	Direito	Diplomata	***	S./Inf.
Lucio de Mendonça	RJ	Superior	Direito	Advogado e magistrado	***	S./Inf.
Filinto de Almeida	Portugal	S./Inf.	S./Inf.	Jornalista	***	S./Inf.
Araripe Junior	CE	Superior	Direito	Advogado e servidor público	***	Pai: Conselheiro
Inglez de Souza	PA	Superior	Direito	Advogado e político	***	S./Inf.
Teixeira de Melo	RJ	Superior	Medicina	Jornalista	***	S./Inf.

Acreditamos que a tradução da obra de Reclus no Brasil efetivou-se, principalmente, em razão do reconhecimento internacional e brasileiro sobre a qualidade do trabalho do geógrafo francês, atestado pelo recebimento de duas medalhas de ouro – uma pela Sociedade Geográfica de Paris em 1892 e no ano seguinte pela Real Sociedade Geográfica de Londres¹⁷³. Some-se a estes fatos, que em sua breve viagem pelo Brasil, Reclus foi recebido no IHGB, aonde teve seu nome proposto como sócio honorário; como também, foi recebido na SGRJ, aonde recebeu o título de sócio honorário. Outrossim, após cinco anos de sua

¹⁷³ ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985, p. 14.

passagem pelo Brasil o geógrafo francês foi eleito sócio correspondente estrangeiro pela ABL.

O que escrevemos anteriormente pode ser entendido como um conjunto de fatores que possibilitaram a publicação da tradução de parte da obra de Reclus em que descreveu e analisou o Brasil em uma importante e famosa casa editorial brasileira: a Livraria Garnier¹⁷⁴. O historiador Nicolau Sevcenko estudou dois importantes escritores brasileiros – Euclides da Cunha e Lima Barreto – em *Literatura como Missão*¹⁷⁵, onde confirma nossa leitura da importância da casa editorial que deu luz a tradução da obra de Reclus, em suas palavras: “A Garnier era o reduto dos consagrados”¹⁷⁶.

Após um ano da eleição de Reclus pela “Casa de Machado de Assis”, Ramiz Galvão trabalhava na tradução de *EUB*, e segundo as suas próprias palavras: essa “excelente obra” [...] “prestará bons serviços e merece o favor do público brasileiro”. Acreditamos ser interessante apresentar as palavras dirigidas *ao leitor*, como forma de uma aproximação integral de nosso leitor as palavras do tradutor:

AO LEITOR

Traduzindo esta excelente obra de Elisée Reclus, não nos julgamos auctorizados a modifica-la em pontos substanciaes, ainda que nem sempre concordassemos com a opinião do auctor. Corrigimos apenas alguns lapsos do texto, particularmente no que respeita a nomes proprios e datas; aponctamos por vezes em nota os equívocos em que o eminente geographo caiu, e substituímos por dados estatísticos recentes os que ocorrem no original francez que foi dado á estampa em 1893, como se sabe.

As largas anotações e a grande ampliação do texto dariam ao livro dimensões que se não quiz attingir.

Ainda assim parece-nos que a obra prestará bons serviços e merece o favor do público brasileiro.

RAMIZ GALVÃO.

¹⁷⁴ MOLLIER, Jean-Yves. Les mutations de l'espace éditorial français du XXIIIe au XXe siècle. **Actes de la recherche en sciences sociales**. Paris, v. 126-127, mars 1999, p. 31.

¹⁷⁵ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁷⁶ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 141.

Rio, 24 de Maio de 1899.¹⁷⁷

Por fim, como pudermos verificar o reconhecimento de Reclus no Brasil e na Europa¹⁷⁸ era expressivo. Acreditamos que estes fatos podem ter motivado Rio Branco a traduzir e anotar o texto *Território contestado franco-brasileiro* e inseri-lo como *Appendice* a *EUB*. Acreditamos nisso porque a tradução, anotações e a publicação aconteceram a aproximadamente um ano *a priori* da publicação do Laudo Arbitral na Questão do Amapá¹⁷⁹. Ou seja, a tradução e notas de Rio Branco foram elaboradas no mesmo período do Tratado de Arbitramento de 10 de abril de 1897 que foi assinado em Berna entre o governo brasileiro e o governo francês em que as partes em litígio submeteram a fixação da fronteira da Guiana Francesa e do Brasil a decisão do governo suíço. Apresentaremos algumas palavras sobre este tema mais adiante na seção *Um apêndice para explicitar polêmicas: a controvérsia França / Brasil em torno da fronteira Guiana / Amapá* desse capítulo.

As referências tropicais do Brasil de Reclus: um exame bibliométrico

Nesta seção produzimos um estudo bibliométrico de *EUB* de Reclus com o objetivo de examinar as fontes de informações coletadas em sua viagem científica ao Brasil como forma de subsidiar a produção do último tomo da *NGU* (DUNBAR, 1978; ANDRADE, 1985; CARDOSO, 2006; LOPES, 2009; RAMÍREZ Palacios, 2010).

Em sua passagem pela nação tropical o geógrafo francês foi recebido no IHGB e na SGRJ, e nestas ocasiões estabeleceram-se as práticas oitocentistas

¹⁷⁷ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Tradução e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

¹⁷⁸ Élisée Reclus recebeu duas medalhas de ouro, uma da Sociedade Geográfica de Paris em 1892 e no ano seguinte da Real Sociedade Geográfica de Londres. Cf. ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985, p. 14.

¹⁷⁹ O Laudo Arbitral na Questão do Amapá foi publicado em 1º de dezembro de 1900. Cf. GARCIA, Eugênio Vargas (org.). **Diplomacia brasileira e política externa**: documentos históricos (1493-2008). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 344.

institucionais tradicionais – a recepção, os encaminhamentos ordinários e as palestras –, como também ocorreu a permuta de periódicos e outros materiais entre as instituições e Reclus.

Nesse sentido, fizemos um levantamento das fontes tropicais coletadas e citadas por Reclus no capítulo *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *NGU* e em sua tradução *EUB* a partir de sua identificação nas notas de rodapé presentes ao longo das obras.

Torna-se necessário esclarecer que para atingirmos nosso objetivo com o mapeamento das referências tropicais de Reclus estabelecemos duas escolhas. Uma de ordem de método, em que usamos a bibliometria como forma de estudo das fontes tropicais do geógrafo francês na produção das obras. A segunda escolha se deu na identificação das referências brasileiras de *EUB* em que consistiu no uso da língua da citação para o estabelecimento de sua origem, ou seja, a língua portuguesa foi o critério para as escolhas das referências intituladas *tropicais*.

Com o exame bibliométrico das referências tropicais de *EUB* buscamos nos aproximar de alguma forma das palavras de Horário Capel:

[...] A partir del inventario de los textos es posible realizar análisis bibliométricos simples que, en una primera aproximación permiten conocer los centros editoriales, los autores más productivos e influyentes, la importancia de la traducciones, o el número de ediciones y el período de circulación de las obras, que en algún caso, según un estudio que hemos realizado, pueden extenderse más de medio siglo.¹⁸⁰

Reclus usou inúmeras referências em *EUB*. Deste total 72 obras citadas estão em língua portuguesa. Localizamos nas obras em português que 63 possuem identificação dos autores e 9 não possuem identificação dos autores, ou seja, somente existe o nome do trabalho nas notas de rodapé. Das 63 obras com

¹⁸⁰ CAPEL, Horacio. Historia de la Ciencia e Historia de las Disciplinas Científicas. Objetivos y bifurcaciones de un programa de investigación sobre historia da geografia. **Cuadernos Críticos de Geografía Humana**, Barcelona, año XII, n. 84, dic. 1989, *Open Access*. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/geo84c.htm>>. Acesso em: 31 Jul. 2011.

identificação dos autores 60 são obras de autoria individual; 2 obras possuem 2 autores e 1 obra foi produzida por mais de 3 autores.

Para identificarmos o número total de citações das obras analisadas, desconsideramos as referências sem identificação dos autores em razão de que um de nossos objetivos no exame bibliométrico de *EUB* é saber quais foram os autores mais usados em sua produção.

Nesse sentido, nosso universo de obras em exame é o das obras com a identificação de autoria, ou seja, 63 obras. Estas obras foram escritas por 45 autores que por sua vez foram citados 79 vezes em *EUB*. Contabilizamos que nestas citações foram 14 os autores com o maior número de referências e para estes autores mais citados organizamos duas tabelas.

Porém antes de quantificarmos as informações dos 14 autores com o maior número de referências em *EUB* identificaremos cada um deles e suas respectivas obras, começando com Luiz d'Alincourt¹⁸¹, Henrique de Beurepaire-Rohan¹⁸², Luiz Cruls¹⁸³, Orville A. Derby¹⁸⁴, Hercule Florence¹⁸⁵, Hercule Florence¹⁸⁶. – Alfredo Taunay, Hermann von Ihering¹⁸⁷, Alfredo Lisboa¹⁸⁸, Alberto Loefgren¹⁸⁹, Couto de Magalhães¹⁹⁰, J. P. Favilla Nunes¹⁹¹, Barbosa Rodrigues¹⁹², Theodoro Sampaio¹⁹³, Alfredo Taunay¹⁹⁴ e, finalmente, F. Adolpho de Varnhagen¹⁹⁵.

¹⁸¹ *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, 1890. Uma observação é importante expressar todas as citações foram reproduzidas conforme aparecem em *EUB*.

¹⁸² *Considerações acerca dos melhoramentos em relação ás seccas do Norte do Brazil e Diccionario de vocabulos brasileiros*.

¹⁸³ *Comissão Exploradora do Planalto Central, Notas manuscriptas e O Clima do Rio de Janeiro*.

¹⁸⁴ *Boletim da Sociedade de Geographia do Rio-de-Janeiro*, 1885; *Contribuição para o estudo da Geographia physica do valle do rio Grande; Geologia e Paleontologia de Matto-Grosso; A Geographia physica do Brazil; Meteoritos Brasileiros; Nota sobre a Geologia e Paleontologia do Matto-Grosso; Os Picos altos do Brazil; Revista da Sociedade de Geographia do Rio-de-Janeiro*, 1889.

¹⁸⁵ *Esboço da viagem...* trad. por A. de Taunay, *Rev. do Instituto*, 1875.

¹⁸⁶ *Revista do Instituto Historico*, 1875.

¹⁸⁷ *As Arvores do Rio Grande do Sul e Rio Grande do Sul*.

¹⁸⁸ *Memoria do Projecto de melhoramento do porto do Recife e Notas manuscriptas*.

¹⁸⁹ *Contribuições para a botanica paulista e Dados climatologicos do anno de 1890*.

¹⁹⁰ *O Homem no Brasil*.

¹⁹¹ *População, territorio e representação nacional do Brazil e Recenseamento do Estado do Rio de Janeiro*.

¹⁹² *Relatorio sobre o rio Trombetas e Rio Tapajoz*.

¹⁹³ *Considerações geographicas e economicas sobre o valle do rio Paranapanema*.

¹⁹⁴ *Innocência, A Nacionalização, Revista do Instituto Historico*, 1890 e *Scenas de viagem*.

A primeira tabela está organizada em ordem decrescente a partir do número total de citações; quando o número total de citações dos autores empatou, utilizamos como critério de desempate o número total de obras citadas e se ainda assim o empate persistisse sua classificação se deu por ordem alfabética dos sobrenomes dos autores.

Tabela 4. Número de citações das principais referências tropicais presentes em *EUB*.

Autor	Número Total de Citações	Número de Obras Citadas
Derby	9	8
Varnhagen	7	1
Taunay	6	4
Rodrigues	4	2
Cruls	3	3
Ihering	3	2
Loefgren	3	2
Sampaio	3	1
d'Alincourt	2	2
Beaurepaire-Rohan	2	2
Florence	2	2
Lisboa	2	2
Nunes	2	2
Magalhães	2	1

Dos 14 autores mais citados em *EUB*, 9 possuem suas obras usadas mais de uma vez, por exemplo: Varnhagen possui 7 citações de *Historia Geral do Brasil*. Por sua vez, 11 autores possuem 2 ou mais obras citadas, por exemplo: Derby possui 8 obras citadas em um número total de 9 citações, ou seja, a obra *Os Picos altos do Brazil* foi citada duas vezes e as outras 7 obras foram citadas somente uma única vez.

A segunda tabela está organizada em ordem decrescente a partir do número de obras citadas; quando o número de obras citadas dos autores empatou

¹⁹⁵ *Historia Geral do Brasil*.

utilizamos como critério de desempate, o número total de citações e se ainda assim o empate persistisse sua classificação se deu por ordem alfabética dos sobrenomes dos autores.

Tabela 5. Número de obras citadas entre as principais referências tropicais presentes em *EUB*.

Autor	Número de Obras Citadas	Número Total de Citações
Derby	8	9
Taunay	4	6
Cruls	3	3
Rodrigues	2	4
Ihering	2	3
Loefgren	2	3
d'Alincourt	2	2
Beaurepaire-Rohan	2	2
Florence	2	2
Lisboa	2	2
Nunes	2	2
Varnhagen	1	7
Sampaio	1	3
Magalhães	1	2

Conforme comunicado na seção *As sociedades geográficas com que dialoga Reclus* do Capítulo 1, realizamos uma comparação dos nomes dos sócios presentes nas sessões do IHGB e da SGRJ com as referências tropicais presentes em forma de nota de rodapé de *EUB* e constatamos que somente dois sócios das sociedades geográficas brasileiras com que o geógrafo francês dialogou tiveram seus trabalhos citados como leituras que contribuíram diretamente na elaboração da geografia do Brasil de Reclus.

E entre os sócios do IHGB identificamos somente Henrique Raffard com um trabalho publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro* citado por Reclus em uma nota de rodapé de *EUB*. Por sua vez, na SGRJ identificamos somente Guilherme Capanema, o Barão de Capanema com um texto publicado no

Jornal do Commercio citado por Reclus em uma referência na forma de nota de rodapé de *EUB*.

Contudo, é curioso que estes dois autores brasileiros Raffard e Capanema não aparecem entre os nomes dos autores com maior número de referências nas notas de rodapé de *EUB*. Entretanto, foram os autores brasileiros que encontramos com trabalhos citados na obra de Reclus aqui analisada que estabeleceram um contato direto com o geógrafo francês nas sociedades geográficas brasileiras visitadas em 1893.

Portanto, como identificamos de forma expressiva um conjunto de outros autores secundariamente citados pelo geógrafo francês e não contemplados na análise acima dos principais autores citados no Brasil de Reclus, acreditamos ser oportuna a apresentação desses autores que também contribuíram na produção de *EUB*.

Verificamos que estes outros autores escreveram trabalhos, principalmente, ligados a temas de geografia física. Outra constatação a que chegamos foi o significativo uso de fontes de periódicos de sociedades geográficas e instituições científicas brasileiras. Como são os exemplos de José de Carvalho Almeida¹⁹⁶, José da Costa Azevedo¹⁹⁷, João Branner¹⁹⁸, G. R. Blot¹⁹⁹, A. Alves Camara²⁰⁰, Capanema²⁰¹, Gonçalves Dias²⁰², Couto de Magalhães, etc. – Braz da Costa Rubim, Severiano da Fonseca²⁰³, Magalhães Gandavo²⁰⁴, Ch. F. Hartt²⁰⁵, J. B. de Lacerda²⁰⁶ e R. Peixoto, Peter Lund²⁰⁷, Raymundo José da Cunha Mattos²⁰⁸, Luiz Martinho de Moraes²⁰⁹, H. Morize²¹⁰, Albert Morsing²¹¹, Muratori²¹², Rio-Branco²¹³,

¹⁹⁶ *Relatorio da Comissão de estudo.*

¹⁹⁷ *Mappa do rio Amazonas.*

¹⁹⁸ *Geologia de Fernando de Noronha.*

¹⁹⁹ *Notas manuscriptas.*

²⁰⁰ *Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, 1889.*

²⁰¹ *Jornal do Commercio, Fevereiro de 1893.*

²⁰² *Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza.*

²⁰³ *Viagem ao redor do Brazil.*

²⁰⁴ *Historia da provincia de Santa-Cruz.*

²⁰⁵ *Relatorio dos trabalhos da Comissão Geologica na provincia de Pernambuco.*

²⁰⁶ *Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas.*

²⁰⁷ *Instituto Historico e Geographico Brasileiro.*

²⁰⁸ *Chorographia historica da provincia de Goyaz.*

²⁰⁹ *Comissão d'estudo das localidades para a nova capital.*

²¹⁰ *Esboço de uma climatologia do Brasil.*

Fr. Rodrigues do Prado²¹⁴, Antonio Martins de Azevedo Pimentel²¹⁵, R. Ewerton Quadros²¹⁶, Barbosa de Sá²¹⁷, W. Sievers²¹⁸, A. A. Ferreira da Silva²¹⁹, José Franklin da Silva²²⁰, R. L. Tavares²²¹, Simão de Vasconcellos²²² e, por fim, Americo Werneck²²³.

Com os resultados do exame bibliométrico das referências tropicais do Brasil de Reclus acima apresentadas, encontramos uma aproximação interessante com a avaliação de Yves Lacoste no estudo da *NGU*, em suas palavras:

[...] Autant Reclus dans les tomes de sa *Nouvelle Géographie universelle* multiplie les références aux ouvrages et surtout aux articles de multiples auteurs (voyageurs, commerçants, militaires, marins, géographes) [...] ²²⁴.

Uma tradução, várias dissensões

Conforme apresentamos, *EUB* de Reclus conta com a tradução e breves notas elaboradas por Benjamin Franklin Ramiz Galvão. Essa obra foi publicada no Rio de Janeiro em 1900 pela Garnier, e se estrutura por sua vez em: Vista geral com 32 páginas; Amazonia, Estados do Amazonas e do Pará com 100 páginas; Vertente do Tocantins, Estado de Goyaz com 17 páginas; Costa equatorial, Estado do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas com 38 páginas; Bacia do rio S. Francisco e vertente oriental dos planaltos, Estados de Minas Geraes, Bahia, Sergipe e Espírito Santo

²¹¹ *Estrada de Ferro de Baturité.*

²¹² *Paraguai.*

²¹³ *Notas manuscritas.*

²¹⁴ *Revista do Instituto*, nº I, 1839.

²¹⁵ *Subsídios para o estudo da Higiene do Rio de Janeiro.*

²¹⁶ *Revista do Instituto Historico*, tomo LV, 1892.

²¹⁷ *Relação das povoações.*

²¹⁸ *Venezuela.*

²¹⁹ *Estudos de demographia sanitaria.*

²²⁰ *Revista do Instituto Historico*, 1882.

²²¹ *O rio Tapajoz.*

²²² *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil.*

²²³ *Problemas Fluminenses.*

²²⁴ LACOSTE, Yves. Élisée Reclus, une très large conception de la géographie et une bienveillante géopolitique. *Hérodote*, n. 117, Paris : Éditions La Découverte, oct.- déc. 2005, p. 42.

com 54 páginas; Bacia do Parahyba, Estado do Rio de Janeiro e Districto Federal com 46 páginas; Vertente do Paraná e contravertente oceanica, Estados de São Paulo, Paraná e Santa Catharina com 67 páginas; Vertente do Uruguay e littoral adjacente, Estado de S. Pedro do Rio Grande do Sul com 23 páginas; Matto Grosso com 31 páginas; Estado material e social da população brasileira com 50 páginas e Governo e administração com 12 páginas.

Vale lembrar que *EUB* conta também com um *Appendice Territorio contestado franco-brasileiro* traduzido e anotado pelo Barão do Rio Branco que será estudado na próxima seção.

Por ora, apresentamos breves palavras das notas de Ramiz Galvão que afirmava que: traduzia uma *excelente obra de Élisée Reclus*. Entretanto, *não se julgava autorizado a modificá-la em pontos substanciais, ainda que nem sempre concordasse com a opinião do autor*. E que corrigiria *apenas alguns lapsos do texto, particularmente, no que respeita a nomes próprios e datas*; contudo, apontaria *por vezes em nota os equívocos em que o eminente geógrafo caiu, e substituirá por dados estatísticos recentes os que ocorrem no original francês que foi publicado em 1894*.

Escreveu ainda o tradutor: *As largas anotações e a grande ampliação do texto dariam ao livro dimensões que se não quis atingir*. E finalizou: *Ainda assim parece-nos que a obra prestará bons serviços e merece o favor do público brasileiro*.

Assim como na seção anterior, realizamos um exame bibliométrico das notas do tradutor e que estão apresentadas na tabela abaixo. Como podemos observar, segundo o tradutor, a correção de apenas alguns lapsos no texto totalizam 152 notas.

E essas notas não se endereçaram somente a nomes próprios e datas. De fato, são significativas os equívocos em que Reclus caiu segundo Ramiz Galvão. E, por fim, a substituição dos dados estatísticos foi uma constante na tradução, somente não ocorrendo no capítulo Vista Geral que centra-se no estudo da História do Brasil, em todos os demais capítulos de *EUB* ocorreu a substituição das estatísticas.

Tabela 6. Estatística das notas do tradutor em EUB.

Capítulos												
Temas	I. ²²⁵	II. ²²⁶	III. ²²⁷	IV. ²²⁸	V. ²²⁹	VI. ²³⁰	VII. ²³¹	VIII. ²³²	IX. ²³³	X. ²³⁴	XI. ²³⁵	Total
Cidades						14	1					15
Clima							1					1
Estatística		3	1	2	3	11	3	5	2	16	7	53
Etnografia		2										2
Geologia		1			1							2
Hidrografia		2										2
História	5	3		2	10	2	14	2	1	13	10	61
Medicina						3						3
Relevo					2	2	1					5
Vegetação	1	5						1	1			8

Como o universo das notas do tradutor é significativo não realizamos a análise individual desses pequenos textos, uma vez que esse trabalho vai além de nossos objetivos nesse trabalho e que demanda tempo e energia que não possuímos no momento.

Nesse sentido, nos contentamos em realizar um breve exame da notas de Ramiz Galvão, a partir de uma amostragem do que o próprio tradutor chamou de *apenas alguns lapsos do texto*.

²²⁵ Vista Geral.

²²⁶ Amazonia.

²²⁷ Vertente do Tocantins.

²²⁸ Costa Equatorial.

²²⁹ Bacias do Rio S. Francisco e Vertente Oriental dos Planaltos.

²³⁰ Bacia do Parahyba.

²³¹ Vertente do Paraná e Contravertente Oceanica.

²³² Vertente do Uruguay e Littoral Adjacente.

²³³ Matto-Grosso.

²³⁴ Estado Material e Social da Sociedade Brasileira.

²³⁵ Governo e Administração.

Tabela 7. Total de páginas por capítulo e as notas do tradutor em *EUB*.

Capítulos	Total de Páginas	Notas do Tradutor
Vista Geral.	32	6
Amazonia.	100	16
Vertente do Tocantins.	17	1
Costa Equatorial.	38	4
Bacias do Rio S. Francisco e Vertente Oriental dos Planaltos.	54	16
Bacia do Parahyba.	46	32
Vertente do Paraná e Contravertente Oceanica.	67	20
Vertente do Uruguay e Littoral Adjacente.	23	8
Matto-Grosso.	31	4
Estado Material e Social da Sociedade Brasileira.	50	29
Governo e Administração.	12	17

Uma primeira consideração que se torna necessário expressar é a que diz respeito à classificação das notas do tradutor para a produção da tabela *Estatística das notas do tradutor em EUB*. Classificamos como História as notas de Ramiz Galvão que, no momento de sua elaboração, poderiam ser classificadas como Geografia. Essa classificação se deu no espírito da máxima de Reclus que inter-relacionava história e geografia, afirmando que "a Geografia não é outra coisa que a História no Espaço, assim como a História é a Geografia no Tempo".

Vamos apresentar um exemplo de como realizamos essa operação:

[...]

O Brasil meridional, ao contrario, atravessado pelo Uruguay, pelo Paraná e seus afluentes, não tem mais Indios entre seus habitantes, e até os Europeus de sangue puro, graças á rapidissima emigração, são ahi muito mais numerosos proporcionalmente do que em qualquer outra parte da Republica. Mas n'este Brasil meridional, o Estado do Rio Grande do Sul,

tantas vezes assolado pelos partidos, constitue um todo geographico distincto, quasi uma ilha : o Uuruguay a Oeste e ao Norte dá-lhe limites definidos, e si o territorio das antigas Missões que a Republica Argentina disputava¹ ao Brasil tivesse sido tirado a este ultimo, o Rio Grande não ficaria preso aos outros Estados sinão por uma especie de pendunculo.²³⁶
[...]

¹ Como já atrás ficou dicto, a decisão d'esse pleito foi favoravel ao Brasil, e portanto não se realizou a hypotese de perdermos o territorio de Palmas, impropriamente chamado das Missões. (*N. do T.*)

O Laudo Arbitral na Questão de Palmas²³⁷ foi publicado em 5 de fevereiro de 1895 pelo Presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland, em virtude do Tratado de Arbitramento concluído em 7 de setembro de 1889 entre o Brasil e a Argentina. Ou seja, a nota do tradutor foi necessária na tradução porque a publicação do capítulo *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *NGU* ocorreu em 1894, um ano antes da publicação do laudo arbitral, e por essa razão, em *EUB* que foi publicada em 1900, Ramiz Galvão adequadamente atualizou as palavras de Reclus. E, destarte, para o tradutor provavelmente tratava-se de uma nota em termos de geografia, não obstante, a classificamos em nosso estudo elaborado em 2011 como história.

Por fim, acreditamos ser oportuno compartilhar a leitura de que pela quantidade de notas do tradutor inseridas em *EUB*, essa tradução possui várias divergências entre o autor Reclus e o tradutor Ramiz Galvão. Contudo, podemos qualificá-la como um debate assim como na questão a seguir do apêndice?

²³⁶ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Tradução e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 31.

²³⁷ Cf. GARCIA, Eugênio Vargas (org.). **Diplomacia brasileira e política externa**: documentos históricos (1493-2008). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 325-328.

Um apêndice para explicitar polêmicas: a controvérsia França / Brasil em torno da fronteira Guiana / Amapá

Iniciamos essa seção com uma análise panorâmica e quantitativa sobre o texto *Território contestado franco-brasileiro*. Originalmente este texto compõe a seção V do capítulo *Les Guyanes* do tomo XIX da *Nouvelle Géographie Universelle*²³⁸.

Entretanto, sua versão original *Territoire contesté franco-brésilien* foi traduzida e inserida como um *Appendice* junto à tradução do capítulo II. *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *NGU. Estados Unidos do Brasil*²³⁹ representa a tradução do capítulo do tomo XIX da *NGU*. A tradução do francês para o português foi realizada por Ramiz Galvão, o Barão de Ramiz.

No entanto *Território contestado franco-brasileiro* tem a *tradução e notas do Barão do Rio Branco* e representa um *Appendice* de *EUB*, contudo, este apêndice não consta nem mesmo na capa e no índice desta obra. Existe(m) explicação(ões) para isso? Este fato foi um acidente, proposital ou não?

Acreditamos que a publicação do *Appendice Território contestado franco-brasileiro* junto a *EUB* não deve ser considerada como uma mera coincidência ou mesmo um acidente – proposital ou não –, uma vez que, neste mesmo ano, o governo suíço apresentou o Laudo Arbitral na Questão do Amapá²⁴⁰.

O contexto histórico e político da publicação das traduções era de disputa. O *Appendice* foi traduzido, porém, também recebeu vinte e duas notas de rodapé que foram elaboradas pelo Barão do Rio Branco. A versão original (em francês) do texto possui seis páginas com dois mapas que não foram inseridos na tradução; já a versão traduzida (em português) e anotada possui onze páginas. Portanto, a versão em português é maior que a versão em francês, e isso se deu porque as

²³⁸ RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. La Terre et Les Hommes. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX, 1894.

²³⁹ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Tradução e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

²⁴⁰ GARCIA, Eugênio Vargas (org.). **Diplomacia brasileira e política externa**: documentos históricos (1493-2008). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 344.

anotações inseridas na tradução produziram uma outra dimensão ao texto original. Uma vez que nestas onze páginas, as palavras do autor – Élisée Reclus – possuem mais conteúdo somente em cinco páginas; já o tradutor e anotador – Rio Branco – por sua vez, possui mais palavras em seis páginas. Ou seja, no *Appendice* Rio Branco escreveu mais que Reclus. Tendo em vista este fato observado, levantamos a hipótese de que para Rio Branco estava em disputa neste processo, não somente o território contestado politicamente entre o Brasil e a França, acreditamos que soma-se a esta questão, uma disputa de ordem intelectual entre Reclus e Rio Branco no que se refere a quem apresentava a descrição e análise mais completa e aprofundada sobre o contestado.

O território contestado corresponde atualmente ao Estado do Amapá que foi primeiramente disputado por portugueses e franceses e posteriormente por brasileiros e franceses (REIS, 1976; BRITO, 2008).

Contudo, somente com o Tratado de Arbitramento de 10 de abril de 1897 que foi assinado em Berna entre o Governo dos Estados Unidos do Brasil e o Governo da República Francesa em que ambas as partes submeteram a fixação da fronteira do Brasil com a Guiana Francesa a decisão do governo suíço, este contencioso caminhou para seus contornos decisivos e finais.

Nas seções anteriores pudemos verificar, que o conhecimento de Reclus no Brasil e na Europa era expressivo. Acreditamos que este prestígio pode ter motivado Rio Branco a produzir um debate junto à obra do *sabio geographo francez* que tratava do território contestado franco-brasileiro, e que se materializou nas notas que acompanham o *Appendice*. Acreditamos ainda que a tradução e notas de Rio Branco foram elaboradas mais ou menos no mesmo período do trabalho de tradução de Ramiz Galvão. Ou seja, há mais de um ano *a priori* da publicação do Laudo Arbitral na Questão do Amapá²⁴¹.

Como verificamos, desde a assinatura do Tratado de Berna em 1897, a fixação da fronteira entre a Guiana Francesa e o Brasil estava submetida à

²⁴¹ O Laudo Arbitral na Questão do Amapá foi publicado em 1º de dezembro de 1900. Cf. GARCIA, Eugênio Vargas (org.). **Diplomacia brasileira e política externa**: documentos históricos (1493-2008). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 344.

arbitragem e decisão do governo suíço. Acompanhamos ainda que, em 1899 Ramiz Galvão trabalhava na tradução de *EUB*.

Por outro lado, desde 1893 Rio Branco havia assumido “a chefia da delegação encarregada da defesa brasileira no contencioso de Palmas ou das Missões”²⁴², que estava submetido à arbitragem do governo dos Estados Unidos da América. Com a vitória brasileira na questão dos limites com a Argentina, a escolha mais natural para a defesa dos interesses brasileiros no contencioso do Amapá foi novamente de Rio Branco (RICUPERO, 2000). Portanto, pelo menos desde 1897 o *diplomata* Rio Branco estudava e preparava a defesa brasileira referente ao Tratado de Berna. Casualidade ou não, a publicação da tradução da obra de Reclus no Brasil neste mesmo período pode ter motivado o *diplomata* Rio Branco a também estabelecer um debate sobre o contencioso com o *sabio geographo francez* a partir da inserção da tradução de um apêndice em *EUB* seguido de anotações que teriam um objetivo distinto das notas de Ramiz Galvão.

Prosseguiremos a partir deste momento, no desenvolvimento de nosso trabalho com uma análise mais próxima e qualitativa do texto, com o objetivo de destacar a descrição e análise do debate Reclus-Rio Branco / Rio Branco-Reclus materializados no *Appendice* de *EUB*.

E para isso nos apropriaremos das próprias palavras do *sabio geographo francez* e das notas do *diplomata* Rio Branco presentes no texto. Somente não usaremos este recurso metodológico em duas notas de rodapé escritas pelo *diplomata* Rio Branco – em razão destas notas possuírem uma grande dimensão – nas demais notas as mesmas serão transcritas de modo integral.

Primeiramente, Reclus descreveu o tamanho e os limites do território em litígio entre a Guiana Francesa e o Brasil; por sua vez, Rio Branco inseriu em sua primeira nota de rodapé que o contencioso estava submetido à arbitragem internacional²⁴³.

²⁴² RICUPERO, Rubens. **Rio Branco**: o Brasil no mundo. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRAS, 2000, p. 24.

²⁴³ O Tractado de 10 de Abril de 1897, entre o Brazil e a França, submetteo ao arbitramento e decisão do Governo Suisso a questão de limites que está em litígio desde o século XVII. Segundo esse Tratado, o Brazil reclama os seguintes limites: – o thalweg do Oyapoc [...] e o paralelo de 2° 24' Norte, desde a margem esquerda do Oyapoc até á fronteira da Guyana Hollandeza. A França

A seguir, Reclus destacou a ocupação territorial efetuada por populações indígenas e “civilizadas”, finalizou este tema com considerações ligadas à densidade demográfica²⁴⁴.

No prosseguimento do texto Reclus apresentou informações centrais sobre o contestado, primeiro que este contencioso desdobrava-se desde o século XVII, e principalmente que o limite meridional do domínio francês era o grande rio Amazonas.

Este fato motivou Rio Branco escrever a mais extensa nota de rodapé no *Appendice*, uma vez que esta era a questão central do Tratado de Berna – esta será a primeira nota de rodapé que não transcrevemos integralmente – inicialmente Rio Branco concordou com o argumento de Reclus, contudo, afirmou que os franceses não podiam “dominar a margem septentrional do Amazonas porque nunca tiveram estabelecimento de espécie alguma.”²⁴⁵

O brasileiro lembrou que os portugueses estabeleceram-se no Pará em 1616, e que começaram a desalojar os estrangeiros que haviam fundado fortes e feitorias no Amazonas e seus afluentes. Destacou que esses estrangeiros eram, sobretudo, ingleses e holandeses, no entanto, não havia franceses estabelecidos no Amazonas. E que o eventual aparecimento de navios franceses em fins do século XVI e início do século XVII com o objetivo de negociar com os nativos da região não constitui um título em favor da França. Porque antes de 1542 os navios portugueses já seguiam os rumos da viagem de Orellana ao Amazonas. Reafirmou que os portugueses do Pará tomaram fortes de holandeses, ingleses e irlandeses localizados na região do Amazonas em 1623, 1625, 1629, 1631, 1632 e 1647.

reclama o thalweg do Araguay [...]; depois, uma linha que partindo da nascente principal do braço principal do Araguay, segue para Oeste paralelamente ao Amazonas até a margem esquerda do rio Branco; finalmente, a margem esquerda do Rio Branco até ao ponto de encontro do paralelo que passa pelo ponto extremo dos montes de Acaray. Oficialmente, portanto, o território contestado fica compreendido entre essas linhas e as Guianas Holandesa e Inglesa. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 471.

²⁴⁴ Já na segunda nota Rio Branco afirma que: O autor refere-se aqui ao território compreendido entre o Oyapoc, ou Vicente Pinçon, e o Araguay. Esse território contém hoje uns 10,000 habitantes, quasi todos Brasileiros. Cf. *Ibidem*, p. 472.

²⁴⁵ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 472.

Enfatizou ainda a criação da Capitania do Cabo do Norte por parte das Coroas ibéricas como forma de enfrentar as guerras contra os holandeses e ingleses, e que os limites da capitania eram de 100 léguas pela margem esquerda do Amazonas, e de 35 a 40 léguas pela costa do mar, desde o Cabo do Norte até o rio de Vicente Pinson, sendo este o limite setentrional da capitania. Anunciou que antes da viagem de Christoval de Acuña e de Pedro Teixeira pelo Amazonas em 1639, os portugueses já possuíam estabelecimentos na Capitania do Cabo do Norte.

Por outro lado, os franceses somente ocuparam Caiena e as costas vizinhas expulsando os holandeses em 1664²⁴⁶, contudo, a conquista e ocupação definitiva somente ocorreram em 1672. No entanto, desde 1604 a Coroa francesa realizou inúmeras concessões sobre papel, não seguidas de ocupação efetiva, portanto, essas ações incompletas não podiam invalidar os direitos das Coroas ibéricas que foram baseados no descobrimento e na ocupação; por fim, afirmou que poderia citar concessões das Coroas espanhola e portuguesa anteriores a 1604.

A reclamação do Amazonas como limite meridional da Guiana Francesa por parte do governo francês datava aproximadamente do final do século XVII. Não satisfeitos os franceses reclamaram também o Maranhão:

[...] e isto quando os Portuguezes já tinham ao norte do Amazonas varios estabelecimentos, desde a sua foz até o rio Negro, [...] Essas infundadas reclamações deram logar ao tratado de Lisboa de 4 de Março de 1700, que neutralizou provisoriamente as *Terras do Cabo do Norte* situadas entre a margem esquerda do Amazonas, [...] e la *rivière d'Oyapoc dite de Vincent Pinson*, diz a tradução official franceza, *rio Ojapoc ou de Vicente Pinson*, diz o texto portuguez.²⁴⁷

²⁴⁶ [...] O primeiro governador francez, Le Febvre de la Barre, na sua *Description de la France équinoxiale*, publicada em 1666, dizia: « La Guyane française, proprement France équinoxiale, qui contient quelques quatre-vingts lieues françoise de coste, *commence par le cap d'Orange*, qui est une pointe de terre basse qui se jette á la mer et dont on prend connaissance par trois petites montagnes que l'on voit par dessus et qui sont au delâ de la rivière *Yapoco*, qui se jette à la mer sous ce cap. L'on peut à la rivière Marony mettre les bornes de la Guyane française ». Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 473.

²⁴⁷ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 473.

A *posteriori* do Tratado de Utrecht, de 11 de abril de 1713, a Coroa francesa renunciou as suas pretensões às duas margens do Amazonas e às Terras do Cabo do Norte²⁴⁸.

Por fim, Rio Branco concluiu a maior anotação do *Appendice* com as seguintes palavras: “estes textos mostram bem que o *rio de Vicente Pinson*, ou *Oyapoc*, *Ojapoc* ou *Japoc* de 1700 e 1713 é o único Oyapoc conhecido e que figurava nas cartas antes d’essas datas, isto é, o rio do Cabo de Orange²⁴⁹.”

Voltemos às palavras de Reclus, que passou a descrever a localização do forte de Macapá, construído em 1688 pelos portugueses²⁵⁰, sendo ocupado pelos franceses em 1697, e nesse mesmo ano, retomado pelos portugueses.

O *sabio geographo francez* criticou energicamente o Tratado de Utrecht, seus autores e apresentou uma questão:

[...] O tratado de Utrecht, concluído em 1713, devia resolver definitivamente o litígio, mas complicou-o, fixando como fronteira das possessões respectivas dos dois paizes um rio que ninguém conhecia, e cuja foz nenhum navegante havia explorado. Qual é esse rio Yapok ou Vicente Pinzon, que os diplomatas de Utrecht, ignorantes das cousas da América, quizeram indicar nas suas chartas rudimentares?²⁵¹

²⁴⁸ [...] « entre o rio das Amazonas e o de *Japoc ou Vicente Pinsão* », diz o texto portuguez, « appelées du Cap du Nord et situées entre la rivière des Amazones et celle de *Japoc ou de Vincent Pinson* », diz o texto francez. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatística. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 474.

²⁴⁹ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatística. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 474.

²⁵⁰ Rio Branco anotou que: O forte de Cumaú ou Macapá foi tomado por M. de Ferrolles no dia 31 de Maio de 1697 e retomado pelos Portuguezes do Pará, sob o commando dos capitães Souza Fundão e Moniz de Mendonça, no dia 28 de Junho do mesmo anno. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatística. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 474.

²⁵¹ Rio Branco provocado por esta questão escreveu uma nota em que parece indicar uma possível resposta dos diplomatas espanhóis, como também, as palavras de um diplomata brasileiro: O rio *Japoc* ou *Vicente Pinson* do Tratado de 1713 é o *Ojapoc*, *Oyapoc* ou *Vicente Pinson* do Tratado de 1700, o *Vicente Pinson* das Cartas de 1691 e 1707 do Padre Samuel Fritz, rio esse que é o mesmo *Yapoco* ou *Iapoco* de Moequet (1616), o mesmo *Yapoco* de d’Avity (1637), de De La Barre (1666), de De l’Isle (1703), de Corneille (1708) e outros Francezes, isto é, o rio que desembocca a Oéste do Cabo d’Orange. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatística. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 474.

Reclus continuou o texto com duas possíveis respostas a pergunta dirigida aos diplomatas de Utrecht. Por um lado, os portugueses designavam Oiapoque²⁵², o rio cuja foz se abre entre a montanha d'Argent e o Cabo d'Orange; por outro lado, os franceses designavam o rio de Vicente Pinzon, como o Amazonas²⁵³, e que na falta deste rio, seria preciso escolher como limite o mais considerável da região: o Araguari²⁵⁴.

Para Reclus poder-se-ia encher bibliotecas com as memórias e documentos diplomáticos publicados sobre essa insolúvel questão. Diversas comissões se ocuparam de interpretar o sentido do trabalho de Utrecht ou de resolver o problema por uma decisão definitiva, porém as suas convenções foram sucessivamente abandonadas.

Estas palavras motivaram o *diplomata* Rio Branco escrever outra extensa nota de rodapé no *Appendice*, tratando da questão dos Tratados de Limites – esta será a segunda e última nota de rodapé que não transcrevemos integralmente – o brasileiro lembrou que os tratados celebrados desde 1797 até 1802 não interpretavam o de Utrecht, de 1713, fixavam limites diferentes, impostos pela França. O primeiro, assinado em Paris aos 10 de agosto de 1797, estabelecia o limite apontado por Portugal e outro limite por parte da França. Como resultado, esse tratado não foi ratificado. O segundo, assinado em Badajoz em 6 de junho de 1801, estabelecia o limite no Araguari, mas também não foi ratificado. O terceiro, assinado em Madrid em 29 de setembro de 1801, estabelecia o limite no Carapanatuba, perto de Macapá, contudo, por uma manobra francesa:

²⁵² Rio Branco anotou: Nunca houve n'essa região outro rio, além do Oyapoc junto ao Cabo d'Orange, a que tivesse sido applicado esse nome ou as variantes Ojapoc, Japoc, Yapoc, Yapoco, e outras. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 474.

²⁵³ Rio Branco enfaticamente anotou: O Amazonas está expressamente excluído no Tratado de Utrecht, e, comquanto descoberto em 1500 por Vicente Pinson, como a costa oriental da Guyana, nunca teve o nome do seu descobridor. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 474.

²⁵⁴ Rio Branco arrematou a questão sobre este rio com a nota: Não havia razão para que o Tratado de Utrecht chamasse « Japoc ou Vicente Pinson » o *Araguary*, que desde 1596 figurava em todas as chartas com o nome de Araguary (Arrowari, segundo a orthographia do inglez Keymis). Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 474-475.

[...] que « apesar da troca das ratificações, o artigo 4º d'esse Tratado ficava substituído pelos artigos 4º e 5º do Tratado de Badajoz », passando, portanto, o limite para o Araguay. Veio depois o Tratado de Amiens, de 25-27 de Março de 1802, o qual reproduziu os artigos do Tratado de Badajoz, de 6 de Junho de 1801. Mas Portugal não estava representado no Congresso de Amiens e nunca deo a sua accessão a esse Tratado. Tendo a França invadido Portugal em 1807, o Príncipe Regente publicou no Rio de Janeiro o seu Manifesto e declaração de Guerra de 1º de Maio de 1808, no qual ha este trecho: – « Sua Alteza Real declara nullos e de nenhum vigor todos os Tratados que o Imperador dos Francezes o compellio a concluir, e particularmente os de Badajoz e de Madrid de 1801, e o de Neutralidade de 1804... ».

Em 1809, um corpo de tropas brasileiras do Pará e uma divisão naval portugueza, auxiliada por uma corveta ingleza, fizeram a conquista de toda a Guyana Franceza. Só depois da Paz Geral foi essa colonia restituída á França nos termos do artigo 107 do Acto final do Congresso de Vienna, de 9 de Junho de 1815, e nos da Convenção de Pariz de 28 de Agosto de 1817, isto é, o Príncipe Regente do Reino de Portugal e do Brazil restituio ao Rei da França « a Guyana Franceza até ao rio Oyapoc, cuja embocadura está situada entre o quarto e o quinto gráo de latitude septentrional, limite que Portugal sempre considerou ser o que havia sido fixado pelo Tratado de Utrecht. [...] Portugal ficou assim mantido na posse do territorio contestado, devendo o litigio ser depois resolvido amigavelmente [...].

A linha extrema da pretensão franceza para Oéste ficou sendo aquelle meridiano de 322º a Leste da Ilha do Ferro, isto é, 58º a Oéste de Pariz²⁵⁵.

Depois da longa nota de Rio Branco tratando da questão dos Tratados. Reclus prosseguiu afirmando que o Brasil herdeiro de Portugal, formulou as mesmas reivindicações, pedindo também a fronteira do Oiapoque como limite; não obstante, ele propôs que se pusesse termo ao litígio tomando o Calçoene por limite²⁵⁶.

²⁵⁵ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 475-476.

²⁵⁶ Rio Branco anotou que o Brasil: Propoz em 1856, como *transacção*, mas sustentando então, como sempre, que o limite de direito é o Oyapoc ou Vicente Pinson. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 476.

quatro annos depois, os Brasileiros fundaram a colonia militar D. Pedro Segundo, na margem esquerda do Araguay²⁵⁸. Uma convenção decido que as potencias rivaes evacuassem o territorio em litigio, e a França abandonou com effeito a sua posição no Amapá; mas o Brasil manteve a zona de territorio occupada²⁵⁹, e mesmo, em 1860, fez acto de dominação politica no norte do Araguay, até ao Tartarugal²⁶⁰. [...]

Neste trecho do texto, nos aproximamos de um fato histórico e político curioso descrito por Reclus:

[...] A região, outr'ora deserta, se foi povoando pouco a pouco; algumas aldeias se formaram, e os habitantes, na maior parte desertores e fugitivos brasileiros aos quaes a independencia deveria bastar, procuraram sahir d'esse estado de indivisão politica. Varias vezes elles pediram para que os annexassem á Guyana Franceza, principalmente em 1883, por occasião da visita do explorador Coudreau. Finalmente, em 1886, os residentes de Cunany, principal aldeia do contestado septentrional, decidiram proclamar a sua autonomia politica; era-lhes preciso, porém, um presidente francez, e Pariz divertiu-se com a historia de um honrado geographo de Vanves transformado subitamente em chefe de um Estado de nome até então desconhecido, e que se rodeou immediatammente de uma côrte, constituiu ministerio e fundou uma ordem nacional, a *Estrella de Cunany*, com um pessoal de commendadores, grã-cruzes, officiaes e cavalheiros

RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 476.

²⁵⁸ Segundo anotou Rio Branco: O Brasil tinha o direito de fundar postos militares em um territorio que continuou a ser possessão sua, em virtude das estipulações de 1815 e 1817, até decisão amigavel do litigio. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 476.

²⁵⁹ Rio Branco reclamou que: A evacuação do posto francez do Amapá não foi precedido de convenção alguma. O Governo Francez, que desattendera ás reclamações do Brasil, attendeo incondicionalmente ás da Grã-Bretanha. Um anno depois da evacuação do Amapá pelos Francezes foi que Guizot declarou, em Despacho de 5 de Julho de 1841 á Legação Franceza no Rio de Janeiro, que « il doit être bien entendu que le *status quo* actuel, en ce qui concerne l'*inoccupation du poste de Mapa* » (Amapá) « sera strictement maintenu, jusqu'à ce qu'on soit parvenu à se concilier sur l'objet principal du litige ». O Governo Brasileiro, por uma nota de 18 de Dezembro de 1841, declarou-se prompto para encetar em Pariz negociações que puzessem termo ao litigio. É a essa troca de notas, que se deo o nome de accordo de 1841. Desde então ficou neutralizada a parte do territorio contestado comprehendida entre o posto evacuado e o Oyapoc, como disse muito bem o Sr. E. Levasseur n'este trecho do *Brésil da Grande Encyclopédie*: – « ... e o accordo de 1841, sobre o *status quo*, declarou neutro o territorio entre o Amapá e o Oyapoc ». Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 476-477.

²⁶⁰ Sobre esta região Rio Branco afirmou: O territorio entre o Tartarugal e o Araguay não foi neutralizado, nem em 1841, nem posteriormente. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 477.

superior em numero ao dos habitantes da capital da republica. Esse governo durou pouco: alguns mezes depois o ministro destituia o presidente da nova comunidade politica. O Estado independente de Cunany tinha desaparecido²⁶¹.

Sobre a República de Cunany, Rio Branco anotou as seguintes palavras, como também, apresentou outras que reforçavam seus argumentos:

O preto Trajano e alguns outros, mas a quasi totalidade dos habitantes tem manifestado, sempre que se offerece occasião, os seus sentimentos brasileiros. O major E. Peroz, commandante das tropas na Guyana Franceza, disse o seguinte no seu Relatorio datado de Cayenna, em 27 de Maio de 1895: – « Les 8 ou 10 000 habitants fixés actuellement sur le Contesté sont Brésiliens de coeur et patriotes dans l'âme». ²⁶²

Reclus prosseguiu o texto com novas críticas aos diplomatas que desejam decretar a história, porque:

Quaesquer que sejam as convenções que os diplomatas concluem ou as decisões que os interessados tomem, a solução está imminente, porque a região, outr'ora solidão sem valor apreciavel, está hoje conhecida, graças ás explorações de Coudreau²⁶³, e os seus recursos despertam a cubiça dos vizinhos do Norte e do Sul. A população²⁶⁴, avaliada em 1 500 habitantes por ocasião da proclamação da ephemera independencia, elevava-se ao dobro seis annos depois, e o commercio annual já attinge um milhão e meio de francos. Os vapores costeiros que fazem o serviço de todo o litoral sul-americano, de escala em escala, são ainda

²⁶¹ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 477.

²⁶² RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 477.

²⁶³ Rio Branco contrapõem as palavras de Reclus afirmando que: Além de Coudreau, outros exploradores podem ser citados, e entre elles o capitão-tenente Costa Azevedo (depois almirante e Barão de Ladario), que de 1858 a 1861, em comissão do Governo Brasileiro, explorou todo o territorio comprehendido entre o Oyapoc e o Araguay, o engenheiro Gonçalves Tocantins, o professor Emilio Goeldi, e o capitão Felinto Alcino Braga Cavalcanti, que explorou o Alto Araguay, o seu affluente Mapary ou Amapary e os principaes tributarios d'esses dois rios. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 477-478.

²⁶⁴ Nesta nota Rio Branco corrigiu Reclus: A população da parte do territorio contestado, comprehendida entre o Oyapoc e o Araguay, deve ser hoje (1897) de uns 10 000 habitantes. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 478.

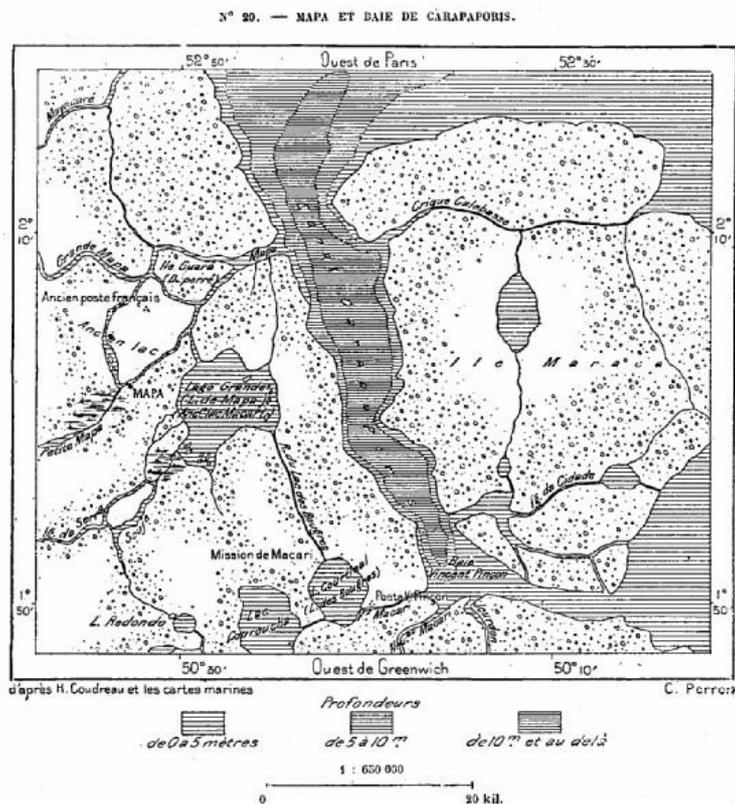
desconhecidos entre a foz do Oyapoc e a do Mapá²⁶⁵; todavia uma navegação activa é feita por uma especie de pequenas escunas que os indios denominam « tapuias ». Estas embarcações, de 5 a 10 toneladas, são de construcção indigena; a este respeito os Guyanenses independentes são mais industriosos do que os habitantes da Guyana Franceza. As suas pequenas enseadas fluviaes, com barras de pouco fundo, só dão entrada franca a navios de pequeno calado, mas a natureza deo-lhes o melhor ancoradouro da costa entre o Orenoco e o Amazonas: a profunda bacia do Carapaporis que se abre a Léste da ilha de Maracá e que foi em época pouco remota a bocca do Araguay²⁶⁶. Este lugar de refugio, aberto nos perigosos mares em que estronhoa a pororoca, póde se tornar um dos ancoradouros mais frequentados do Atlantico.²⁶⁷

²⁶⁵ Rio Branco anotou: Mapá nos documentos francezes, Amapá nos brasileiros. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 478.

²⁶⁶ No início desta nota, Rio Branco deixou aflorar palavras críticas anotadas no texto do *sabio geographo francez*. Essas palavras também podem ser interpretadas como motivadoras das demais anotações presentes no *Appendice*. Anotou Rio Branco: Esta informação, acceita sem exame pelo douto E. Reclus, não é exacta. A foz do Araguay já estava situada no mesmo lugar, ao Sul do Cabo Raso (antigo Cabo Corso), em 1596, quando o inglez Lawrence Keymis, pela primeira vez, tornou conhecido o nome indigena – *Arrowari*. – Isso se póde verificar, não só na relação de Keymis (*A Relation of the second voyage to Guiana*, Londres, 1596) e na de Robert Harcourt (*A Relation of a voyage to Guiana*, Londres, 1613), mas também, e muito melhor, no mappa manuscripto da Guiana, desenhado em Londres em 1608 por Gabriell Tatton á vista dos trabalhos de exploração que acabavam de trazer os companheiros de Robert Harcourt. N'esse mappa o rio « *Arowary* » desenbocca ao Sul de « *Point Perilous* » (Cabo Raso), ao Norte do qual ficam as grandes ilhas de « *Carapaporough* » (Carapaporis, ou Maracá, ou ilha do Cabo do Norte). Depois, do Sul para o Norte, estão as embocaduras dos rios « *Maicary* » (Mayacaré), « *Coshebery* » (Calçoene ou Carsewenne), « *Comawiny* » (Cunany), « *Cassiporough* » (Cassiporé ou Cachipour), o « *Cape Sicell* » (C. Cecyl ou Cabo d'Orange), e as embocaduras do « *Arracow* » (Arucaú) e do « *Wiapoco* » (Uayapoco ou Oyapoc). Cumpre notar que no mappa está assignalado o ponto do Baixo Araguay a que chegou a exploração realisada em 1608, subindo o rio, pelos capitães Michael Harcourt e Edward Harvey. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 478-479.

²⁶⁷ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 478-479.

Mapa 10. Mapa (Amapá) e Baía do Carapaporis, a partir da *Nouvelle Geographie Universelle* (1894) de Élisée Reclus.



fonte: RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. La Terre et Les Hommes. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX, 1894, p. 87.

Reclus continuou o texto com uma descrição das práticas dos habitantes:

Os Cunanienses não exploram as alluviões auríferas dos valles, mas as suas grandes savanas lhes permitem possuir vastos curraes, segundo Coudreau, conta-se uns 18 000 bois entre o Oyapoc e o Araguay: a criação de gado se estende mesmo fóra do continente, na ilha de Maracá, outr'ora completamente deserta. A pesca é muito proveitosa: os lagos são ricos em pirarucús, que, depois de seccos, são vendidos nos mercados de Cayena e do Pará. Os pescadores arpoam também o peixe boi, apanham as tartarugas, e matam os machoirans para extrahir-lhes a colla de

peixe, e os habitantes dos mattos extraem a borracha e outras gommas preciosas.²⁶⁸

Continuou Reclus afirmando que a ocupação da:

A população, cujos dois terços, aproximadamente são de origem brasileira²⁶⁹, fala geralmente o idioma portuguez; todavia o dialecto creoulo francez de Cayena, mesclado de termos indios é geralmente conhecido. Portuguezes, Martinicanos e creoulos francezes constituem o outro terço com os mestiços indigenas que outr'ora eram os unicos habitantes d'essa região. Estes ultimos são conhecidos sob o nome de Tapuyos, palavra que na « lingua geral » ou tupy do Brasil significa « estrangeiro » « inimigo », e que acabou por se aplicar indistinctamente a todos os Indios sedentarios das margens do Amazonas, e até aos mestiços cuja côr da pelle é diferente da d'elles.²⁷⁰

Reclus prosseguiu com palavras sobre a ocupação territorial:

A pressão politica faz-se sentir sobretudo do lado do Brasil, servindo a colonia militar de Pedro Segundo de ponto de apoio para a tomada de posse gradual do território; o proprio districto de Apurema, com suas grandes savanas e suas fazendas de gado que se estendem ao norte do Araguay, a ródá do Lago Novo, tornou-se uma simples dependencia administrativa de Macapá. Os Brasileiros avançaram muito além, na direção do Amapá, onde fundaram a colonia Ferreira Gomes²⁷¹. Pelo contrario, do lado da Guyana franceza, as terras em parte alagadas, que atravessam o Uaçá e o Cassiporé, contam-se entre as mais desertas do territorio contestado. Não obstante, o comercio de Cunany e de Amapá dirige-se mais para Cayenna do que para o Pará²⁷²: a razão está na maior proximidade do mercado de Cayenna e em que o seu acesso oferece menos perigos. Do outro lado abre-se o perigoso

²⁶⁸ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 479.

²⁶⁹ Rio Branco contrapõe Reclus: A população fixa é toda de origem brasileira. Só no Calçoene ha como população fluctuante e adventicia, composta não só de Brasileiros, como tambem de estrangeiros de diferentes nacionalidades. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 479.

²⁷⁰ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 479.

²⁷¹ Nesta nota Rio Branco contesta Reclus afirmando que: A colonia Ferreira Gomes foi fundada á margem direita do Araguay, fóra, portanto, do território contestado. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 480.

²⁷² Conforme Rio Branco: Era assim antigamente, mas não agora, desde alguns annos. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 480.

golfo do « mar doce », com as suas ilhas, suas correntes, suas marés baixas e seus mascaréos.²⁷³

Prosseguiu Reclus com palavras sobre os agrupamentos humanos:

As tres aldeias do norte, Arucaná, Curipy e Uaçá²⁷⁴, na bacia do mesmo nome, são apenas pobres agrupamentos de palhoças, em torno das quaes erram os Indios Paricuras (Palicour) e Aruãs; Cassiporé apenas abriga em seus ranchos uma dezena de familias. Os dois burgos propriamente ditos estão no sul: Cunany, que deu o seu nome á republica independente e foi a sua capital²⁷⁵, e Amapá, perto do qual os Franceses haviam construido o seu fortim em 1836, e que é o estabelecimento mais proximo do ancoradouro de Carapaporis. Algumas casas de madeira e de tijolo apparecem por cima das habitações cobertas de folhas de palmeira, mas cada uma das duas localidades tem a sua escola e o estado intellectual e moral da população em nada differe do que se observa nas regiões vizinhas [...]. Em 1890, um serviço de vapores foi estabelecido entre o Pará e a foz do Amapá, tendo por escala a ilha Bailique, na entrada do golpho amazonico.²⁷⁶

Por fim, Reclus escreveu:

Todos esses pequenos centros de população se constituíram administrativamente em capitánias com um primeiro capitão, um segundo capitão e um sargento, prepostos que se consulta « quando elles têm algum valor pessoal » mas cujas ordens ficam sem effeito quando elles desagradam aos cidadãos. Póde-se dizer que n'essas minusculas comunidades sómente a unanimidade tem força de lei. Os funcionarios são nomeados e demittidos por aclamação nas assembléas publicas.²⁷⁷

²⁷³ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 479-480.

²⁷⁴ Segundo anotou Rio Branco: O autor, como os Francezes, escreve assim esses tres nomes: Rocaoua, Couripi e Ouassa. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 480.

²⁷⁵ Sobre este tema anotou Rio Branco: A « Republica de Cunany » imaginada em Pariz, e especialmente em Vanves, nunca chegou a ser conhecida em Cunany e no Territorio contestado. Os diferentes nucleos de população, – Amapá, Cunany, Cassiporé, Uaçá, Curipy, Arucauá, – sempre tiveram os seus chefes ou governos particulares, de sorte que nunca houve n'essa região uma capital. Cf. RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 480.

²⁷⁶ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 480.

²⁷⁷ RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900, p. 481.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentado no início desse trabalho, nosso objetivo foi estudar a geografia do Brasil de Reclus, a partir do capítulo *États-Unis du Brésil* do tomo XIX da *Nouvelle Géographie Universelle* em cotejo com a sua tradução *Estados Unidos do Brasil*. De alguma forma, nosso objetivo se aproxima do estudo do que Ruy Moreira chamou de “matrizes clássicas originárias”²⁷⁸, contudo, restrito a Reclus.

Nossa escolha em estudar o Brasil de Élisée Reclus, se deu por alguns motivos já apresentados, e acreditamos poder se somar um outro no espírito das palavras de Ítalo Calvino: “A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos”²⁷⁹.

Nesse sentido, caminhou esse trabalho quando buscamos reconstituir o contexto da viagem de Reclus ao Brasil; no mapeando das instituições científicas que visitou e na anatomia das práticas de seus sócios nas sessões de recepção do geógrafo francês que indicavam que mesmo o país vivendo um novo regime político os partidários da Monarquia ainda conseguiam concessões da República; estudamos as breves *explorações instrutivas* do “geógrafo experimentador”²⁸⁰ ao interior do Estado de São Paulo e no Rio de Janeiro; localizamos os agradecimentos aos brasileiros com quem trabalhou para escrever o capítulo do Brasil, e por fim, das sinceras e eurocentricas cartas tropicais de Reclus.

Continuamos com o mapeamento dos fundamentos científicos e filosóficos do geógrafo francês que possibilitou pequeno aprofundamento na interpretação da influência de uma escola nacional de geografia em outra, ou seja, visualizar que Reclus inscreve-se como um “geógrafo ritteriano”²⁸¹; efetuamos a compreensão

²⁷⁸ MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro**, v. 1: as matrizes clássicas originárias. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 10.

²⁷⁹ CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.16.

²⁸⁰ ALAMBERT Jr., Francisco Cabral. **Civilização e Barbárie, História e Cultura**: representações culturais e projeções da “Guerra do Paraguai” nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República. 1998. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, p. 121.

²⁸¹ RAMÍREZ Palacios, David Alejandro. **Élisée Reclus e a Geografia da Colômbia**: cartografia de uma interseção. 2010. 234 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 148.

que a *NGU* está alinhada ao espírito das enciclopédias geográficas universais que marcaram o século XIX por também ser resultado da sistematização do conhecimento das diferentes latitudes e longitudes da Terra; A partir dos sumários da *NGU* e de *EUB* realizamos uma breve descrição e análise da regionalização do Brasil compreendendo esse tema como síntese de outros dois: hidrografia e território, que constituem-se como alguns dos elementos centrais do método geográfico de Reclus; e, finalmente, estudamos a cartografia e a iconografia do Brasil de *EUB* produzidos por Charles Perron e outros colaboradores que tão bem representaram o “pensamento imagético da época”²⁸² elaborando “miniaturas da realidade”²⁸³.

Com isso, chegamos ao Brasil de Reclus. Efetuamos um breve estudo do contexto de sua tradução e publicação, que pode ser entendido que se inicia com um fato anterior a sua viagem ao Brasil, ou seja, a publicação do *Le Brésil* em 1889 por Émile Levasseur e outros autores, nesse contexto está a assinatura do Tratado de Arbitramento de 10 de abril de 1897 entre Brasil e França acerca da fronteira Guiana / Amapá, passando pela eleição de Reclus como sócio correspondente estrangeiro²⁸⁴ na “Casa de Machado de Assis” e a publicação do Laudo Arbitral na Questão do Amapá de 1900²⁸⁵; um detalhamento se fez com o exame bibliométrico das referências tropicais de Reclus que apontou que Orville A. Derby possui a maior quantidade de citações em *EUB* acerca de temas geográficos e que, por sua vez, Francisco Adolpho de Varnhagen teve a maior quantidade de citações em história no Brasil de Reclus. Contudo, outros 45 autores são referências de temas brasileiros em *EUB*; novamente com a ajuda da bibliometria nos autoriza afirmar que a interpretação de que uma tradução pode ser material para várias dissensões, mais especificamente 152 dissensões. E, por

²⁸² ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras “visões iconográficas” do Brasil moderno. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 13, n. 2, jul.-dez. 2005, p. 21.

²⁸³ ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras “visões iconográficas” do Brasil moderno. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 13, n. 2, jul.-dez. 2005, p. 31.

²⁸⁴ ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Ata da sessão de 25 de outubro de 1898**. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br>>. Acesso em: 31 jul. 2009.

²⁸⁵ GARCIA, Eugênio Vargas (org.). **Diplomacia brasileira e política externa**: documentos históricos (1493-2008). Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 344.

fim, estudamos a publicação de um apêndice em uma obra com tantas divergências esse apêndice não poderia estar afastado desse universo, nesse sentido, entendemos que a controvérsia entre Reclus-Rio Branco com o texto *Território contestado franco-brasileiro* acerca do estabelecimento da fronteira entre Guiana e o Amapá representa outra grande dissensão.

Várias questões podem emergir desse tema, desse estudo. No entanto, nesse momento, nos contentamos com uma: pode uma Geografia Universal ser elaborada a partir do modelo civilizacional francês?

Beatrice Giblin em seu artigo²⁸⁶ expressa sua visão acerca do caso de Reclus com a Argélia como “um caso ambíguo”²⁸⁷, por sua vez, Yves Lacoste desse mesmo modo, escreveu em uma nota de rodapé:

[...] Quant à la position de Reclus à la l'égard de la colonisation en Algérie, elle était fort ambiguë, dans la mesure où pour lui il s'agissait de petits colons qui travaillaient dur de leurs mains et non pas de grands planteurs comme dans la plupart des autres colonies.²⁸⁸

Acreditamos que essas visões devem ser debatidas e superadas para atingirmos o mapeamento da diversidade da experiência humana sobre a Terra, para assim também entendermos seu significado intrínseco e suas diferentes modalidades ao mesmo tempo preocupando-se com uma dimensão mundial da geografia (BERDOULAY; VARGAS, 2003b).

²⁸⁶ GIBLIN, Béatrice. Élisée Reclus et la colonisation. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.- sept. 1981, p. 56-79.

²⁸⁷ GIBLIN, Béatrice. Élisée Reclus et la colonisation. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.- sept. 1981, p. 58.

²⁸⁸ LACOSTE, Yves. Géographicité et géopolitique : Élisée Reclus. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.-sept.1981, p. 38.

REFERÊNCIAS

Fontes Básicas

Biblioteca Florestan Fernandes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo:
Seção de Obras Raras.

Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

Fundação Biblioteca Nacional:

Seção de Obras Raras.

Seção de Periódicos.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Sociedade Brasileira de Geografia.

Academia Brasileira de Letras.

Centro de Documentação do Departamento de Comunicações e Documentação do Ministério das Relações Exteriores:
Seção do Arquivo Histórico.

Periódicos

Cidade do Rio, 1893.

Diário de Notícias, 1893.

O Fluminense, 1893.

Gazeta da Tarde, 1893.

Gazeta de Notícias, 1893.

Jornal do Commercio, 1893.

Jornal do Brasil, 1893.

O Paiz, 1893.

Reformador, 1893.

Bibliográficas

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Acta da sessão de 28 de janeiro de 1897**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br>>. Acesso em: 31 jul. 2009.

_____. **Ata da sessão de 25 de outubro de 1898**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br>>. Acesso em: 31 jul. 2009.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. **Assembléia Geral de 21 de Outubro de 1838**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1838.

_____. **ATA DA 7ª SESSÃO ORDINÁRIA EM 16 DE JUNHO DE 1893**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1893.

_____. **ATA DA 8ª SESSÃO ORDINÁRIA EM 30 DE JUNHO DE 1893**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1893.

LEVASSEUR, Émile. **O Brasil** por E. Levasseur; com a colaboração de Barão do Rio Branco, Eduardo Prado, Visconde de Ourém, Henri Gorceix, Paul Maury, E. Trouessart e Zaborowski; Apêndice por E. Glasson. Rio de Janeiro: Bom Texto e Letras & Expressões, 2000.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Directoria Geral de Estatística. Estudos da Comissão da Carta Geographica do Brazil. **Republica dos Estados Unidos do Brazil**, 1889.

RECLUS, Élisée. Considerations générales. In : _____. **Nouvelle Géographie Universalle**. L'Europe Méridionale : Grèce, Turquie, Roumanie, Serbie, Italie, Espagne et Portugal. Paris : Hachette, Tome I; 1876, p. 1-8.

_____. **Nouvelle Géographie Universalle**. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX; 1894.

_____. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, statistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

_____. **Correspondance**, Tome III et dernier. Septembre 1889 - Juillet 1905. Paris : Alfred Costes, 1925.

RITTER, Carl. De la configuration des continents sur la surface du globe, et leurs fonctions dans l'histoire. **Revue germanique**, v. 8, n. 11, 1859, p. 241-267.

SILVA, Moacir M. F. Geografia dos Transportes no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Ano I, n. 2, p. 84-97, Abr. 1939.

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO, Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, "**Ata da Sessão de Fundação da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro**". Rio de Janeiro, t. 1, n. 1, 1885, p. 178.

_____. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, "**Mr. Elysée Réclus: Sessão extraordinaria da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro em honra ao sabio geographo francez**". Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

_____. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, "**Mr. Elysée Réclus: Discurso do Sñr. Marquez de Paranaguá, presidente da Sociedade**". Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

_____. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, "**Mr. Elysée Réclus: Extracto do discurso do Sñr. Elysée Réclus, distincto geographo francez**". Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

_____. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, "**Mr. Elysée Réclus: Discurso do Sñr. Barão Homem de Mello, orador nomeado para a recepção do illustre geographo**". Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

_____. Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, "**Mr. Elysée Réclus: Conferencia pelo Sñr. Dr. Torquato Tapajós, em honra ao distincto geographo, sobre o valle do Amazonas**". Rio de Janeiro, t. 11, n. 1-4, 1895.

Livros, Artigos, Dissertações e Teses

AB'SABER, Aziz e CHRISTOFOLETTI, Antonio. Geociências. In: FERRI, Mário; MOTOYAMA, Shozo (org.). **História das Ciências no Brasil**. 3 v., São Paulo: EDU/EDUSP, 1979, p. 117-238.

ALAMBERT Jr., Francisco Cabral. **Civilização e Barbárie, História e Cultura: representações culturais e projeções da “Guerra do Paraguai” nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República**. 1998. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ANDRADE, Manuel Correia de. O pensamento geográfico e a realidade brasileira. In: SANTOS, Milton (org.). **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1982, p. 181-201.

ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985. (Coleção Grandes Cientistas Sociais; 49)

ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras “visões iconográficas” do Brasil moderno. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 21-72, jul.-dez. 2005.

ASSIS, Jesus de Paula. Kuhn e as ciências sociais. **Estudos Avançados**. n. 19, vol. 7, set./dez., 1993, p. 133-164.

BASALLA, George. La Difusión de la Ciencia Occidental. **Cuadernos del Seminario**. vol. 3, n. 1/2, Ene-Dic, 1997.

BERDOULAY, Vincent. **La Formation de L'École Française de Géographie (1870-1914)**. Paris : Bibliothèque Nationale, 1981.

_____. A abordagem contextual. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 47-56, jul./dez. 2003a.

BERDOULAY, Vincent; VARGAS, Héctor Mendoza. Por una historia mundial de la geografía. In: _____. **Unidad y diversidad del pensamiento geográfico en el mundo**. Retos y perspectivas. México: UNAM; INEGI; UGI, 2003b, p. 9-17.

BOINO, Paul. O pensamento geográfico de Élisée Reclus. In: RECLUS, Élisée. **Da**

ação humana na geografia física; Geografia comparada no espaço e no tempo. São Paulo: Expressão & Arte: Editora Imaginário, 2010.

BRITO, Edson Machado de. **Do sentido aos significados do presídio de Clevelândia do Norte:** repressão, resistência e a disputa no debate da imprensa. São Paulo, 2008, 92 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Seis propostas para o próximo milênio:** lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAPEL, Horacio. **Ciencia y filosofia en la geografia contemporánea.** Barcelona: Barcanova, 1981.

_____. Historia de las ciencias e historia de las disciplinas científicas. Objetivos y bifurcaciones de un programa de investigación sobre historia de la geografia. **Geo Crítica:** Cuadernos Críticos de Geografia Humana. Ano XIV, n. 84, diciembre 1989.

_____. **Geografia contemporânea:** ciência e filosofia. Maringá: Eduem, 2010.

CARDOSO, Fernando Henrique. Dos governos militares a Prudente – Campos Sales. In: FAUSTO, Boris (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira.** Tomo III O Brasil Republicano. 1º Volume Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). São Paulo: Rio de Janeiro: DIFEL, 1977.

CARDOSO, Luciene P. Carris. A visita de Élisée Réclus à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. **Revista da Sociedade Brasileira de Geografia,** Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas:** o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil:** mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo,

CODELLO, Francesco. Élisée Reclus: educação e natureza. In: CODELLO, Francesco. **“A boa educação”:** experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neil. v. 1, São Paulo: Imaginário: Ícone, 2007, p. 187-229.

CREAGH, Ronald. Reclus, ou a grande narrativa da Terra. In: RECLUS, Élisée. **Do sentimento da natureza nas sociedades modernas**. São Paulo: Expressão & Arte: Editora Imaginário, 2010.

DANTES, Maria Amélia M. A implantação das ciências no Brasil. Um debate historiográfico. In: ALVES, José Jerônimo de Alencar (org.). **Múltiplas faces da história das ciências na Amazônia**. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2005a, p. 31-48.

_____. As ciências na história brasileira. **Ciência e Cultura**. v. 57, n. 1, Jan./Mar. 2005b, p. 26-29.

DUARTE, Regina Horta. Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Élisée Reclus, **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, 2006, p. 11-24.

DUNBAR, Gary S. **Élisée Reclus: Historian of nature**. Hamden: Archon Books, 1978.

ECO, Umberto. **Como se Faz uma Tese**. 17ª edição, São Paulo: Perspectiva, 2002.

ESCOLAR, Marcelo. **Crítica do discurso geográfico**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

FERRETTI, Federico. Élisée Reclus, le géographe qui n'aimait pas les cartes. **Les blogs du Diplo**, Paris, 2007. Disponível em: <<http://blog.mondediplo.net/2007-11-11-Elisee-Reclus-le-geographe-qui-n-aimait-pas-les>>. Acesso em: 31 mar. 2010.

_____. Charles Perron, cartographe de la « juste » représentation du monde. **Les blogs du Diplo**, Paris, 2010. Disponível em: <<http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>>. Acesso em: 31 mar. 2010.

FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. **As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

FOUCAULT, Michel. Sobre a geografia. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 27ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 43ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. (Estudos latino-americanos, v. 12)
- GANGER, Stéphane. Guiana francesa, um território europeu e caribenho em via de “sul-americanização”?. **Confins**, Paris, São Paulo, n. 4, 2008. *Open access*. Disponível em: <<http://confins.revues.org/5003>>. Acesso em: 01 ago. 2011.
- GARCIA, Eugênio Vargas (org.). **Diplomacia brasileira e política externa: documentos históricos (1493-2008)**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- GIBLIN, Béatrice. Élisée Reclus : géographie, anarchisme. **Hérodote**, n. 2, Paris : François Maspero, avril-juin 1976, p. 30-49.
- _____. Élisée Reclus, 1830-1905. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.- sept. 1981, p. 6-12.
- _____. Élisée Reclus et la colonisation. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.- sept. 1981, p. 56-79.
- GOMES, Roberto. **Crítica da razão tupiniquim**. São Paulo: FTD, 1990.
- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 156 (388), jul./set. 1995, p. 459-613.
- HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In: NOVAES, Adauto. (org.) **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
- HOBSBAWM, Eric J. **A era do capital**, 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- _____. **A era dos impérios**, 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- KORINMAN, Michel. Carl Ritter (1779-1859). Un des premiers grands géographes universitaires. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.- sept. 1981, p. 129-148.
- KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LACOSTE, Yves. A Geografia In: CHÂTELET, François. (org.). **História da Filosofia, Idéias, Doutrinas (A Filosofia das Ciências Sociais)**. v. 7, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.

_____. Géographicité et géopolitique : Élisée Reclus. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.-sept.1981, p. 14-55.

_____. **A Geografia - Isso Serve, em Primeiro Lugar, para Fazer a Guerra**. Campinas: Papyrus, 1988.

_____. Élisée Reclus, une très large conception de la géographicité et une bienveillante géopolitique. **Hérodote**, n. 117, Paris : Éditions La Découverte, oct.-déc. 2005, p. 29-52.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000. (Biblioteca básica)

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil Descobre a Pesquisa Científica**: Os Museus e as Ciências Naturais no Século XIX. São Paulo: HUCITEC, 1997.

LOPES, Milton. Elisée Reclus e o Brasil. **GEOgraphia**. Niterói: UFF/EGG, v. 11, n. 21, 2009.

MACHADO, Lia Osório. Artificio Político en los origenes de la unidad territorial de Brésil. In: CAPEL, Horacio (org.). **Espacios Acotados. Geografia y dominación social**. Barcelona: Barcanova, 1989, p. 213-237.

_____. Origens do Pensamento Geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930) In: CASTRO, Iná Elias et alii. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995, p. 309-352.

MEYNIER, André. **Histoire de la Pensée Géographique en France (1872-1969)**. Paris : Presses Universitaires de France, 1969.

MIYAHIRO, Marcelo A. A viagem científica de Élisée Reclus ao Rio de Janeiro da Primeira República. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, 2., 2009, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2009. Disponível em : <<http://enhpgee.wordpress.com/trabalhos>>. Acesso em : 01 ago. 2011.

MOLLIER, Jean-Yves. Les mutations de l'espace éditorial français du XXIIIe au XXe siècle. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, v. 126-127, p. 29-38, mars 1999.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Contribuição para uma História Crítica do Pensamento Geográfico**: Alexandre von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel. São Paulo, 1983, 508 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983a.

_____. **Geografia**: Pequena História Crítica. São Paulo: HUCITEC, 1983b. (Série "Linha de Frente")

_____. **Ideologias Geográficas**: Espaço, Cultura e Política no Brasil. São Paulo: HUCITEC, 1988. (Série "Linha de Frente")

_____. Notas sobre a identidade nacional e institucionalização da Geografia no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991, p. 166-176.

_____. História Social da Geografia no Brasil: elementos para uma agenda de pesquisa. Anais do I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, Rio Claro: FUNDUNESP, 1999, p. 17-23.

_____. **Território e História no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2004. (Geografia e Adjacências)

_____. **Geografia histórica do Brasil**: cinco ensaios, uma proposta e uma crítica. São Paulo: Annablume, 2009. (Geografia e Adjacências)

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção primeiros passos; 48)

_____. **O pensamento geográfico brasileiro**, v. 1: as matrizes clássicas originárias. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MOSQUETE, Teresa Vicente. Geografía y educación. Eliseo Reclus y su labor geográfica en la Universidad Nueva de Bruselas. In: BERDOULAY, Vincent; VARGAS, Héctor Mendoza (ed.). **Unidad y diversidad del pensamiento geográfico en el mundo**. Retos y perspectivas. México: UNAM; INEGI; UGI, 2003, p. 249-270.

- MURARI, Luciana. **Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país D'os Sertões**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2007.
- PELLETIER, Philippe. A cidade e a geografia urbana em Élisée Reclus e sua época. In: RECLUS, Élisée. **Renovação de uma cidade; Repartição dos homens**. São Paulo: Expressão & Arte: Editora Imaginário, 2010.
- PEREIRA, José Veríssimo da Costa. A Geografia no Brasil. In: AZEVEDO, Fernando (org.). **As ciências no Brasil**. v. 1, São Paulo: Melhoramentos, 1955, p. 315-412.
- PEREIRA, Sergio Luiz Nunes. **Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro: origens, obsessões e conflitos (1883-1944)**. 2002. 186 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- PETRONE, Pasquale. Geografia Humana. In: FERRI, Mário; MOTOYAMA, Shozo (org.). **História das Ciências no Brasil**. 3 v. São Paulo: EDU/EDUSP, 1979, p. 303-330.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 45ª reimpr. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- RAMÍREZ Palacios, David Alejandro. **Las geografías de Reclus y Vergara: itinerario de una red**. 2006. 75 f. Monografía (Título de Historiador) - Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2006.
- _____. **Élisée Reclus e a Geografia da Colômbia: cartografia de uma interseção**. 2010. 234 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- REIS, Arthur César Ferreira. A ocupação portuguesa do vale amazônico. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo I A Época Colonial. 1º Volume Do Descobrimento à Expansão Territorial. São Paulo: Rio de Janeiro: DIFEL, 1976, p. 257-272.
- _____. Os Tratados de Limites. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo I A Época Colonial. 1º Volume Do

Descobrimiento à Expansão Territorial. São Paulo: Rio de Janeiro: DIFEL, 1976, p. 364-379.

RICUPERO, Rubens. **Rio Branco**: o Brasil no mundo. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRAS, 2000. (Série Identidade Brasileira)

SALDAÑA, Jose Juan. Marcos conceptuales de la historia de las ciencias en Latinoamérica. Positivismo y econominiscimo. In: SALDAÑA, Jose Juan. (Ed.) **El perfil de la ciencia en América**. Cuadernos de Quipu 1, 1986.

SANTOS, Milton. **O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1978. (Geografia: Teoria e Realidade)

_____. **Por uma Geografia Nova**: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 1978. (Geografia: Teoria e Realidade)

_____. **Técnica, Espaço, Tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: HUCITEC, 1994.

_____. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 3ª edição, São Paulo: HUCITEC, 1999.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 3ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**. Cientistas, Instituições e Pensamento Racial no Brasil: 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARTZMANN, Simon. **Um espaço para a ciência**: a formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: Ministério de Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Gutemberg de V.; RÜCKERT, Aldomar A. A fronteira Brasil-França. **Confins**, Paris, São Paulo, n. 7, 2009. *Open access*. Disponível em: <<http://confins.revues.org/6040>>. Acesso em: 01 ago. 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à Geografia** (Geografia e Ideologia). Petrópolis: Vozes, 1976.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Senador Pompeu**: um geógrafo do poder no Império do Brasil. 1997. 120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

_____. As Outras Histórias ou da Necessidade Delas. **Terra Brasilis**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 137-145, 2000a.

_____. A ciência geográfica e a construção do Brasil. **Terra Livre**. São Paulo: AGB, n. 15, p. 9-20, 2000b.

_____. Geografia nos trópicos: história dos naufragos de uma jangada de pedras? **Terra Livre**, São Paulo: AGB, n. 17, p. 119-137, 2001.

_____. História da Pequena Crítica em Geografia no Brasil. In: MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: Pequena História Crítica. 19ª edição, São Paulo: Annablume, 2003, p. 11-15.

_____. **Planos para o Império**: os Planos de Viação do Segundo Reinado (1869-1889). 2004. 192 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

TATHAM, George. A Geografia no Século Dezenove. **Boletim Geográfico**. Ano XVII, n. 150, Maio-Junho de 1959, p. 198-226.

TORRES-GARCÍA, Joaquín. La escuela del sur. In: _____. **Universalismo constructivo**: contribución a la unificación del arte y la cultura de América. Buenos Aires: Editorial Poseidón, 1944, p. 213-219.